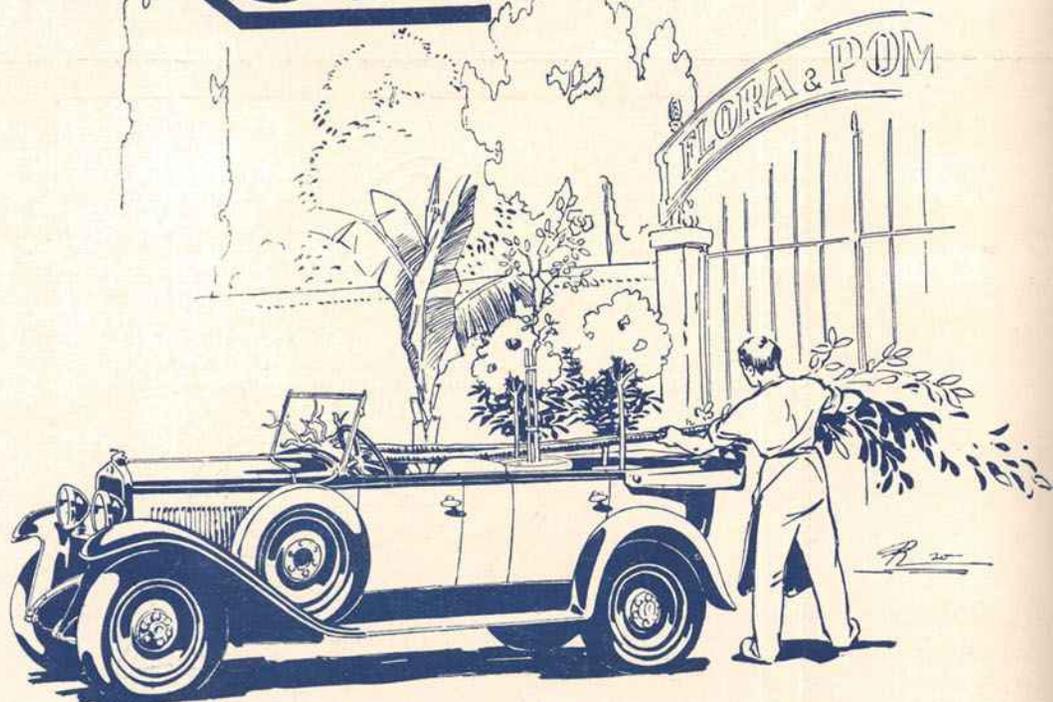


ILUSTRAÇÃO



NATAL 1930

FIAT 514 L



O VEÍCULO INDUSTRIAL

O AUTOMÓVEL DE USO DUPLO

O Torpêdo Comercial FIAT 514 L representa a solução ideal do problema do transporte rápido de fardos e mercadorias de qualquer natureza no mesmo carro que se usa para as viagens, para o transporte confortável de pessoas

Verdadeiro instrumento de trabalho, esta genial realização da FIAT apresenta-se como o meio mais sugestivo para multiplicarmos a nossa actividade, o nosso lucro, melhorando ao mesmo tempo as nossas condições de vida, gosando da liberdade, independência e comodidade que só o automóvel pode proporcionar-nos

Essencialmente indicado para negociantes, atacadistas, comerciantes em geral, viajantes com volumoso mostruário, caixeiros de praça e para a grande família dos rurais, agricultores, caçadores, etc., o Torpêdo Comercial 514 L não é um carro medíocre: é um moderno, elegante e muito cómodo automóvel, com lugares para quatro a cinco pessoas e que, em poucos minutos, se pode transformar numa prática *camionette* com a capacidade de 400 Kgs. de carga (incluindo as pessoas)

A sua elevada velocidade (superior a 75 Km. à hora), a sua impecável apresentação, a sua longa duração, o seu reduzido consumo, o seu constante valor comercial, permitem o mais intenso uso do veículo para o duplo serviço de pessoas e mercadorias, com a mesma despesa necessária para o uso e manutenção da mais económica *volturette*

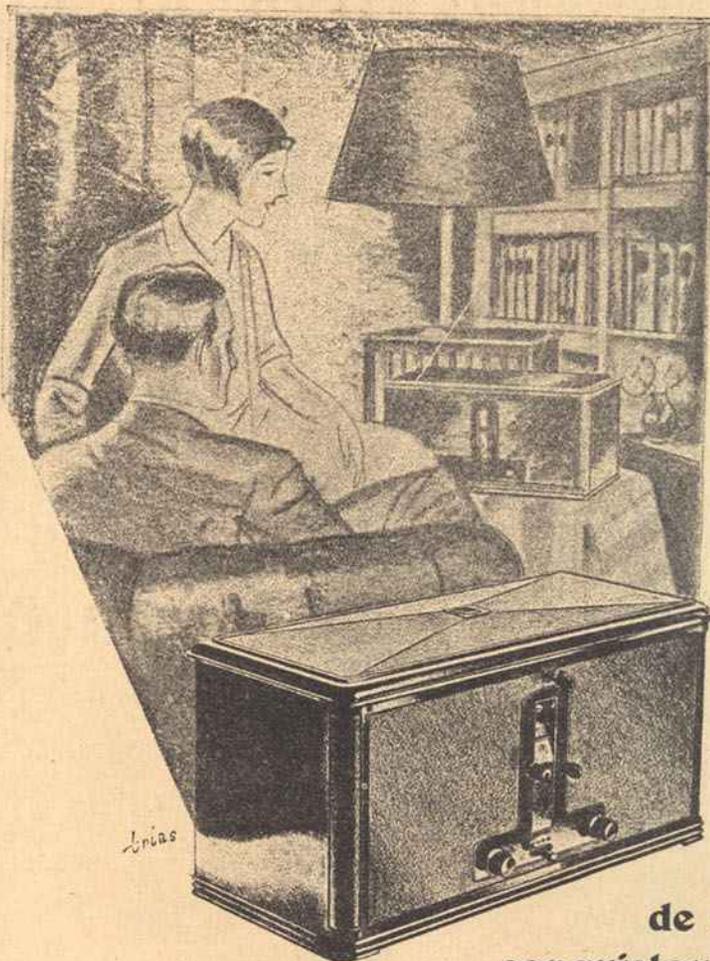
CONSUMO 12 LITROS DE GASOLINA AOS 100 KM.

Av. da Liberdade, 253
LISBOA - Tel. N. 2929

FIAT PORTUGUESA S. A.

R. St.ª Catarina, 122
PORTO - Tel. 1094

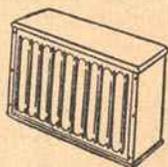
O MELHOR BRINDE DE NATAL



O
aparelho
de radio que
conquistou o mundo

TELEFUNKEN 40

O receptor europeu com selector de estações que recebe sem antena exterior qualquer emissor europeu atingível



Conjugado com um
alto-falante Telefunken
ARCOPHON

PREÇO INCLUINDO VALVULAS:

Para corrente alterna. . . 3.000\$
Para corrente continua. . 3.000\$
Para baterias 2.100\$



TELEFUNKEN

A MAIS ALTA EXPERIENCIA

A MAIS MODERNA CONSTRUÇÃO

Peça V. Ex.^a uma demonstração aos nossos agentes ou directamente á

LISBOA

Rua dos Fanqueiros, 12-16



PORTO

Rua Sá da Bandeira, 209-215

Radio Corporation of America

A maior detentora de patentes de Radio



A gravura representa Miss Eleanor Gosa gravando um disco da sua própria voz

Das formidáveis fabricas de Camden, o centro do Radio do Mundo, como é designado pelas revistas americanas, estão saindo, diariamente, cêrca de

10.000

receptores de Radio telefonia.

Só uma standardisação levada ao máximo, recursos enormissimos em capital e em aparelhagem de controle vasta e rigorosa, poderiam permitir uma série tão perfeita da sua nova aparelhagem a preços de competencia até aqui nunca vistos.



Representante exclusivos:

SOCIEDADE IBERICA DE CONSTRUÇÕES ELECTRICAS LIMITADA

Praça Luís de Camões, 36, 2.º

Telefone: 25347

L I S B O A



Já me não lembra!

Quantas vezes tendes pronunciado estas palavras, ao tentar descrever uma scena que prendeu fortemente a vossa atenção, mas cujos detalhes a vossa memória não conseguiu retêr. Como vos seria hoje agradável ter fixado a alegria ou a emoção de tantos maravilhosos instantes que fugiram para sempre!

Nada esquece a quem possui um “Kodak”

Se ainda não tendes um «Kodak», adquiri-o hoje mesmo; ele dar-vos-ha, em belas fotografias, a mais completa história da vossa vida, do encanto do vosso lar. Mas que seja bem um «Kodak»! O nome «Kodak» sobre um aparelho fotográfico, é a melhor garantia do elevado grau de qualidade que impôs, por toda a parte, e ha muitos anos, os produtos da Companhia Kodak.

Película «Kodak»

*—em embalagem amarela—
a película que, pelas qualidades inimitáveis da sua emulsão, vos garante sempre resultados perfeitos.*

Esta insignia indica que, na loja que a possui, vos darão com prazer todas as indicações para a escolha do vosso «Kodak»; ali encontrareis modelos de «Kodaks» para todos os preços, e que, se quizerdes, podereis adquirir mais facilmente em dez pequenos pagamentos mensais.



Kodak Ltd., R. Garrett, 33-Lisboa

PIANOS

(ALEMÃES)

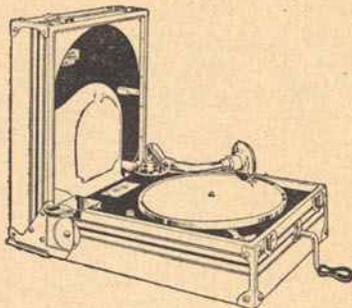
GROTRIAN-STEINWEG, SEILER,
SCHIEDMAYER, HERRMANN

Gramofones e Discos

His Master's Voice

Columbia
Parlophon
Odeon
Brunswick

MUSICAS
E DISCOS DOS
FILMES
SONOROS



SASSETTI & C.^a

54, 58, R. do Carmo - LISBOA

Muito melhor do que
eu e muito mais facilmente

**LE VÉRASCOPE
RICHARD**

dá a illusão da realidade
e do relevo.

É um aparelho
extraordinário



FORMATS
65 107 9-11 7 12



L' HOMÈOS
LE GLYPHOSCOPE
LE TAXIPHOTE

CATALOGO GRATIS A QUEM O SOLICITA

5¹⁴ A¹⁴ des Etabliss¹⁴ JULES RICHARD. 25 Rue Melineque Paris
Magasin de Vente : 7 Rue La Fayette Paris

OLHAR QUE FASCINA

Com o ondulator KURASH das pestanas

Que é um engenhoso aparelho que permite com o Fard Rodal Cosmético, em alguns segundos, arquear as pestanas tal como são vemos nas artistas de filmes norte americanos. Transforme as suas pestanas em fartas e longas com os productos VILDI-ZIENNE e ondulate-as com KURLASH. Use na toilette da noite Creme de Massagem Rainha da Hungria e da toilette diaria, Agua, Creme Rouge e Ps d'Arros da grande marca Rainha da Hungria, 5 amostras 10\$00, pelo correio 14\$00 que embelezam

Rejuvenesce, Eterniza a mocidade!

Peça catalogo gratis

ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELEZA

— As mais luxuosas instalações —

Directora: M.^{me} CAMPOS

AVENIDA DA LIBERDADE, 35



...Resolvi-me



BAYER

com o firme proposito de evitar, no futuro, as dificuldades, que, como aquela, se poderiam apresentar. O azar que o Destino me proporcionou naquele dia nefasto, foi resolvido melhor do que eu esperava. Porque agora tenho sempre em casa um tubo de CAFIASPIRINA Bayer, contendo esses maravilhosos comprimidos destinados a beneficiar a humanidade e estou livre de inquietações e posso então exclamar: Obrigado, magnificos comprimidos de CAFIASPIRINA.

... Assim pensa um como tantos outros.
Va. Exa. mesmo se convencerá.

CAFIASPIRINA

nos traz o bem estar, alivia o cerebro e não ataca o coração nem os rins.

"EVA,"

Uma linda
capa

Uma elegante primeira página
— Uma sensacional página central —
Os mais lindos figurinos

PRIMOROSA COLABORAÇÃO LITERÁRIA: Artigos, Crônicas, Critica literária, Conselhos e alvôitres, Culinária

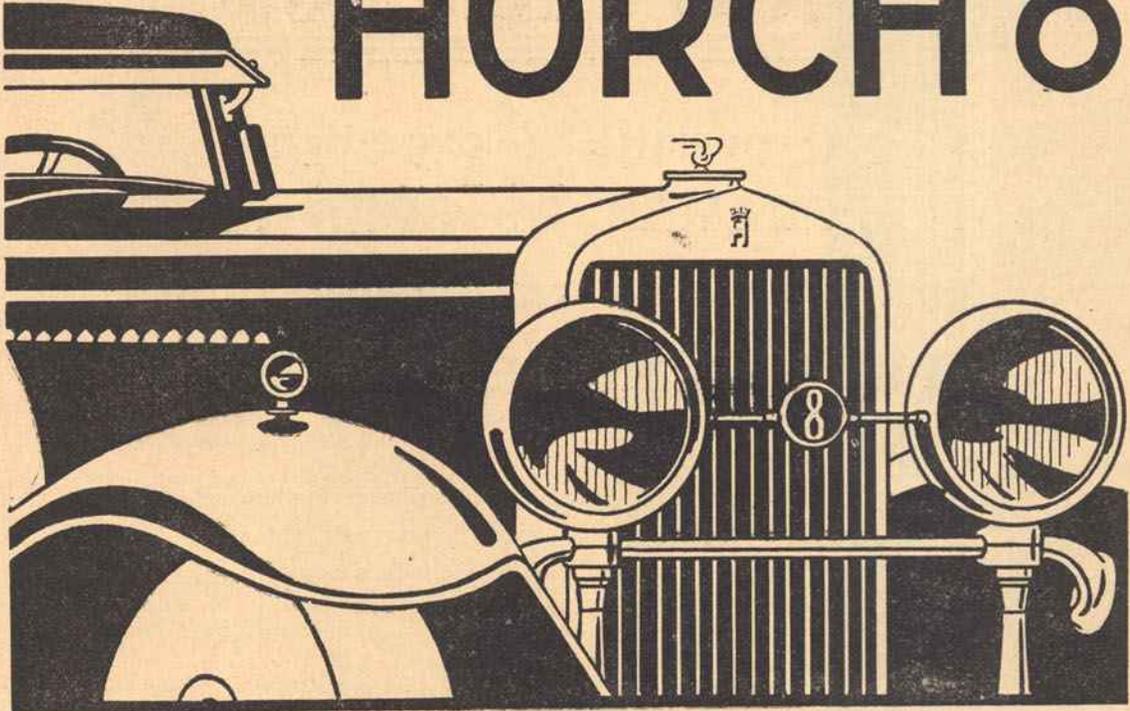
A S.E.T.E.R., L.^{DA}

(Société d'Études Techniques et Représentations L.^{da})

apresenta os



HORCH 8



A MARAVILHA DE 1931

O MAIS ELEGANTE

8 EM LINHA

Em exposição na sua grandiosa garage-stand

AUTO-PALACE

Rua Alexandre Herculano, 66 — Tel. N. 4692

Aproveitem as vantagens oferecidas

PELA

Commercial Cable Company

**que permite a expedição
de TELEGRAMAS DE BOAS FESTAS
nesta época do Natal e Ano Bom
A PREÇOS MUITO REDUZIDOS**

Os que estão longe da Pátria e da família necessitam
que os encoragem na sua árdua labuta pela vida;
enviai-lhes as vossas palavras de saúde e conforto
nesta época festiva.

Para conseguir a via mais rápida e segura para os
ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA, CANADÁ, TERRA
NOVA, MÉXICO, CUBA, WEST-INDIES, AMÉRICA
CENTRAL E AMÉRICA DO SUL, etc., não deixe de
indicar nos seus telegramas:

Via Eastern-Commercial

Para esclarecimentos e facilidades dirija-se à

Rua do Alecrim, 7 – LISBOA

ou pelo telefone ao n.º **2 6889**

(frente à estação do Cais do Sodré)

Experimente-a Senhora!



Poucas são as sobremesas que, como esta, mereçam a aprovação de todos.

Eis uma receita maravilhosa, de preparo fácil e de sabor incomparável. Para experimentar-a basta que V. S. tenha:

3 colheres de Maizena Duryea, 1¼ litro de leite
½ Taça de Açúcar pulverizado, 5 ovos

Separar-se as 5 gemas que se batem com 6 colheres de açúcar. Adicione-se a Maizena Duryea dissolvida num pouco de leite frio. Junte-se o resto do leite e deixe-se a ferver por cinco minutos em banho-maria.

Unte-se uma fôrma com caramelo na qual se deita a mistura, e leve-se a forno moderado por meia hora. Retire-se em seguida do forno, deixe esfriar e cubra com merengue, preparado à parte com as cinco claras. Torne a collocar no forno até conseguir uma côr dourada.

A receita que descreve e illustra em côres este optimo "Pudim Surpresa" faz parte do livro de receitas culinarias da Maizena Duryea, que enviamos gratuitamente a quem nol-o pedir. Mande-nos hoje mesmo o seu nome e endereço e pela volta do correio receberá um exemplar deste precioso livrinho.

Carlos de Sá Pereira, Limitada
R. Arco Bandeira, 115—LISBOA

Nome _____

Rua e No. _____

Cidade _____



MAIZENA DURYEA

Tão simples

é o enchimento da caneta-tinteiro "Pelikan".



A tinta "Pelikan" para canetas-tinteiro flue sempre com maxima facilidade e regularidade, tornando-se bem preta, por fim, prestando-se para qualquer systema de caneta-tinteiro.

Enche-se a caneta-tinteiro "Pelikan" sem auxilio de qualquer tubo de borracha, botão ou alavanca. Uma bombasinha, existente na caneta, puxa a tinta para dentro do reservatorio visivel. Precisa-se de mergulhar a penna só até á metade; a caneta fica, portanto, sempre asseada. O espaço visivel destinado á tinta na caneta-tinteiro "Pelikan", dá a conhecer continuamente, quando deve-se enchê-lo novamente.

Esc. 90.

Pelikan

PARA TODO O MUNDO

GUNTHER WAGNER
HANNOVER

A venda nas casas do ramo

FABRICA DE LOIÇA DE SACAUEM

FUNDADA EM 1850

Óptimos e úteis presentes do Natal:

UM SERVIÇO DE CHÁ, UM SERVIÇO DE JANTAR
(desenhos sempre variados e modernos)

LINDAS LOIÇAS DE FANTASIA
JARRAS PARA CANDIEIROS, etc.

LOIÇAS SANITARIAS -- do mais perfeito fabrico

MOSAICOS CERÂMICOS -- o melhor, mais higiénico e mais resistente dos pavimentos para quartos de banho, cozinhas, varandas, halls, edificios públicos, hospitais, etc. Formam lindos e variados parquets

AZULEJOS BRANCOS E DE CÔR

PAINÉIS ARTÍSTICOS

LISBOA

126, Rua da Prata, 132

PORTO

40, Rua das Carmelitas, 40



Encontra-se á venda o

Almanach Bertrand

FUNDADO POR FERNANDES COSTA E COORDENADO POR D. MARIA FERNANDES COSTA

Unico no seu genero em Portugal

A mais antiga e de maior tiragem de tódas as publicações em língua portuguesa. — RECREATIVO, AMENO, INSTRUTIVO. — Colaborado pelos melhores autores e desenhistas portugueses e estrangeiros. — Passatempo e Enciclopédia de conhecimentos úteis, colaboração astronómica e matemática muito interessante por professores de grande autoridade nestes assuntos

Um grosso volume de 400 páginas, cartonado ... **10\$00**
Encadernado luxuosamente **18\$00**

Á venda em todas as livrarias

PEDIDOS AOS EDITORES:

LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

32.º — ANO — 1931

Qual é coisa qual é ela

Que não tem asas e vôa...

Que não tem boca e sabe falar...

Que tem linha sem ser diplomata...

UMA...

DUAS...

TRÊS...

NÃO ADVINHOU?

**Então escreva à COMPANHIA DOS TELEFONES, que lhe instala um, em
24 horas, só por uma pequena mensalidade**

OS AVIADORES CARDOSO E PIMENTEL

VOAM NO

«MARÃO»

DE LISBOA A' INDIA PORTUGUESA

Linha de serviço
Estação
Recebido por
Indicações especiais

CABO
23 NOV 1930
7707

684 NOVAGOA 23 23 25
LCO SHELL LISBOA
24 NOV 1930

ABRADECENDO VOSSO TELEGRAMA EXPLENDIDA QUALIDADE
GASOLINA OLEO SHELL MUITO CONTRIBUIM EXITO
VIAGEM RECONHECIDOS VOSSOS AGENTES ADMIRANDO
MAGNIFICA ORGANISACAO - CARDOSO PIMENTEL -

OLEOS CONTROLE

VIA ERSTERN
Nº de linha
Estação
Transmitido

EMPREGANDO EXCLUSIVAMENTE

**OLEO GOLDEN
E GASOLINA**

SHELL

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
R. da Alegria, 30 — Lisboa

REDACÇÃO
R. Cecílio de Sousa, 77-1.º
(Ant. R. da Procissão)

Telef. : 2 1467

EDITOR : Augusto Brito

ANO 5.º — NÚMERO 120

ILUSTRAÇÃO

DIRECTOR-DELEGADO :
JOSÉ CARLOS DA SILVA

DIRECTOR :
JOÃO DE SOUSA FONSECA

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

PROPRIEDADE DE :
EMPRESA NACIONAL
DE PUBLICIDADE
E
AILLAUD LTD. *

ADMINISTRAÇÃO
R. Diário de Notícias, 78
Telef. : 2 3132

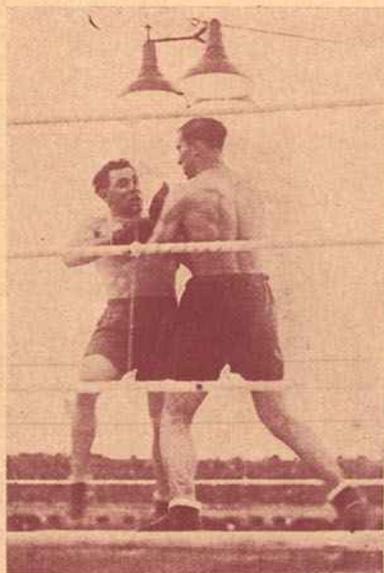
16 DE DEZEMBRO DE 1930



PENA CAPITAL

O BELO E DOCE E SUAVE NATAL TEM SIDO, INEXORABILMENTE, MOTIVO LITERÁRIO MAGNÍFICO. OS RUSSOS E OS AMERICANOS, OS FRANCÊSES, OS ESPANHÓIS E OS LUSOS, TODOS TÊM ARRANJADO A EVOCAÇÃO DESSA DOCE NOITE DE PAZ AS EMOÇÕES MAIS EXTRAORDINÁRIAS, A TERNURA E A COMISERAÇÃO, A ALEGRIA, A DOR E A MAIS PUNGENTE TRAGÉDIA. MAS AINDA NENHUMA AME-SENSÍVEL DE ESCRITOR LOGROU FAZER VIBRAR O MOTIVO LITERÁRIO DA «MORTE DO PERU». ESSE INÍGLIO E BÁRBARO ASSASSINATO QUE SE TRATA, EM MEDONHO JUTRAL, NA NOITE POÉTICA DE QUE O MENINO JESUS TEM A TERRA. A FOTO REPRESENTA A INSINUANTE BAILARINA MONA REV. PREPARANDO-SE PARA ESSA FELICIDADE. (Foto Orrios)

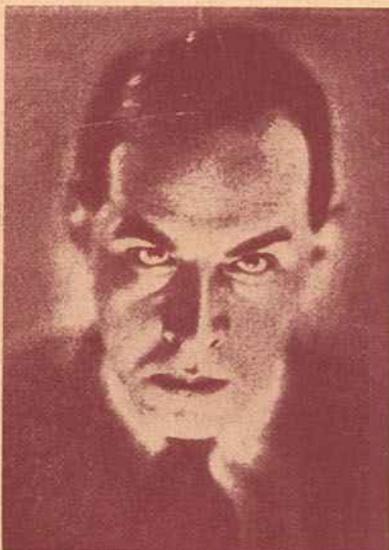
NOTAS DA QUIN ZENA



A ESQUERDA — Uma fase do combate box Primo Carnera-Paolino Uzunin efectuado recentemente em Barcelona e que terminou pela vitória do gigante italiano, que se vê de costas
(Foto Orrico)

A DIREITA — Na Serra da Estréla — Penhas Douradas — Rosas, trepadeiras de Moreira da silva & Filhos, emoldurando, a 1.500 metros de altitude uma janela linda e uma linda senhora
(Foto de arte de M.^{ma} Germana Martins)

EM BAIXO — O eminente pianista Emil Frey que inaugurou, com chave de ouro, os concertos da Royal Cine, organizados pelo ilustre professor Varela Cid. Emil Frey causou um justissimo entusiasmo pela sua arte requintada de grande intérprete sendo ovacionadissimo



Os estudantes espanhóis J. Mautsidor, da Faculdade de Direito de Madrid, Cabanillas, Jaco e Puebla da Faculdade de Medicina da mesma capital que, portadores de credenciais e cartas do Rei de Espanha e general Berenger para o Chefe de Estado e Presidente do Governo Português, emprenderam a viagem a pé Madrid-Lisboa-Cóimbra-Madrid

A ESQUERDA — Eric Maria Remarque, o genial romancista de Nada de novo na frente Ocidental que está obtendo um novo êxito com o romance O Caminho do Regresso que o Diário de Notícias, numa grande proeza jornalística, publica, em primeira mão, em folhetins

NO PRÓXIMO NÚMERO

Iniciando, no nosso próximo número, as notáveis reformas que prometemos aos nossos leitores, damos, a seguir, alguns tópicos dos seus principais atractivos:

Caba a quatro mãos, de Stuart Carvalhais...
Horre-texte de luxo em cinco côtes, reproduzindo um quadro de Indácio Zuloaga, o genial pintor espanhol.

Inglaterra vista pelo brilhante escritor Assis Esquerana II, artigo duma vasta série.

Um artigo literário inédito de Leon Trotski, o célebre chefe soviético.

Uma grande reportagem: *Os que todos conhecem e os que ninguém conhece* falam do Ano Velho e do Ano Novo, por Guedes de Amorim.

Páginas de cinema de grande novidade.

Nova secção de teatros nacionais e estrangeiros.

Motores — Nova secção técnica do automobilismo, aviação, motociclismo e moto-nautismo.

Crítica literária das obras do momento em português, francês, espanhol e inglês.

Páginas de Arte.

Uma grande reportagem de política internacional — *O pequeno rei da Romênia*, por Vitor Falcão.

A vida dos taurinos, grande artigo tauromáquico de «El Terrible Perez».

Actualidades. — Crónicas. — Píntorescos. — Passatempos. — Curiosidades. — Desportos, etc.



ESPERANDO OS BARCOS...

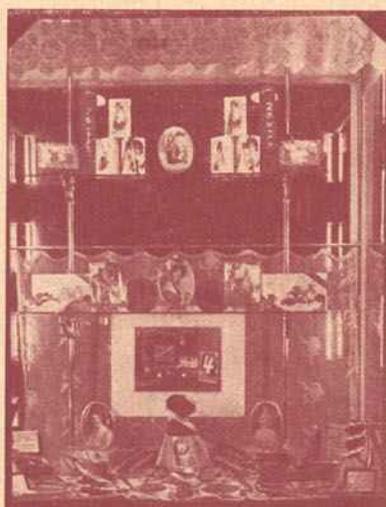
(PÓVOA DO VARZIM)

FOTO DE J. M. COUTINHO

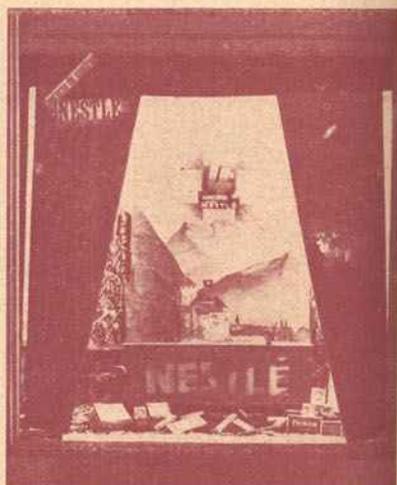
O INTERESSANTE CONCURSO REALISADO NA SEMANA DE 1 A 6 DE DE SWISS CONDEN



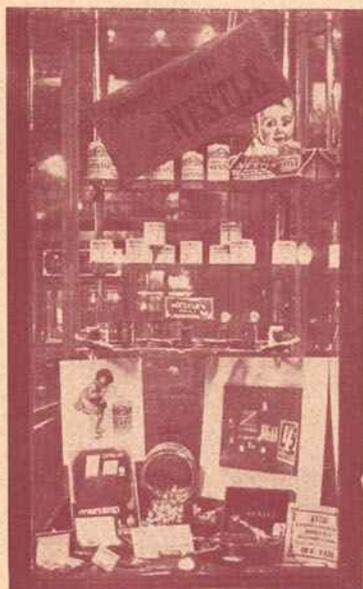
A montra de Marques & Martins, L., na rua Augusta, 260



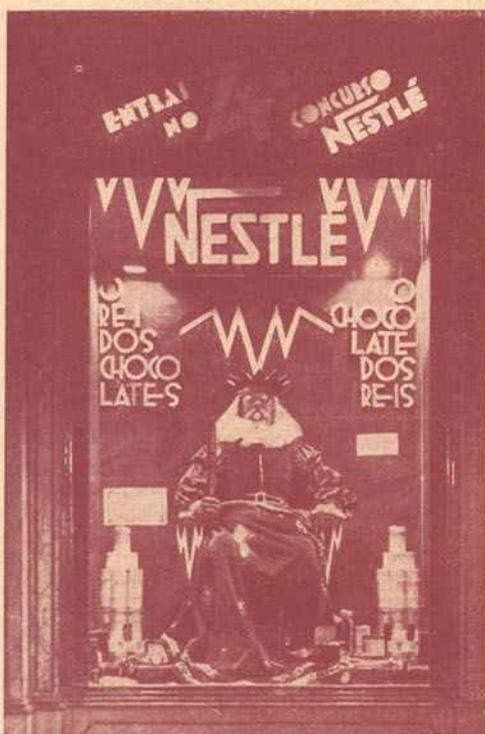
A montra da Confeitaria Iris, na rua Augusta, 102



Barcelo & Pena, da Praça de Luís de Camões, 28, que obtiveram o 5.º prémio



A montra da Pérola do Rossio, Praça de D. Pedro IV, 105



A grande montra da Pastelaria Vences, na Avenida da Liberdade, 63, que ganhou o 1.º prémio

A ESQUERDA — Montra da Taça de Ouro, L., no Rossio 115

A DIREITA — Montra da casa F. P. Simões, no Largo de São Paulo, 20



A montra da casa João Pedro, L., na rua do Mundo, 41



Tendo a *Semana Nestlé* constituído um verdadeiro sucesso, sob os vários pontos de vista, publicitário, económico, artístico e comercial, arquivamos nas nossas páginas a quasi totalidade das sugestivas montras apresentadas pelo comércio lisboeta.

DAS MONTRAS "NESTLÉ"

ZEMBRO PELA CASA "NESTLÉ & ANGLO
SED MILK & C."



Montra da Pastelaria J. Fernandes, na rua do Oiro, 98



Montra da Pérola da China, da rua da Palma, 139, que obteve o 3.º prêmio.
A ESQUERDA - Montra dos Grandes Armazens do Chiado, (4.º prêmio)



Montra da Padaria Inglesa, Cais do Tejo, 7
EM BAIXO - Montra de J. Francisco Pereira, rua Garrett, 35



A linda montra da Despensa Ideal, da rua da Prata, 188, que foi galardoada com o 2.º prêmio

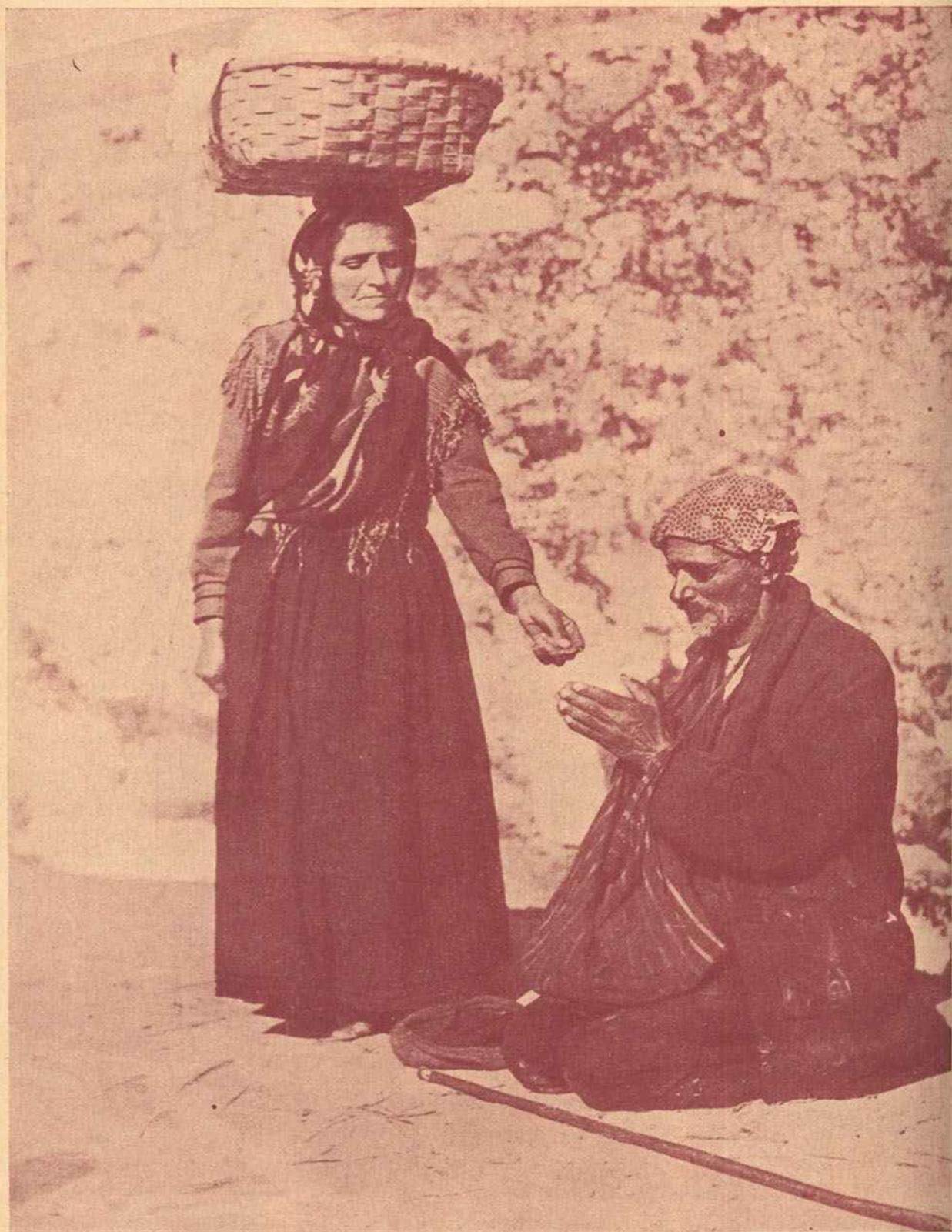


Montra de A. F. Pereira, L.ª, R. Bernardino da Costa, 19
EM BAIXO - A montra dos Estabelecimentos Jerónimo Martins & Filhos, no Chiado



Montra da casa António Pereira Júnior, na Calçada da Estrela, 89 e 91





POBREZINHOS DE CRISTO.

(FOTO DE ARTE DE AURELIANO CARNEIRO — VIANA DO CASTELO)



FREI JOÃO BATISTA MAYNO
A ADORAÇÃO DOS REIS MAGOS

CABELOS BRANCO POR Julio Barata.



Um smoking-room, no palácio dos Viscondes de ***. Paredes forradas de sêda verde; Maples profundos; na parede, numa moldura de ouro velho, um Poussin; ambiente de elegância um pouco severa. Dez horas da noite. O VISCONDE, a VISCONDESSA e FRED acabam de jantar e vêm tomar café. A VISCONDESSA, ornamental, grisalha, opulenta, ainda interessante, espécie de beleza fatal, à maneira de Van Dongen, tem uns braços admiráveis, uns ombros de deusa, e, nos olhos fatigados, a tristeza das mulheres que fizeram cinquenta anos. O VISCONDE, mais dez anos do que ela, vulgarmente distinto, vestindo bem a casaca, robusto, calvo, distraído, sorridente, entra e senta-se logo num dos Maples. FRED, a mesma idade do VISCONDE, é a ruína dum bonito homem, magro, esbelto, de monóculo, tipo de elegância britânica, músculos ainda harmoniosos, cabelos brancos que se percebe que foram loiros. — O CRIADO, de libré, serve o café e os licores.

VISCONDESSA — Mas porque não se casa? Ainda não é tarde.

VISCONDE — É uma ideia. Porque não te casas?

FRED — Em primeiro lugar, por uma questão de delicadeza.

VISCONDE — De delicadeza?

FRED — Acho tão interessantes tôdas as mulheres, que parecia mal casar-me com uma só. Em segundo lugar, não me caso porque ainda não houve nenhum médico que me proibisse o casamento. Esta é que é a verdade.

VISCONDESSA, servindo-o — Aqui tem o seu chá.

VISCONDESSA, servindo FRED — Café?

FRED — Oh, não minha amiga. Chá. Chá de tília.

VISCONDESSA — Como você está mudado!

VISCONDE — Tão mudado, que já nem sabemos os seus hábitos.

FRED — Não fui eu que mudei. Foram os médicos. Há vinte e cinco anos, não havia médico nenhum que me proibisse de tomar café, de fumar, ou de olhar para uma mulher bonita. Agora, proibem-me de tudo. Tudo quanto é agradável é proibido. (Acendendo um cigarro) Vivemos numa época hedionda.

VISCONDE — Mas tu fumas!

VISCONDESSA — E continua a olhar para as mulheres, mesmo quando não são bonitas.

FRED — Que quere, minha amiga! Os médicos privaram-me de todos os prazeres, menos de um.

VISCONDESSA — Pode saber-se qual é?

FRED — O prazer de lhes desobedecer. Desobedecer é um dos maiores prazeres da vida. É um prazer essencialmente feminino. Não é verdade, Finette, que você se sente imensamente feliz quando desobedece a seu marido? E que seu marido é o homem mais feliz do mundo quando lhe desobedece a si? Eu, que nunca tive tempo para me casar, se não fossem os médicos morria de aborrecimento.

FRED — Além disso, minha amiga, para remédio basta-me o chá de tília. É preciso não abusar dos calmantes. — Sem açúcar, muito obrigado.

VISCONDE — És o mesmo *blagueur*, Fred! Já nos fazias falta. Ainda eu ontem dizia à Finette. Porque será que o nosso velho Fred nos tem feito tão longas ausências? Dantes, jantavas duas, três vezes por semana conosco. Agora, contam-se as vezes que aqui vens.

FRED — Está tudo mudado, meu amigo.

VISCONDESSA — Quem mudou foi você.

FRED — Engano. Não somos nós que nos transformamos, é a vida que se transforma em volta de nós. Quando você se vê ao espelho, Finette, imagina que é a côr dos seus cabelos que mudou? Não, minha amiga. Foram os espelhos que mudaram. Os da minha casa, então, são horríveis. Se eu fosse a acreditar neles, havia de supôr que envelheci. Ora, a verdade é que não somos nós que envelhecemos, são os espelhos que não prestam.

VISCONDESSA — Se assim fôsse!

VISCONDE — Eu, com franqueza, também não me sinto velho. A velhice é um preconceito.

VISCONDESSA — Mas é um preconceito desagradável. — Que idade tem você, Fred?

FRED — Não me pergunte, minha amiga. É o único segredo que eu tenho sabido guardar.

VISCONDE, a Fred — Quando nos conhecemos, tínhamos a mesma idade.

FRED — Mas isso já foi há muito tempo. Agora, devo ser mais novo do que tu. Ou, pelo menos, és tu mais velho do que eu.

VISCONDESSA — Você é vaidoso como uma mulher!

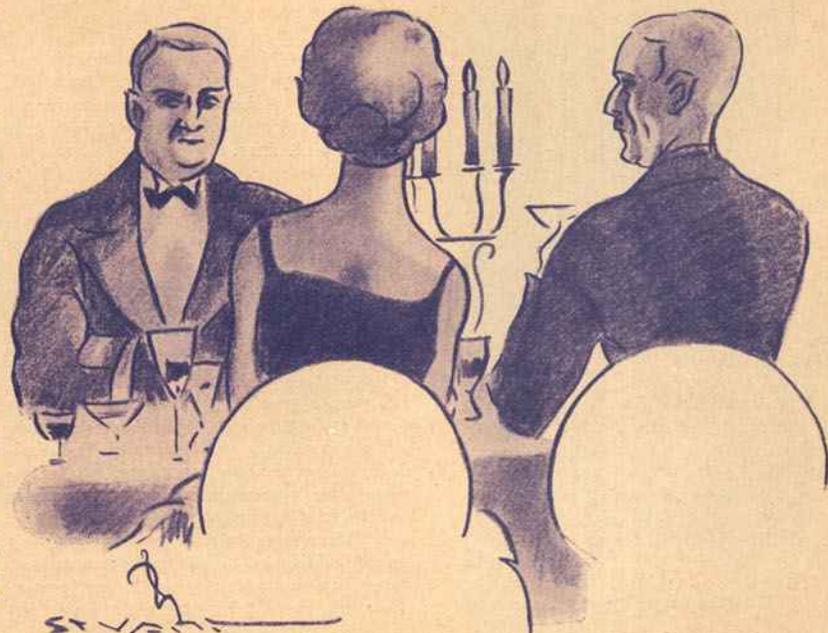
FRED — Muito mais, Finette. Sou vaidoso como um homem. Não é verdade, Mark? — Mas já são horas. Eu não quero privar-te do teu *brigde*. Quando quiseres, vamos.

VISCONDESSA — O Mark não vai hoje ao club.

VISCONDE — Ah, isso vou. Mas vou mais tarde. Eu não faço cerimônia com o Fred.

VISCONDESSA — Mas devias fazê-la comigo.

VISCONDE — Oh, minha filha! Somos casados há vinte e sete anos.



ILUSTRAÇÃO

VISCONDESSA—Em vinte e sete anos já tinhas tido tempo para aprender a ser amável.

FRED—Assim é que eu gosto de os ver. No mais afectuoso desacôrdo.—Mas sabe, Finette? Eu também tenho o meu *bridge*.

VISCONDESSA—Bem sei. Um *bridge* de saías curtas, que pinta os olhos de azul.

VISCONDE, a Fred.—Agora é contigo.

VISCONDESSA—É com ambos. O *bridge* de meu marido também é muito suspeito. E ele deve jogar mais caro que você.

VISCONDE—Oh, Finette!

VISCONDESSA—Mas essas coisas não me interessam.—Sabe que eu sempre vou tocar, no *raout* da Legação de Itália?

VISCONDE—Contra minha vontade, é claro.

FRED—É tão agradável contrariar as pessoas que nós estimamos!—Que vai você tocar, Finette? Os russos modernistas?

VISCONDESSA—Sim. O *Prelúdio* de Rachmaninoff e um *Estudo* de Scriabine. Conhece?

FRED—Felizmente, não, minha amiga. Lembro-me logo do Trotsky e do Tchicherine. São os soviets em clave de sol. Eu, a respeito de música russa, só gosto das bailarinas.

VISCONDE—A Pawlova! Vi-a em Londres. Era uma mulher admirável.



FRED—Admirável. Sobretudo, acompanhada de *vodka*, como o caviar branco. Em todo o caso, um pouco indigesta. É a música de Rachmaninoff com umas pernas bem feitas.

VISCONDESSA—Você diz isso, porque não conhece o *Prelúdio*. Vou tocar-lho, quere?

FRED—Obrigado, minha amiga. Está certa de que não me fará mal ao estômago? (ao Visconde) O pior é o teu *bridge*.

VISCONDE, vendo o relógio—Tenho ainda meia hora.

VISCONDESSA, a um criado de libré, que assoma—Acenda as luzes na sala de música. (a Fred) Quero que oiça também o *Carnaval*, de Schumann. Toco-o amanhã.

FRED—Nesse caso, minha amiga, comece-mos pelo *Carnaval*. (ao Visconde) Não vens?

VISCONDE—Prefiro ouvir daqui.

FRED—Também eu.

VISCONDESSA, ao Visconde—Podes dormir, se quizeres, porque é o que tu fazes sempre que eu toco. Mas ficas proibido de conversar.

VISCONDE, recostando-se no *Maple*.—Está bem, Finette.

(A sala contígua ilumina-se. A Viscondessa sai)

VISCONDE, a Fred—Não achas que a minha mulher está cada vez mais intratável?

FRED—É curioso.

VISCONDE—É curioso, o quê?

FRED—Ela, ainda agora, fêz-me a mesma pergunta a teu respeito.

VISCONDE—E tu, que lhe respondeste?

FRED—Que se vocês estivessem sempre de acôrdo, não se podiam aturar um ao outro. A Finette, meu amigo, é uma mulher encantadora.

VISCONDE—Mas está a envelhecer. E as mulheres que envelhecem ficam de um mau humor enervante. Naturalmente, imaginam que os culpados são os maridos.

FRED—Às vezes têm razão.

VISCONDE, quando começa a ouvir-se o piano.—Foi excelente que a Finette se lembrasse de tocar, porque eu preciso de conversar contigo. (Vendo o relógio) Tenho apenas vinte minutos.

FRED—Como está o teu *bridge*?

VISCONDE—Mais loira. Fiquei de a ir buscar a S. Carlos. Ceamos juntos. (Acendendo um cigarro) Preciso de conversar contigo sobre um assunto delicado em que ando para te falar há vinte anos.

FRED—É prodigioso, como ainda não te esqueceste!

VISCONDE—Só agora, que nos embranqueceram os cabelos, nós podemos falar com inteira franqueza um ao outro.

FRED—Aproveita, porque eu penso vagamente em me pintar.

VISCONDE—Trata-se da Finette.

FRED—Está tocado admiravelmente.

VISCONDE—Da Finette e de nós ambos. Há quareta anos, meu velho Fred, que tu és o meu melhor amigo, e há vinte e sete, desde que me casei, que tu vives na nossa intimidade, que és o nosso confidente, que te tornaste uma pessoa indispensável na nossa existência. Ultimamente, tens-te afastado de nós. Já poucas vezes jantas connôco; quando viajamos, já não nos acompanhas; parece que se quebrou o encanto que te prendia a esta casa. A Finette nem sabia do teu



chá de tília, vê lá tu!—Ora, dize-me. Que mal te fêz minha mulher?

FRED—É isso que tu estás para me dizer há vinte e sete anos?

VISCONDE—Não. O que eu eston para te dizer há vinte e sete anos é outra coisa. O que te pergunto agora é se a Finette te fêz algum mal.

FRED—Tu estás doido! A Finette e eu somos os melhores amigos do mundo.

VISCONDE—Sempre me quis parecer.

FRED—Mas, tu comprehendes, eu também tenho o meu *bridge*. *Chacun sa vie*. E essas coisas, na nossa idade, levam-nos muito tempo.

VISCONDE—O que é curioso, é que essa complicação só appareceu na tua vida depois de tu teres começado a afastar-te de nós. Até lá, não te conheci nenhuma parceira certa de *bridge*.

FRED—Admira, porque tu conheces os meus segredos muito melhor do que eu.

VISCONDE—Todos, menos um que tu sempre occultaste de mim.

FRED—Pode saber-se qual é?

VISCONDE—Precisamente o que mais me interessava. Nunca me falaste do teu *flirt* com minha mulher.

FRED—A *blague* tem limites, Mark.

VISCONDE—Então, que tem isso de extraordinário? É a coisa mais natural d'êste mundo.

FRED—Perdão. Eu consagro à Finette os sentimentos mais respeitosos, e tu não tens o direito de duvidar dela nem de mim.

VISCONDE—Mas quem te diz que eu duvido? Eu sei muito bem que, entre ti e minha mulher, não houve senão uma amizade amorosa, perfeitamente inofensiva. Se tivesse suscitado de alguma coisa mais grave, em qualquer momento da nossa vida, não esperava que nos embranquecêssem os cabelos para to dizer. Conheço o teu romance, tão bem como tu. Tu apaixonaste-te por minha mulher no dia em que, de regresso de Biarritz, eu ta apresentei no Avenida Palace. Outro qualquer homem, no teu lugar, ou atraçoaria grosseiramente a minha confiança e a minha amizade, ou teria vestido o colete amarelo de Werther para me pedir duas pistolas emprestadas. Tu não fizeste, nem uma, nem outra coisa. Sacrificaste-nos a tua vida, não casaste, resignaste-te a viver na nossa inti-

midade e ao nosso lado, rodeando Finette duma admiração respeitosa que a princípio — devo dizer-te — a incomodou, mas que ela acabou por aceitar com prazer, porque tôdas as mulheres bonitas gostam de ser admiradas e adoradas. O teu *flirt* durou vinte anos. Chegaste a exercer sôbre minha mulher uma influência que podia ter sido perigosa. E entretanto, meu velho Fred, tu soubeste ser fiel à nossa amizade e portaste-te, até ao fim, como um *gentleman*.

FRED — Mas como sabes tu que eu me portei como um *gentleman*?

VISCONDE — Nós hoje já podemos confessar estas coisas um ao outro. Eu li muitas das tuas cartas para minha mulher. Eram perfeitamente tranquilizadoras. Além disso, a pobre *miss* Dorothy, criada de quarto da Finette, em quem tu depositavas uma confiança talvez excessiva, trazia-me todos os dias ao corrente do que se ia passando. Nunca houve nada de especialmente alarmante. Pelo contrário. Daí a pouco, reconheci que só tinha motivos para te agradecer. Porque a verdade é que eu devo ao teu *flirt* com Finette a perfeita tranqüilidade da minha vida conjugal. Durante os vinte anos que êsse *flirt* durou, tu, sem dar por isso, asseguraste ao meu lar o equilíbrio e a paz. Um marido moderno, demais a mais um marido *noceur*, como eu fui sempre, não pode, em todos os momentos, satisfazer os caprichos da mulher, entreter a sua imaginação, cultivar a sua sensibilidade, ocupar-se dela sôzinho, com o cuidado de um amador de rosas. Esse encargo foi dividido tácitamente entre nós ambos, e a verdade é que Finette foi feliz, não se aborrecu nem me aborrecu, e passou a zona perigosa dos trinta aos quarenta e cinco anos sem ter crises de nervos, sem me fazer scenas de ciúmes, e deixando-me, despreocupadamente, jogar o meu *bridge* e fazer a minha vida mundana. Ora, essa tranqüilidade e essa paz devo-tas a ti. Meu velho Fred, muito obrigado.



FRED — Não tens que me agradecer.

VISCONDE — Em igualdade de circunstâncias, se eu ainda puder prestar-te o mesmo serviço, estou às tuas ordens.

FRED — Agora, é já tarde. — Mas porque me preguntaste tu se a Finette me tinha feito algum mal?

VISCONDE — Porque, de há seis anos para cá, tu tens mudado muito.

FRED — Tomo chá de tília...

VISCONDE — Já não és o mesmo para nós e, especialmente, para ela. Eu bem sei que tudo passa e que a Finette começa a envelhecer. Mas as «amizades amorosas», precisamente porque não conheceram as violências do verdadeiro amor, têm o dever de conservar-se fiéis até ao fim. Tu afastaste-te, abandonaste-a, deixaste de ocupar o espírito de minha mulher, de entreter-lhe a imaginação, de encher-lhe a vida, — e a vítima fui eu, porque, de há cinco anos para cá, Finette não parece a mesma, está intratável, diz-me inconveniências a todo o momento, faz-me scenas de ciúmes, quere que eu passe as noites em casa, ao pé dela, e a minha vida doméstica perdeu

tôda a tranqüilidade, que afinal, meu velho Fred, me provinha de ti. Ora, eu não te falei no passado unicamente pelo prazer de reavivar as cinzas da nossa mocidade. Falei-te no passado para te pedir um favor.

FRED — Mas o que queres tu de mim?

VISCONDE — Que continues o teu *flirt* com minha mulher. É a única maneira de eu ter um pouco de descanso.

FRED — Vou tentar, Mark. Mas tu julgas isso possível, no outono, ao cair da fôlha?

VISCONDE — Se tu fosses um rapaz, meu caro Fred, não to pedia...

(A Viscondessa acaba de tocar. Fred e o Visconde dão palmas.)

VISCONDESSA, entrando, risonha — Então, Fred, gostou?

FRED, levantando-se e beijando-lhe a mão — Uma maravilha, êste *Carnaval* de Schumann! Então, não é verdade, minha querida Finette, que isto vale mil vezes mais do que todos os seus músicos bolchevistas?

VISCONDESSA — Mas o que eu toquei foi o *Prelúdio* de Rachmaninoff...

FRED — Devéras?

VISCONDESSA — Com que pouca atenção você me ouviu!

FRED — Mas tocado por si, minha amiga, parece Schumann, parece Beethoven! Que sonoridade, que vibração, que alma! Não há dúvida. É uma peça de concerto.

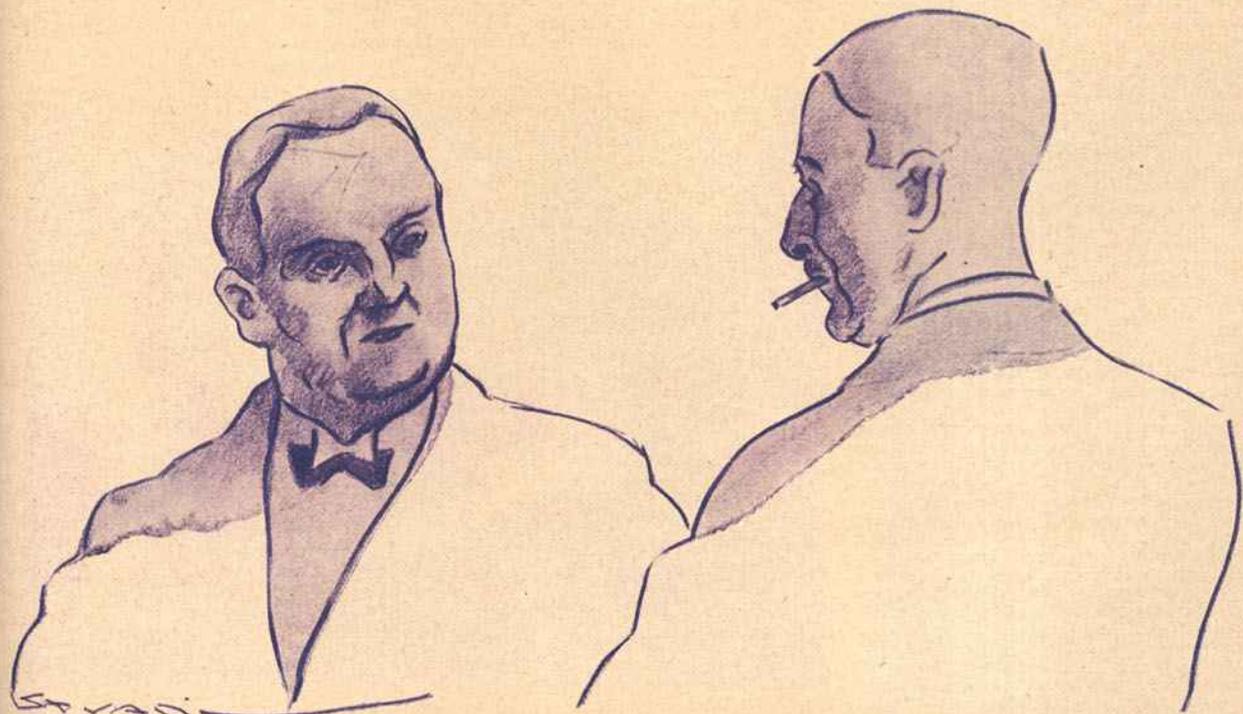
VISCONDESSA — Dê-me um cigarro. Agora, quero que oiça Seriabine...

FRED — Decididamente, faço as pazes com a Rússia!

VISCONDE — Minha querida Finette, Fred acaba de dizer-me que fica esta noite a acompanhar-te e a ouvir-te...

VISCONDESSA, a Fred, que lhe acende o cigarro — É, então, o filho pródigo que volta? (ao Visconde, que lhe beija a mão) Já devem ser horas do teu club, Mark...

JÚLIO DANTAS.



EM LOURDES

— COMO NOS DIAS DE JESUS, EU VEJO
UM PARALITICO MEXER-SE NA MACA,
FIRMAR-SE NOS PUNHOS, PÔR-SE DE PÉ
E MARCHAR

Não lhe deiteis o bafo duma dúvida. É assim mesmo. Esta verdade tem a limpidez dos afrosismos. Pau não representa apenas um alto papel social na escala das utilidades humanas, como oficina de reparação de organismos en-

atributos de venerável vestibulo da côrte celestial, quando do alto da colina a surpreendemos no fundo da várzea em que repousa, afigura-se-nos presépio no resguardo de oratório novo a fingir de gótico.



Vista geral de Lourdes e seu santuário.

ferrujados por nevoceiros e nevroses—de inverno servindo o inglês e o francês, ávidos de sol, de verão aliviando por igual o nearastênico da Itália e o deprimido das Espanhas. Pau é a melhor estação central do viajante que pretende espalhar-se pelos recantos da montanha e do vale naqueles sítios pirenaicos: — tem a importância de bom quartel general na confluência de mil e um pontos estratégicos. Porque, além do seu património de privilegiada quanto a situação topográfica, dispõe de hotéis com capacidade para os cinco mil dos *Sermões da Montanha*, sem a necessidade de os alimentar a milagres. E no tocante a vias de comunicação não lhe leva vantagem a rede de veias e artérias que do coração parte para os altos e baixos de cada um de nós.

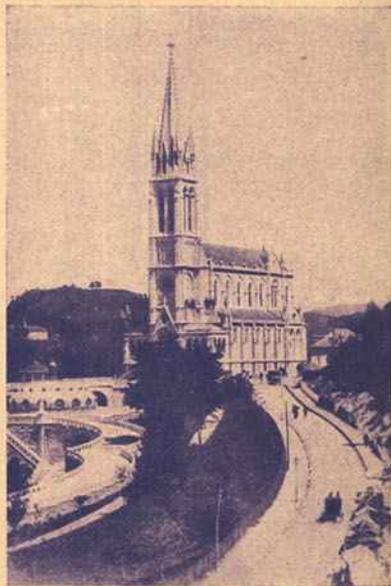
É por uma dessas vias que de automóvel largo direito a Lourdes. Estrada lisa e alcatroada, com árvores que se dão os braços, de lado a lado, para protecção do viandante, estende-se ao longo de vales que lembram cestos carregados de frutos. Aqui e além passa pelas suas parentes das locomotivas e dos vagons, atagafhes a face, ou abraça-as pela cinta, e segue cuidadosa ao seu destino. Faz cruces com outras estradas. Corta ao meio povoações. Agora Bizanos. Logo Betherram. E ao chegar a Saint-Pé previne-nos de que vai divorciar-se do chão plano, para ganhar o céu ao serviço e penitência da montanha.

Mas Lourdes surge-nos à direita. E em vez de metermos à montanha, rodando sempre à frente, torcemos à direita, descemos à nova terra santa, à próspera Meca moderna dos católicos. Riquiada de torres e chaminés, Méca emerge do fundo verde de várzea que afáveis colinas envolvem do lado de cá, do lado de lá recortando-se de encontro aos rudes flancos da serra. Salvo seja, e sem agravo aos seus

Entro na terra santa em ilia de grande peregrinação. Contam-se por milhares, mais de dois centos de milhares, os peregrinos dêsse dia: — franceses e italianos, argentinos e brasileiros, portugueses e espanhóis, africanos e asiáticos.



A estátua de São Miguel Arcanjo e a entrada da Basílica



A basílica de Lourdes

Como se outra vez Bethem se repetisse ali, ali vêm Reis Magos e pastores, os do Oriente e Ocidente, conduzindo seus inumeráveis rebanhos.

O auto atravessa a custo a multidão comprimida nas ruas e praças do burgo consagrado ao profano: — onde são os hotéis e restaurantes, os bazares de santos e medalhas. A impressão da entrada, através de armazens fervilhantes de gulias terrenas, é lamentavelmente a das feiras francas. Aquele primeiro contacto não nos dispõe ao sentimento do divino. Escancara-nos demasiado as entranhas do humano, mostrando-nos grosseiras vias a atulharem-se de temporalidades. Era preferível que no vestibulo do Templo se não mercadejasse, justificando a cólera de Jesus contra a irreverência dos vendilhões. Era lógico que na mansão do milagre tudo nos dispozesse a um único afan: — erguer as almas à procura do Senhor. Pelo menos que a terrena Cartago afectasse não ter parentesco com a celeste Sião.

Avançamos na direcção da Basílica e da Gruta. A multidão engrossa sempre. Passamos a ponte lançada sobre o Gave: — e o Gave de Pau, comungando à sombra da Basílica, do-

bra-se todo para a beijar, na consciência da morte próxima, mal se encontre com o Adour.

O sol ardente, por entre nêvens, o mesmo sol cálido do estio em Portugal, polvilha de branco o verde das vertentes, põe orientes de bróla no mármore das tórras, muda em chama de oiro o pobre burel do castelo sobranceiro ao caminho: — porque é o antigo castelo do lugar o que nos vigia da esquerda, e são já as tórras do Santuário as que nos olham de frente.

Agora vou a pé, rasgando a turva corrente dos peregrinos, deixando-me arrastar por ela, sob o surdo murmúrio duma cheia. Aquele Nilo humano, a certa altura, de encontro à ilha verde que é o vasto taboleiro central da explanada fronteira à Basílica, faz o seu delta, reflui para a esquerda, avança pela direita, ruoroso e lento.

A alvura do Templo sobressai no cenário de arvoredos, nos flancos da vertente. A tórra principal, ao meio das duas irmãs mais novas e mais baixas, lembra o homem da cruz, à testa do Senhor Fóra, entre os pequenos das lanternas. E todos três levam na cabeça os capuzes cónicos das suas opas brancas.

Uma escadaria dupla liga o hemicíclio ao plano superior do Santuário, subindo em dois lanços de caracol e flanquando o Pórtico do Rosário, este ao nível da explanada e da Gruta. Pois quasi se não vêem as escadas sob o formigueiro dos devotos. Há duas rampas em meia lua, trepando da explanada ao átrio em que assenta a igreja, envolvendo o hemicíclio e a escadaria nas suas antenas de coleoptero. Pois a essa hora de dilúvio as rampas não se diferenciam de calceiras a despejar torrentes.

O Calvário dos Bretões, desabrochando da relva fresca do taboleiro do centro, tem a fisionomia fúnebre dos sepulcros. O vulto flexível da *Virgem Coroadada*, face a face do Templo, parece recossa de se afogar na voragem. E ao Cura de Axe, de joelhos no seu pedestal, no seu pleito a favor dos naufragos, ouvir-lhe-íamos o fluir da prece se não fôsse o rumor da corrente.

A turba torna-se cada vez mais espessa. Nas proximidades da Gruta só fazendo quilha dos ombros envezados podemos rasgar-lhe o seio compacto.

Abeiro-me da Gruta, na impossibilidade de subir à Basílica. A custo, vencendo fluxos e refluxos, ponho os olhos na sua humildade — que milhões de olhos anualmente reverenciam. É uma cova em despenhadeiro, é uma caverna em rochedo. Mas como a Virgem Mãe, tal qual nos dias da Palestina, ao tabernáculo de Salomão continua a antepôr o albergue do pastor, foi ali que a Poderosa Senhora deu audiência à plenipotenciária dos simples filhos de Abel,



Uma peregrinação a Lourdes; o «Combóio branco» que sai da gare de Austerlitz, em Paris

à doce zagala Bernardette, que para todos e a bem de todos requerer e obteve mercês.

A reprodução material da Senhora lá está na Gruta, sob a moldura natural dos arbustos silvestres, entre a renda votiva das muletas dos miraculados. O fumo dos círios enegreciu-lhe as paredes. Os milhares de fiéis que lhe estendem os braços, rezando e cantando, eternizam o culto da pastorinha.

Aproxima-se a hora da Procissão do Santíssimo, a hora máxima da vida de Lourdes.

As piscinas encontram-se cerradas, por ser da regra só funcionarem de manhã. São às centenas, aos milhares, as pessoas que transportam bancos de iona para aguardar o cortejo à margem da explanada. São às dezenas, às centenas os *brancardiers* e os enfermeiros que conduzem destroços humanos para o campo aforado aos doentes.

É este o aspecto culminante, o mais impressionante, o mais forte, de quantos nos tocam a sensibilidade naquele laboratório de prodígios.

As macas sucedem-se às macas. Os carros de mão rolam atrás das padiolas humildes. Os leitos de rodas seguem na peugada das muletas dos côchos. E tudo aquilo, rompendo por entre a multidão, graças ao braço piedoso dos bons Samaritanos, se vai alinhando, em filas cerradas, ao longo da avenida central, à sombra de plátanos e tílias.

Muitos desses paráliticos acusam estragos de décadas de invernos. Muitos desses Lázarus atingiram a velhice em tempos recuados. Mas todos, velhos e velhas, como as mães, como os moços — alguns destes, cotadinhos, a sonharem novoados e folias se a Senhora lhes fizer o milagre! — levam por divisa nos olhos e nas faces a ansiedade das sedes abrasadoras.

São velhos, é verdade. São doentes, não há dúvida. Seres que a Natureza trouxe à luz já mutilados. Criaturas que o Destino num momento reduziu a frangalhos. Uns e outros, porém, procuram irremediavelmente viver, fitam o céu à busca da sua estrêla, isolam-se dos irmãos terrenos na fé de conquistar as graças divinas.

Porque todos, os mais velhos e os mais novos, de rosário na mão e olhos ao alto, nem sequer vêem quem lhes abre o caminho.

Encosto-me ao mármore dum monumento, à ilharga da explanada. O sol caustica que nem ferro em brasa. Um frade de longas barbas, à minha esquerda, narra o milagre de certa senhora italiana, que tinha a mão convida por velha fistula, e nessa manhã tirara da piscina a mão limpa e intacta. À minha direita, um cavalheiro de óculos de tartaruga, discute a *Lourdes* de Zola, atiança que o romancista não tivera coragem para negar, sustenta que o psicólogo nem ao menos sonhara duvidar. Eu, por mim, nem crente nem descrente, fitando o mar e procurando sondar-lhe os íntimos mistérios, compadeço-me dos velhos que procuram viver de bem com a saúde, comovo-me com os novos que aspiram a novoados e dias de festa, e sinceramente desejo o milagre da saúde e o milagre das bodas.

Tudo a postos, a zona da explanada ocupada pelas macas e padiolas semelha campo de batalha de onde andassem a erguer os feridos.

A procissão vai começar. Já se elevam cânticos religiosos de certos grupos perfilados às margens da avenida. Ao centro, de cá para lá, de lá para cá, passam hábitos brancos de monges, deslizam escapulários negros de monges. A turba inquieta comprime-se, concerta aos lados espessas sebes ruorosas.

É a procissão começa de facto — de facto inicia-se o grande espectáculo. Desce do plano



Novecentos peregrinos ingleses na estação de Vitória, em Londres, recebendo a bênção antes de partir



Peregrinos em Lourdes—Diante da Gruta do Milagre

superior da Basílica, pela rampa da direita, indo por trás da fila de doentes e curiosos da banda do Hospício, para tomar ao cimo o leito desafogado da esplanada. Desfila vagarosa. Mal a destingo para além das cabeças da outra margem. Só a denuncia a confusão flutuante de estandartes e fâmulas dos fiéis. E também o canto dos peregrinos—canto que parte da Basílica, que alastra e se exala do cortejo, que rebõa na vastidão do recinto.

Atingida a extrema do dique formado pela massa humana postada à direita, as águas do novo caudal, agora mansas como as do Jordão, tomam a extensa avenida, apertadas pelos diques laterais. Há braços que se estendem, como a bradar por S. João na avidez do baptismo. Há cânticos que se exaltam, que sobem mais alto, ao aproximarem-se do rio da Virtude. E na face extática dos cegos, e nos olhos fulgurantes dos entrevadados, ainda há pouco fixos na clemência das alturas, estremece a exaltação das chammas a crepitarem.

As primeiras águas são neve em movimento. Abrem o cortejo filas de raparigas, uma imensidade de Filhas de Maria, cobertas de alvos sendais de renda. Depois seguem-se magotes alinhados de eclesiásticos e professos. Flutuam estandartes, alteiam-se pendões ao meio dos grupos sucessivos. Logo surgem os peregrinos civis, homens e mulheres, de medalhas suspensas do peito, cantado em cântico. E grupos sucedendo aos grupos, alas de religiosos alterando com alas de leigos, pendões atrás de pendões, frades encanecidos marchando à vanguarda de oficiais do exército, tudo canta, tudo brada, a prosódia francesa predominado sobre as demais, os versículos em louvor de Jesus fechando pelo geral estribilho:

—Hossana, hossana, filho de David!

As virgens da testa do cortejo, atingido o hemicírculo, sobem as escadarias laterais, perfilam-se no átrio superior, o que dá ao quadro o fundo duma Ascensão de Tinturêto. Os grupos de peregrinos, convergindo sempre para a Basílica, vão-se postando no patamar do Pórtico do Rosário.

Mas o bispo que sob umbela doirada, transportando a custódia do Santíssimo, distribui bênçãos por saos e doentes, surge à frente de legião de clérigos e devotos.

Os gritos recrudescem. As súplicas multiplicam-se. A fé exalta-se aos excessos do delírio. Ouvem-se brados em que lateja o desespero. Percem-se soluços nas vozes dos que cantam. E nós mesmo, os que estamos fóra da exaltação da fé e da crença, embora não soluçemos, embora não brademos, sentimo-nos levados pelo vendaval, fôlhas soltas no turbilhão, incapazes de encontrar forças, nas reservas do nosso raciocínio, que nos mantenham no regime de neutra impassibilidade.

Vejo rostos de senhoras alagados de pranto. Descubro olhos de entrevadados rindo e chorando de esperança.

É neste lance, a multidão sacndida pela presença do Santíssimo, que um clérigo, entre clérigos, na voz torte de Josué intimando ordens ao sol, clama ao centro da esplanada:

—*Seigneur! Faites que je vole!*

Como se todos fossem cegos, como se todos quisessem ver, todos clamam, vozes francesas fundidas em vozes italianas, espanhóis e portugueses unidos na mesma vibração:

—*Seigneur! Faites que je vole!*

O clérigo repete três vezes a petição. Três vezes o cântico amplia a voz implorativa do clérigo.

—*Seigneur! Faites que je marche!*

Tres vezes o seu clamor rebõa, rebõa três vezes o clamor dos peregrinos.

—*Seigneur! Faites que j'entende!*

O bispo, com o Santíssimo, chega ao Pórtico do Rosário.

Nenhum milagre, pergunto a mim mesmo? Então todo este estrondar de corações em súplica se perde nas alturas, incapaz de acordar as fontes da divina Misericórdia? Observo os

doentes que me ficam perto. Os cegos e os paralíticos. Os velhos e os moços. E parece-me descobrir nuns e noutros, a-pesar de tudo, a claridade viva que irradia dos rostos onde arde a candeia da fé.

Só uma mulher do povo, bretã de touca branca e curto vestido negro, pobre criatura sem esteios que a amparem no equilíbrio da confiança, estendendo nos braços filhinho cego e aleijado, soluça aflita, rouqueja desolada.

—*Seigneur! Faites que je marche!*—repete o sacerdote.

O bispo, do patamar do Rosário, lança a bênção aos doentes e ao peregrinos.

O clamor reproduz o grito das almas no Purgatório. Olhos fitos no Céu, corações ardentes de fé, tudo pede, tudo brada, tudo grita.

Então, diante de mim, a dez passos de mim, como na era de Cristo, como nos dias em que Jesus erguia a mão e Lázaro se levantava do túmulo, eu vejo um paralítico mexer-se na maca, firmar-se nos punhos, pôr-se de pé, e marchar.

—Milagre! Milagre!—ulula, canta, chora, ri a desvaivada turba—primeiro os mais próximos, logo os imediatos, em breve os de perto e os de longe. E todos, tal a torrente que derraindo os diques invade as terras defesas destinadas à cultura e à colheita, se precipitam, e se atropelam, e se confundem, envolvendo o miraculado.

Claro, a procissão terminou aqui. Foi o milagre o seu ponto final.

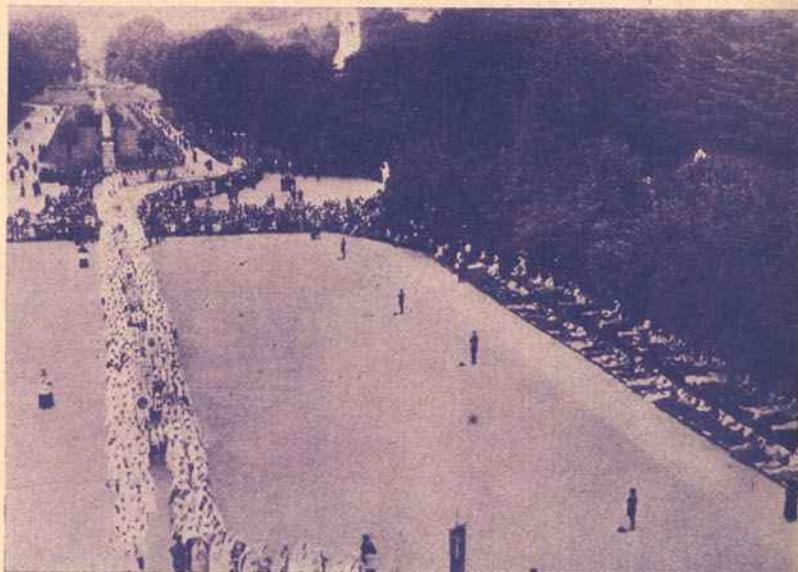
A noite, na hora do recolher ao quartel, não era o espectáculo único da procissão do Santíssimo, com todos os alaridos veementes, não era a scena fantástica da procissão das lanternas, que eu deixara a rolar em torno da Basílica fosforescente, rio de fogo, em que a barca de Jesus vai de velas a arder, não era nada daquilo que me ocupava a retina. Era o caso da italiana, a senhora curada da fistula na mão. Era o homem de Rouen, o paralítico que eu vira levantar-se do catre. E a propósito, interrogo-me. E conservo-me em silêncio, incapaz duma resposta...

A estrada, sob o arvoredor, é longa nave às escuras. Por mais duma vez julgo descobrir no longe restos da procissão das lanternas. Mas não—são olhos de gatos, olhos que buscam a caça nas sebes, e que os faróis do carro iluminam...

Lisboa.

SOUSA COSTA.

(Folha Ortodoxa.)



A grande peregrinação a Lourdes—O cortejo a caminho da gruta do Milagre

O JOGRAL BOIANTE

DOR JAYME DE BALSEMAO



Era do Natal à Epifânia, e, o bufão Giane Pimpo, pesando somente trinta arráteis e medindo seis pés, fora eleito, como era usança nesses tempos, bispo dos tolos. A sua consagração solenizá-ra-se por muitas momices truanescas. Dera a bênção pública de mitra na cabeça, cruz ao peito, e, báculo na mão. Subira ao côro com um clérigo licencioso e de vestuário teatral. Com êle aí tripudiára e cantára canções obscenas. Comera murcelas e salpicões sôbre o altar. Puzera no turíbulo restos de solas velhas. Depois da missa, pinchou na igreja. Despojou-se das suas vestes sacerdotais, e, passeou pelas ruas, num carro cheio de imundícies, atirando mancheias de estêrco ao povo que ria. Os freires, cuja soturnidade monacal se divertia com o gargalhar garganteado do bobo e com os seus desmandos, desopilavam fartamente as suas reverências. E o padre guardião, na sua cadeira de espaldar, com o tédio espantado e com o estômago proeminente e arfando, ria muito também.

Mas Pimpo era lucidíssimo, a-pesar da sua face larga e achatada, da sua boca largamente rasgada, da sua pele encarquilhada e anogueirada, dos seus grossos e pendentes lábios. Os seus dentes, viciosamente implantados nas maxilas disformes, adequavam-se hediondamente ao olhar vago e apavilhado, mas, brilhando de quando em quando, vivamente, em lúcidos clarões. A cabeça pendia-lhe sôbre um pescoço grosso e entumecido. A coluna vertebral, recurvada em diferentes sentidos, formava gibosidades. O ventre era volumoso e descaído sôbre as côxas; as mãos grossas e enormes; as pernas cambaias e de articulações nodosas. E, tendo tôdas as liberdades, podia a todos gritar os seus ridículos, os seus vícios ou as suas mesquinhices. Podia tão impunemente insultar um bispo, como impunemente mofar um homem de maridança traída. Contudo, Pimpo sofria; sofria da maior mágoa possível a uma inteligência; aquela que permite a análise dum defeito humano, dum falta malévola, dum vileza, dum sordícia; de a gritar convictamente; de revelar uma verdade mesquinha, e, de ver no rosto desavergonhado e prazenteiro do ouvinte visado, somente o riso e o descaramento.

O grotesco Pimpo, desde a infância, nesses tempos medievos, misturara um pouco de alegria à existência sombria então levada, fazendo parecer menos altas as muralhas dos castelos com os seus fossos cheios de água estagnada, as pontes levadiças, as grandes portas chapeadas de ferro, as negras tôrres de menagem... Ele acompanhara os senhores quando êstes percorriam os seus domínios, guerreavam os visinhos, ou caçavam, pelo outono, de falcão em punho. Figurara nos entremezes chocarreiros, nos mesmos estrados que os religiosos armavam para os mistérios, as oratórias e as mágicas ao divino. Fora êle, muitas vezes, com a sua presença monstruosa, a sua impudência e os seus acerados epigramas, o único a divertir a castelã. Porque ela ficara indiferente à inspiração dos trovadores e aos cavaleiros esbeltos, os quais, armados de acha de armas, da borda e da lança, com a guarina bastida e brilhante de passamanes, de plumas ao vento, se inclinavam sôbre a testeira rostrada dos cavalos cobertos de atafais bordados, numa reverência amorosa e denodada.

Pimpo era indispensável no castelo. Era tão precioso como os lebreus, o esmerilhão e o santoral de almalho iluminado.

Pimpo fôra recrutado entre os raquíticos e os idiotas. Como era raquítico, divertia pela sua córcova e pelo seu nanismo. Mas, dispunha dum espírito mordente, mal humorado e muito vivo. A sua precocidade intelectual fôra duma notabilidade desprezada. Habitado, desde a infância, a ser escarnecido, sem poder desforrar-se, pela força, dos insultos e das troças que lhe dirigiam, julgava poder indemnizar-se da sua liberdade física pela sua liberdade de linguagem nunca jovializando os comentários, e, pela sua rudeza de maneiras. A sua vivacidade intelectual e a sua extrema perspicácia, permitiam-lhe colher, com muita facilidade, os defeitos dos que o escarneciam. Dotado da concepção rápida e extravagante do doido, mas, possuindo ao mesmo tempo o senso crítico e a imaginação criadora e ardente, Pimpo era pueril. Porque os loucos e os génios possuem a faculdade de criar, mas não de corrigir.

Assim como a escrófula, a par do raquitismo no grupo das degenerescências, reúne muitas vezes as duas diateses, para dar à criatura uma estatura fenomenal, de exigüidade ou de exagêro, assim a inteligência nesses seres, umas vezes adquire um grau notabilíssimo, ou de superioridade ou de idiotismo. Pimpo era opulentamente dotado de vida intelectual. E assim, dava tóda a sua mente aos seres que o rodeavam.

Sem poder enunciar a outrém tóda a rai-venta tristeza da sua alma, coberto por um traje dum carnavalesco sem parecença, causava sempre troça ao defrontar-se com alguém. E êle, sem pendor para o riso, fazia rir tóda a gente, apertado no seu justilho fendido e bem justo, para melhor serem vistas as deformidades do seu esqueleto; com os longos braços pendidos, tal um búzio, e toucado duma górra asini-auricular; com uma sapata verde outra amarela; armado duma espada de madeira, duma bexiga de porco insuflada, contendo sementes sêcas de ervilha e dum pandeiro de soalhas enfiadas em arames perpendiculares. E todos riam assim que de manhã, se alevantava do seu almadrague de labruscas.

Giane Pimpo tinha a fisionomia dum tonto, como Sócrates. Gaguejava como Virgílio; crescera tanto como Horácio, Alexandre e Arquímedes. Era tão abortivo como Esopo, que Planudo descreveu, e que fôra histrião do filósofo Xantho. Afectado de extrema melancolia, como Zenon, Lucrécio e Aristóteles, sofria duma afecção mental, caracterizada pelo excesso do sentimento da personalidade; e, assim affectado, sentia a dôr mais fortemente do que os outros homens. E essa dôr assim sentida é a corôa de espinhos do génio.

O truão Giane Pimpo começou escaceando nos seus momos; e, um dia de sarau, não podendo misturar os seus tregeitos às visagens

duma pantomima, causou enfadamento. Os anos começavam pesando-lhe; resolvera exagerar as suas truanices. Fôra o início da sua decadência e da sua deshonra.

Fizera-se um grande reboliço. Pimpo não se exaltára contra os adufes mal tintinabulados. Quando todos esperavam que êle gritasse as suas chamboices costumadas e êle tal não fizera, a castelã bocejou sob a sua coifa flabelada. Levaram-no. Substituíram-no por um chocarreiro popular. Quando à cozinha foi comer a sua boleima de centeio, o próprio cozinheiro não o mofou; ficou indiferente. Então, deixou-se cair sôbre as vides bravas do seu catre. Nessa noite não dormiu, cheio de medo e de tristeza.

Giane sabia que, enquanto fôra êle próprio, êle sômente, insultando com a sua raiva e com o seu juízo crítico, patentendo as deshonras dos poderosos fizera rir todos. A sua desgraça provinha do medo de continuar a insurgir-se; do medo de não poder dominar as suas prontas invectivas. A sua voz, outrora reboando com as injúrias mais amargas, dos balcões das tauromaquias e dos tavolados das praças, fôra sempre ouvida e divertível. Agora, porém, que se humanizava, adaptando-se à hipocrisia e ao êrro, dando-lhes a naturalidade da sensatez; agora que se irmanava aos homens, pela adulação, pela paciência e pelo disparate, os homens desprezavam-no.

Amaldiçoou a hora enganosa da sua lucidez, quando, vendo a inutilidade de a todos dizer verdades, e, temendo a descoberta da sua sinceridade, pensou em ser sômente o maninelo porque era soldado. Deshonrara-se por a ninguém mais insultar.

Logo de manhã, ao saír, viu perto dum violão e à sombra das alfarrobeiras, uns rapazes jogando o alguegue. Com os pés deslocou-lhes as ariozes mas, a sua perdição chegára às crianças; fizera com que elas o corressesem à pedrada.

Os tempos decorriam, e, a recordação das suas ofensas avivava-se agora no espírito dos insultados. Alguns começaram então, tardiamente, descobrindo a deshonra dos seus talamos, a inveja dos filhos, a traição dos irmãos, pelo chocarreiro gritadas, por todos cridas menos êles próprios. Por simples caridade davam-lhe uma gamela de alhada diária. A sua aproximação parecia peçonhentar, como se êle fôra um licranço. Pimpo, deixára no almário o seu gibão tricolor e inútil.

Novamente voltou a ser sincero, mas suas invectivas sendo, mais do que nunca verdadeiras e sentidas, não eram toleradas.

Armado ainda da sua bexiga insuflada, para se defender dos desmandos dos que lhe buliam, batia com ela na cabeça atormentada, lastimando a sua asnidade.

Era pelo tempo das colheitas. Os cegadores olhavam-no malignamente, segurando as ga-

velas cheias de espigas. Pimpo caminhou até aproximar-se do mar. Avançou pela praia, coberta pelo esto da maré. Deitou-se na água. As ondas levaram-no fãcilmente; bem mais fãcilmente do que os seus pés doloridos, quando pela vida, sôbre a terra conduziam a sua pobre carcassa.

Giane Pimpo afastava-se para o largo; e, se assim boiava, sôbre a ondulação mole do grande estuário, era graças à sua bexiga tufoza, ao seu atributo de truão. Lúcido e flácido, apesar da extrema melancolia, parecia-lhe sentir, na morte, a voluptuosidade dos seus membros, desleixados sôbre as águas desertas e silenciosas. E como se sentisse quãsi feliz, segurava-se fortemente à grande bexiga insuflada, onde as ervilhas secas se haviam emudecido. E ela, boiando com o corpo dêle, parecia a grande bolha duma maleita monstruosa e prestes a rebentar. Pimpo vivia por ser ainda um bôbo. Jãmais houvera o seu corpo sentido um bem físico tão completo, e, tão desnecessário de recompensa. Jãmais a sua alma se sentira, assim, tão só com êle próprio.

Êle gosava da paz inêdita de pertencer a si próprio pela primeira vez. Sôbre os seus olhos estava um céu banido de maldades. Êle não conhecera o amor. Mas, pensava devesse êle ser uma grande coisa, capaz de aligeirar os pesos, de igualar as desigualdades; porque era leve sendo cheio de riquezas, e, sempre dôce, se bem que abundante em amarguras.

Fôra o exagêro da sua personalidade que levava Giane a procurar a morte. Mas, como houvesse entrado agora nesse domínio acessível, a morte já não existia para êle. Contudo, sempre mantido pela grande bolha levíssima e cheia sômente de vento, do grande vento encapelando-lhe o leito e esfriando-lhe o corpo, êle sentia-se perfeitamente feliz: não possuía amor-próprio, desejo, teima ou egoísmo. Assim libertado dêsse despojos mortais, lembrava-se de todos os homens, queimados pelas dôres da velhice e da doença; devorados pela idéa da morte, com as vantagens acompanhadas pelo temor das misérias.

O bufão boiante sentia a juventude, o bem-estar e a vida, tais os jogos dum sonho. Os seus pensamentos haviam sido sômente a turbulência dos seus sentidos. Êle fôra como todos os homens, semelhante a um cilindro frágil, rolando e entrechocando-se com os outros. Pimpo sentia-se sublevado no ar livre. Sentia-se imortal e sem corrupção.

E a grande bolha de ar bailou sôbre o mar. Separou-se do homem que já não era um bôbo, e, que se suicidara, como Zenon, Lucrécio e Aristóteles.



:: HANS MEMLING ::

: OS REIS MAGOS :

NOTAS PROFANAS

O NASCIMENTO DE CRISTO ATRAVÉS DA ARTE — OS PINTORES DO RENASCIMENTO ITALIANO E OS PRIMITIVOS PORTUGUESES — NESTE TORRÃO DA EUROPA, Á BEIRA-MAR PLANTADO...

A interpretação plástica do Nascimento de Jesus varia, como todas as manifestações artísticas, através das épocas, das raças e dos indivíduos que a produzem.

A Arte, seja a versão sintética dum acontecimento, a visão psíquica duma paisagem ou o comentário penetrante e agudo duma figura; seja a captação dinâmica dum gesto, a impressão rápida dum movimento, ou a própria reprodução escultórica do corpo humano, é sempre uma expressão elevada de História, desde que a História, criação de artista, foi justamente classificada como uma ciência subjectiva. Obra dum indivíduo, que vive numa época e pertence a uma raça, e está sujeito à fisionomia ambiente dessa mesma época, que actua, indelevel, sobre as suas características sociais, o documento de Arte, visto através do tempo, é um comentário vivo da idade que passa. Mas, recorrer a êle para historiar um facto, como documentário anecdótico de determinado acontecimento, é incorrer em erro. O artista, quando produz, coloca-se sempre no seu ponto de perspectiva. Há múltiplas facetas que lhe impressionam a retina. O conjunto de todos estes factores, sensibilidade, fé, cultura, ideologia, preconceitos, espiritualidade, ambiente, etc., convergem num só ponto e geram um único fenómeno: — o seu entendimento. E trás à sua tela e à sua pedra, para o espectador objectivo, o erro da posição em que êle, artista, se coloca, e não a virtude do seu entendimento. Daí que, na obra de Arte, para a sua perfeita compreensão, e porque só a verdade do entendimento pode rectificar aquele erro de perspectiva, deva haver por parte do espectador, senão uma afinidade de sentimentos com o artista, que o tempo desvanecem à medida que os séculos passam, um esforço, pelo menos, de aproximação do ponto em que o artista se colocou, ou — mais precisamente — foi forçado a colocar-se, para executar a sua obra.

Como valor histórico, a obra de Arte tem sempre mais interesse pelo indivíduo que a executa do que pelo facto que interpreta, cuja importância é meramente etnográfica, se a etnografia foi fielmente observada e o artista não a sacrificou a um efeito de côr, a um gosto de colocação ou à harmonia do conjunto. Mas, quando o historiador abandona o cenário para penetrar nos sentimentos e ideias que agitaram uma época, há de preferir, à análise do acontecimento interpretado, a compenetração com o indivíduo que o interpretou; há de embeber-se nessa espécie de fluido que anima um quadro e dá à estátua palpação de matéria viva, que o artista não pôde desvirtuar caprichosamente porque irrompeu de si mesmo e foi um pouco da sua alma e do seu corpo, e nos apresenta, em toda a sua pujança espiritual, o carácter e a fisionomia do período histórico em que o artista viveu.

Goya é, talvez, um dos casos mais for-

midáveis de retratista que o mundo conhece.

Pois bem; os retratos de Goya, que são um alarde de psicologia pictórica, falam-nos menos da psicologia do retratado do que do génio arrebatado, da retina subtilíssima, do temperamento violento e racial do artista que os pintou. Há neles aquele vivo colorido hispânico que andava nas almas e nas coisas da

época; aquela exaltação nacionalista, aquele vigor de leão rugindo que partiu em pedaços os pendões napoleónicos.

Nós não sabemos, porque ainda ninguém no-lo disse e que soubesse sofredamente o que dissesse, se os painéis de S. Vicente são ou não da autoria de Nuno Gonçalves. Mas, sabê-lo ou não pouco importa para a sua filiação portuguesa. A nossa sensibilidade da



Presépio de Bernardino Luini, no Museu do Louvre



Presépio de André della Robbia, no Museu de Florença

quele período histórico está ali nobremente reflectida. O sentido hierático que impõe as figuras, o ambiente de recatada ostentação espectacular em que elas se movem, aquela deliciosa mescla de força anímica, de vigor nos caracteres e de delicadeza espiritual, é a mesma que dá viço e valor psíquico às crónicas portuguesas da mesma época. Se não se tratasse dum pintor português, teríamos de admitir um fenómeno extraordinário de adaptação, que não seria o primeiro que a história registasse. O cretense Doménico Theotocópuli, o Grego, estrangeiro em Espanha, também levou aos quadros, com profunda obsessão e profundo acento emocional, «debido de sumos de Deus e

de crepúsculo», toda a elevação mística da época espanhola em que viveu.

Temos aqui algumas reproduções de quadros célebres, que são familiares, pela sua difusão em livros e revistas, aos públicos de todo o mundo, excepto, é claro, ao português. Portugal, nestas questões, marca sempre uma excepção, e não nos surpreenderia nada que algum dos cantores das maravilhas da nossa terra, desses que, no seu estúpido afan de exclusivismo nacionalista, reduzem o Criador à simples condição de fabricante de céos e luas especiais para uso d'elles, se lembrasse um dia de a proclamar, pela força do contraste, como qualidade única dum povo que à beira-mar plantado confia as suas queixas ao vai-vem das ondas...

Temos aqui — e basta de interrupções — alguns quadros de pintores célebres, que estão espalhados pelos mais importantes museus da Europa. Desde Correggio, em pleno florescimento renascentista, até Fra Filippo Lippi, no período da transição clássica; desde Rubens, o máximo representante da pintura flamenga, até Memling, o delicioso pintor primitivo; de Palma il Vecchio, a Luca Signorelli; de Pietro lo Spagna, a Andrea de la Robbia, etc. Todos elles interpretam a seu gosto e maneira, alguns bem contraditórios, o mesmo assunto histórico: o nascimento de Jesus.

Que o historiador tentasse averiguar, através destes quadros, a verdade bíblica, seria grotesco e irrisório! Tanto mais quando a Arte se apodera do símbolo com toda a fruição da sua amplitude imaginativa. Tão irrisório e grotesco seria como lançar sobre a doce figura de Jesus, símbolo de humildade e renúncia humana, todas as culpas do Renascimento Italiano, com os seus crimes e orgias, todo o carácter crótico e pagão, pomposo e bélico desse grandioso período histórico, que aliás se pode advertir perfeitamente através da obra dos seus artistas, mesmo daqueles, e foram quasi todos, que dedicaram aos temas bíblicos e religiosos prefec-



Vista actual da povoação de Belém, onde nasceu Jesus

rente atenção. O paradoxo, apenas aparente, confirma a tese, bastante elementar como princípio estético, que atrás defendemos.

Queríamos incluir neste artigo algumas reproduções dos primitivos portugueses, que foram, quanto a nós, os que melhor interpretaram a intenção simbólica do Nascimento do Redentor, e não nos cremos influenciados por imperativos de ordem étnica, mesmo sub-conscientes, e muito menos por esse patriotismo de via estreita, que se levanta, com a impermeabilidade trágica duma muralha chinesa, perante o esforço do nosso entendimento. Mas, estão de tal forma descuidados os nossos assuntos de arte, são tão limitados e deficientes os elementos de que dispomos para a sua difusão, que, trate-se ainda de Portugal, temos que nos valer, como agora, dos exemplos dos... outros. E isto é bem triste, pese às tentativas que entre nós se têm feito para atrair a curiosidade do turista. A acção turística em Portugal peca dum erro de origem, do mesmo lamentável erro de origem que nos tem levado a fazer da paisagem, do céu e do luar, uma questão de orgulho pátrio, a dar-lhes uma espécie de carta de nacionalidade, quando a paisagem se repete com bastante freqüência por esses mundos de Cristo, e o céu é a mesma tela cravejada de pérolas que se estende por todo o globo terráqueo, e o luar o mesmo pintor das horas mortas e a mesma hóstia branquinha onde está Nosso Senhor, que unge de graça todos os cantos do Universo.

E não falemos na monotonia do fado, que entra na mesma ordem poética, com as suas variantes de faias e fistulas...

Setenta e cinco por cento dos estrangeiros que visitam Madrid em viagem de prazer teriam mudado de rumo se não viessem atraídos pelas maravilhas dos seus museus. A tão decantada alegria madrileña, esse ambiente casticeiro de majas e manolos, castanholas e realejos que só existe no estilo fanhoso e impúdico de qualquer jornalista inconscien-



Presépio, por Luca Signorelli, existente no Baptistério de Cartona (Itália)

te, não constituiria, como atracção turística, um negócio de grandes lucros.

Tendo nós, como temos, um magnífico Museu, o das Janelas Verdes, que pode com-

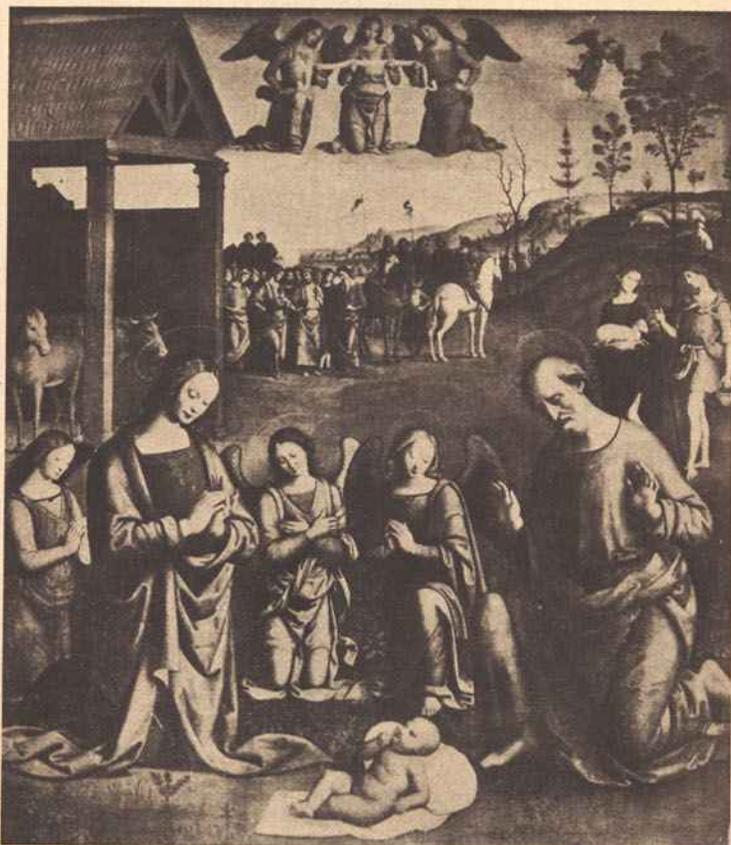
petir com os melhores do mundo, especialmente na pintura primitiva, que, sendo bem portuguesa e bem nossa só aqui se encontra, porque não lançar mão deste chamariz para

atrair o estrangeiro que viaja? O processo é bem digno e honesto, porque não traz ninguém ao engano e dá muito melhor resultado, acreditem, do que essa orientação, entre poética e hoteleira, que se tem dado à propaganda dos encantos da nossa terra. É realmente doloroso e desolador o abandono a que, pelos próprios nacionais, está votado este museu no que se refere ao seu conhecimento e difusão pelo mundo, estando, como está, admiravelmente conservado, e não regateamos aplausos a quem com justiça, os merece.



Presépio, de Palma il Vecchio

«Hércules de Este, ao sair duma orgia, ia rezar os seus officios com todos os seus mú-



Presépio, de Pietro lo Spagna

sicos franceses; mandava arrancar um olho ou cortar uma mão a duzentos e vinte cativos antes de os vender, e no dia de Quinta-Feira Santa ia lavar os pés aos pobres.» Assim conta Taine um dos episódios da Itália do Renascimento, onde os sentimentos cristãos derivaram em rito católico, mais de forma que de fundo, ainda que, por vezes, em holocausto à forma, se chegasse ao sacrifício. Em Portugal, o cristianismo teve sempre fundas raízes na alma do povo e foi sempre, sem galas nem torturas, a doce expressão das palavras de Jesus. O Cristo dos portugueses nunca passou por Roma. Após o crime, lançava-se a alma para as penas do Purgatório, mas depois subia ao céu. Mãos portuguesas manchadas de sangue nunca lavaram os pés aos pobres; tinham que estar limpas como a transparência cristalina do próprio símbolo a que rendiam tributo. O Cristo da Inquisição nem era Cristo nem era nosso; se por cá andou, foi-nos imposto à força e com grande desgosto do outro, do que nos pertencia.

A figura de Jesus, como elemento de Arte, ou foi sempre deturpada, como nos pintores espanhóis, pela influência do catolicismo romano, ou foi sacrificada, no seu significado bíblico, à concepção pictórica de determinada época, como no período áureo da pintura italiana. Tudo são fogueiras e torturas ou pompas e ouro, mesmo quando se trata, como alguns quadros que reproduzimos, do símbolo dulcíssimo do seu nascimento.

Há, porém, uma escola de pintura, de origem essencialmente popular, nem monástica,

nem cortesã, que marca uma excepção: a Escola Portuguesa.

Em Portugal, o Nascimento do Redentor, desde os autos de Gil Vicente até às táboas dos primitivos — a origem é a mesma — é bem a interpretação bíblica do grande símbolo cristão. Cristo veio ao mundo como eles o viram e como as estrelas o anunciaram: a alma cheia de gala e o corpo despido de pompas. Todo humanidade e graça espiritual. Com toda essa humanidade que é nimbo de simpatia nos anjos mensageiros do Céu, com fundo humano nos quadros dos nossos primitivos, alentados, embora, pela exaltação lírica da raça, e que não entram na *mitologia católica* — permita-se nesta expressão pagã — porque é impenetrável à alma e ao entendimento dos homens.

«O Cristo espanhol, dizia-me uma vez Guerra Junqueiro — e di-lo agora a nós Miguel de Unamuno — está sempre no seu papel trágico; jámais desce da Cruz, onde, cadavérico, estende os braços e estira as pernas todas ensangüentadas; o Cristo português anda por contos, quadros e montanhas, a brincar com a gente do povo, com ela ri e petisca, e só de vez em quando, para desempenhar os deveres do seu cargo, se dependura uns momentos na Cruz.»

Foi este o Cristo, bondoso, brincalhão e ingénio que nasceu, Menino-Deus, nas táboas dos nossos primitivos.

1930.

NOVAIS TEIXEIRA

EM BAIXO — Presépio, de Filippo Lippi, do Museu do Louvre



OS MESTRES DA NOVELA

O QUE FEZ UM OLHAR DE EL-REI

Tragedia doméstica por EDUARDO ZAMACOIS

A scena representa o magnífico quarto de dormir dos esposos Lopes. São dez da manhã. Entra a criada, que traz o primeiro almoço e os jornais do dia; limpa, gentil, silenciosa, coloca a ligeira refeição matinal sobre as duas mesinhas redondas situadas uma a cada lado da cama, e retira-se.

Cármen, a segunda esposa do sr. Lopes: vinte e três anos. Sobre o edredon azul repousam seus braços brancos, duma rara harmonia. Na graciosa almofada de renda que lhe sustenta a cabeça, cái o seu cabelo, dum preto relínto, que serve de prestigioso fundo ao rosto. Seus olhos grandes e escuros dirigem-se, naquele instante, para determinado ponto do tecto. Olham muito fixos. É aquele olhar maquinal com que nos momentos de maior abstracção e reflexão parecemos acariciar as nossas lembranças.

O senhor Lopes: cincoenta anos; peludo, sangüíneo, um pouco calvo. Tinga o cabelo

Depois de trocar com a mulher um «bom dia» trivial, o senhor Lopes bebe dum gole o seu café e abisma-se na leitura das gazetas. Cármen, esquecida do seu pequeno almoço, permanece imóvel, as belas pupilas cravadas no lecto com obsessão.

De vez em quando, na calma do quarto, ouve-se o ranger do jornal torturado entre os dedos curtos e recementes do marido. Um largo silêncio.

LOPES (sem deixar de ler)—Não almoças?

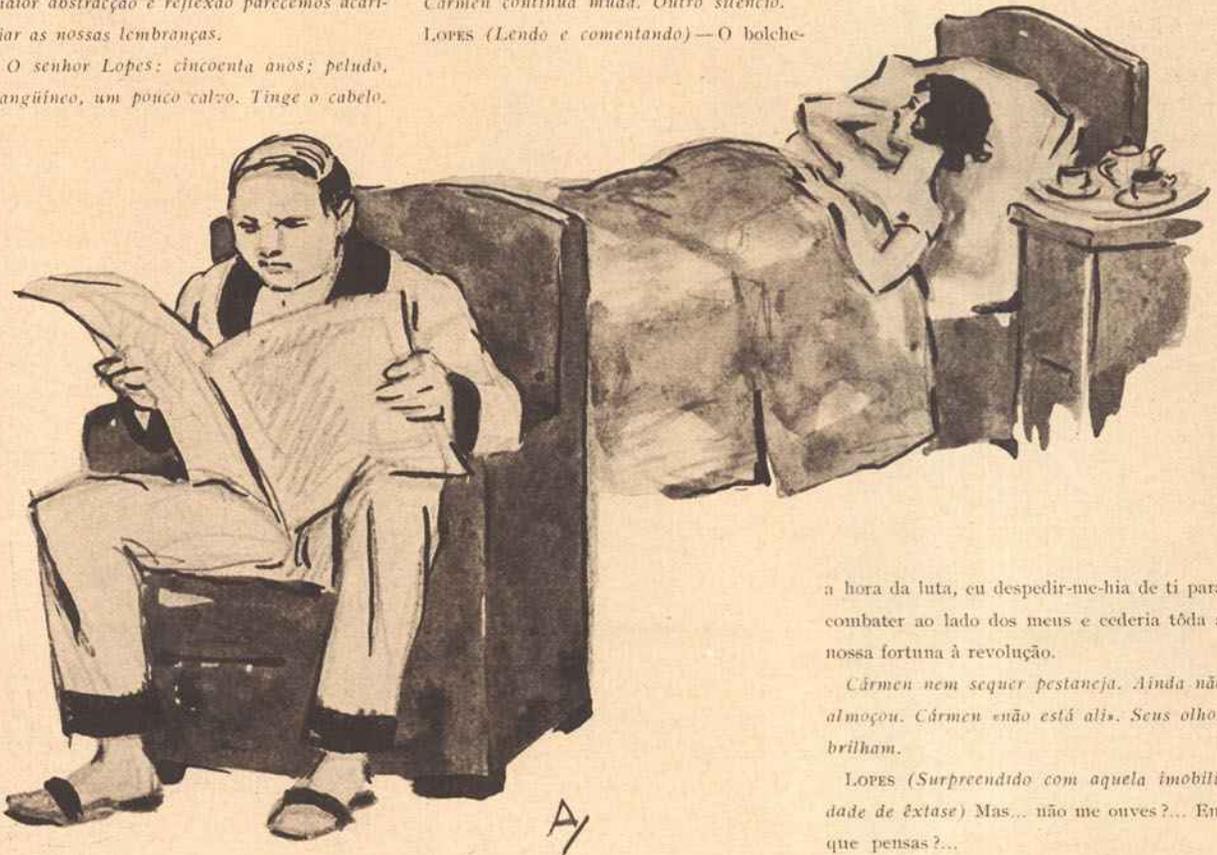
Cármen não responde. Outra pausa.

LOPES (Que volta as costas à mulher, lança-lhe o sabo do olho)—Vais deixar arrefecer o café...

Carmen continúa muda. Outro silêncio.

LOPES (Lendo e comentando)—O bolche-

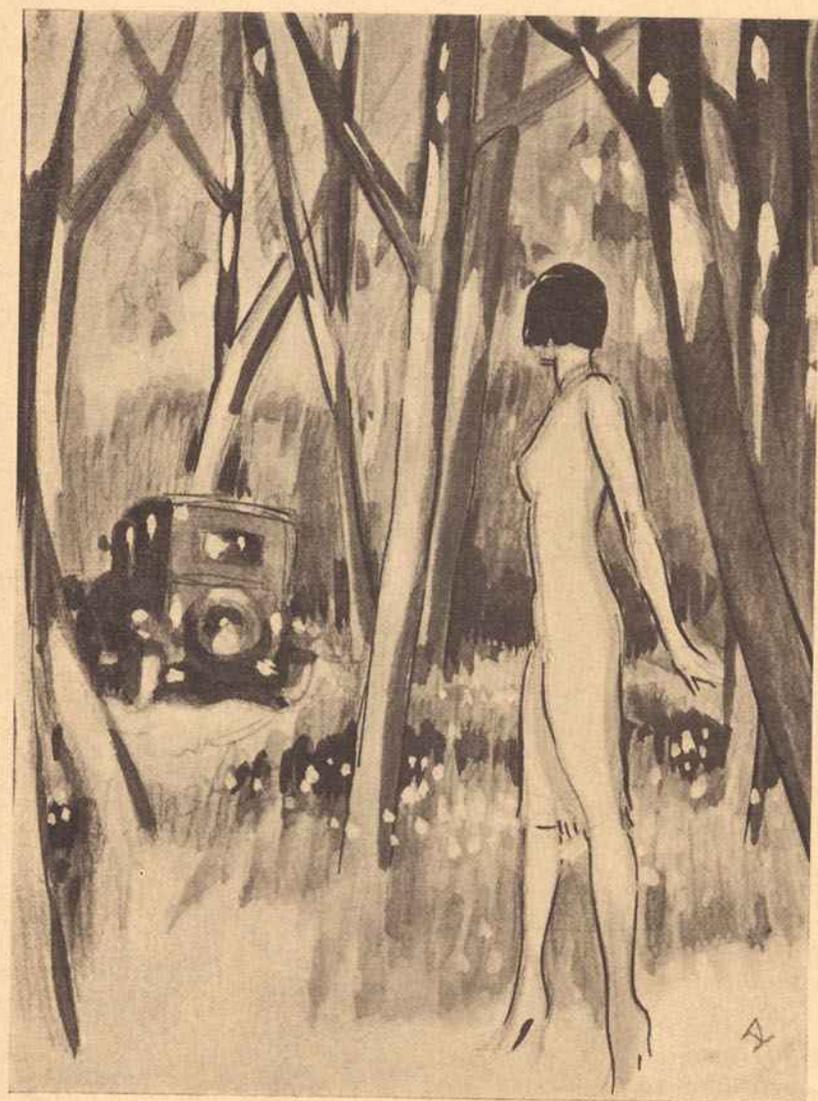
vismo já avança sobre os Pirinéus. É bem feito!... Porque assim Espanha despertará do seu letargo. Eu sou um homem de acção!... O sangue!... Bendito seja o sangue derramado por um ideal!... (Recordando uma frase caçada num comício) «Os rios por onde singram as caravelas do Progresso foram sempre de sangue!...» (Lê em voz alta) «Novo crime sindicalista: três mortos e um ferido em Valência...» «A greve de Saragoça...» «Incêndio numa fábrica; calculam-se as perdas em quatro milhões...» «Quebra do Banco de Barcelona!» A onda vermelha avança; assistimos ao crepúsculo da nobreza e do capital. (Com enfase, como se falasse duma tribuna) Somos ricos; mas, acredita, o meu coração adora o povo, todos aqueles que sofrem. Se chegasse



a hora da luta, eu despedir-me-hia de ti para combater ao lado dos meus e cederia toda a nossa fortuna à revolução.

Cármen nem sequer pestaneja. Ainda não almoçou. Cármen «não está ali». Seus olhos brilham.

LOPES (Surpreendido com aquela imobildade de êxtase) Mas... não me ouves?... Em que pensas?...



Vi, de súbito, como o mundo se tornava pequeno, pequeno... e que era meu!... Eu podia atirá-lo ao chão e fazê-lo em fânecos. (Pausa). Que pena!

Um silêncio.

LOPES (Inquieto) — Pena, de quê?

CÁRMEN — De que o sono não fôsse realidade.

LOPES — Tu abandonarias a tua casa para seguir um rei?

CÁRMEN — Eu, sim.

LOPES — Sério?

CÁRMEN — Não vacilaria um momento.

LOPES (Em quem o ciúme e o ódio aos poderes constituídos acabam de formar uma terrível aliança) — Então deixavas-me por um rei?

CÁRMEN — Imediatamente.

E estas palavras ditas assim tão ingenuamente, por aqueles lábios jovens, têm mais força, mais império do que um «Viva à monarquia!» lançado por cem mil gargantas ao mesmo tempo. Lopes tenta voltar à leitura e não pode; a confissão de Cármem feriu-o horrorosamente no seu amor e nas suas convicções políticas. «Enquanto as mulheres admirarem os tiranos — pensa, — enquanto se deixarem alucinar pelo aparato farandulesco das catedrais e dos palácios, a liberdade, pela qual nós, homens, damos a vida, não passará de ser uma ideia.»

LOPES (Investigador) — Como era o rei do teu sonho?

Cármem olha o marido, sorri e não responde.

LOPES — Boa figura?

CÁRMEN — Um rei sempre é belo.

LOPES — E se é um velho?

CÁRMEN (Irredutível) — Um rei nunca é velho, nem novo, nem magro, nem gordo: é rei; nada mais que rei.

LOPES — Compreendo que as mulheres se enamorem dum grande orador, dum grande



CÁRMEN (Com voz suave, longuqua; uma voz de lenda) — Se soubesses o que sonhei esta noite!

LOPES — Que sonhaste?...

CÁRMEN (Fechando as pálpebras) — Que El-Rei olhou para mim...

LOPES (Sem compreender) — E depois?...

CÁRMEN — Encontrava-me num jardim cheio de flores e murmúrios de águas correntes. A um lado, alçava-se um bosque negro, de ciprestes, através dos quais, ao fundo, o sol morria. Eu tinha acudido ali com o sentimento de que alguém... não sei quem!... me pedira uma entrevista. (Cala-se um momento e as suas pupilas adquirem uma profundidade apaixonada e magnífica). De repente, vi chegar um automóvel. «É êle», pensei. Afastei-me, tremendo, do caminho, e o automóvel passou... e no automóvel ia o

rei, que olhou para mim. (Suspirando) Ainda retenho aquele olhar...

LOPES (Secretamente ofendido) — E foi isso que te transtornou?

CÁRMEN (Dignando-se baixar os olhos do tecto para olhar para o marido) Tu sabes o que significa ter sido olhada assim, com prazer, por um rei?...

LOPES — Queres agora convencer-me de que te enamoraste dêle...

CÁRMEN — Tôdas as mulheres estão enamoradas do rei.

Lopes franze as sobrancelhas.

CÁRMEN — Elas não o sabem..., mas estão.

LOPES — Tu, também?...

CÁRMEN — Também; foi uma revelação; compreendi-o quando sonhei que me olhava.

Lopes, outro gesto de mau humor.

CÁRMEN — Naquele instante senti-me rainha... ou favorita... Isto é, senti-me poderosa.



que pensam como tu levam um cortesão medido no corpo!...

CÁRMEN (*furiosa*)— Ah!... Pois se eu pudesse enganava-te com êle, fica sabendo!... (*Chora de cada vez mais. É uma scena insólita e grotesca.*)

É meio dia e meia hora, Lopes salta da poltrona e começa a vestir-se. Não tomará banho, nem se barbeará... Aquela discussão estúpida abrasou-o de cólera; precisa de sair para a rua, serenar passeando, tomar um pouco de ar; de contrário, não poderia almoçar.

A CRIADA (*Entrando precipitadamente*)— Senhor Lopes...vai sair? (*Traz o pânico estampado no rosto.*)

LOPES— Vou, sim... Que há?



CRIADA — Estalou uma revolução; na praça estão dois eléctricos a arder.

LOPES — Melhor.

CRIADA— Minha senhora!... Não deixe sair o senhor Lopes..., pode-lhe succeder uma desgraça!... A guarda civil já faz fogo.

Cármén, que tapou a cabeça com as almoçadas, não responde.

CRIADA (*Juntando as mãos num gesto de ardente súplica*)— Senhor Lopes, pelo amor de Deus, não saia... Ali mesmo na esquina acabam de matar um padeiro...

LOPES— Melhor, melhor!... O sangue é a única água que lava.

Termina de fazer o nó da gravata, e, ao vestir o colete, caem-lhe vários duros ao

chão; e o Lopes pensa que naqueles discos de prata está «êles... o seu rival... o rei!

CRIADA (*Apanhando as moedas e entregando-as ao patrão*)— Faça o favor.

LOPES (*Dirigindo-se à mulher e arrojando os duros para cima da cama*) Não o querias ver?... Ai o tens retratado...

Sai do quarto, batendo violentamente com a porta e chega à rua. A criada não tinha mentido. As lojas estão tôdas fechadas. Ouve-se o ruído das descargas, e nos passeios hã rastos de sangue. Lopes, no entanto, caminha impávido, porque o desgosto que acaba de ter multiplica-lhe a coragem. Ao chegar à esquina mais próxima, vê correr de encontro a si um grupo de operários acossados de perto pela policia; os mais valentes cferecem resistência, sãom vários tiros e um homem cai mortalmente ferido... E, de súbito, Lopes lembra-se que a causa do povo é a sua, visto que todos lutam contra «aquele» que a mulher adora desde a véspera, e grita: «Morra o rei!... Vêca a anarquia!...» Imediatamente quatro policiaes lançam-se sobre êle, seguram-no pelos braços, batem-lhe, amarriam-no cotovelo com cotovelo e levam-no para a cadeia.

Era já noite quando Cármén soube que seu marido estava preso. «Porquê?» Pelo telefone disseram-lhe: «Por ter dado morras ao Rei!» E Cármén sorriu-se irónicamente.

(DESENHOS DE A. DUARTE DE ALMEIDA)



artista, dum tenor célebre..., de tudo o que brilha!...

CÁRMEN (*Atalhando*)— Um rei brilha mais que todos os tenores, que todos os toureiros e todos os artistas juntos.

LOPES— Mas considera que os tronos são uma herança e o que se herda não supõe mérito, mas fortuna.

CÁRMEN— Que importa?... (*Com inspiração repentina*) Tu conhecestes minha mãe quando era nova! Dizem que era bonita...

LOPES— Uma beleza!

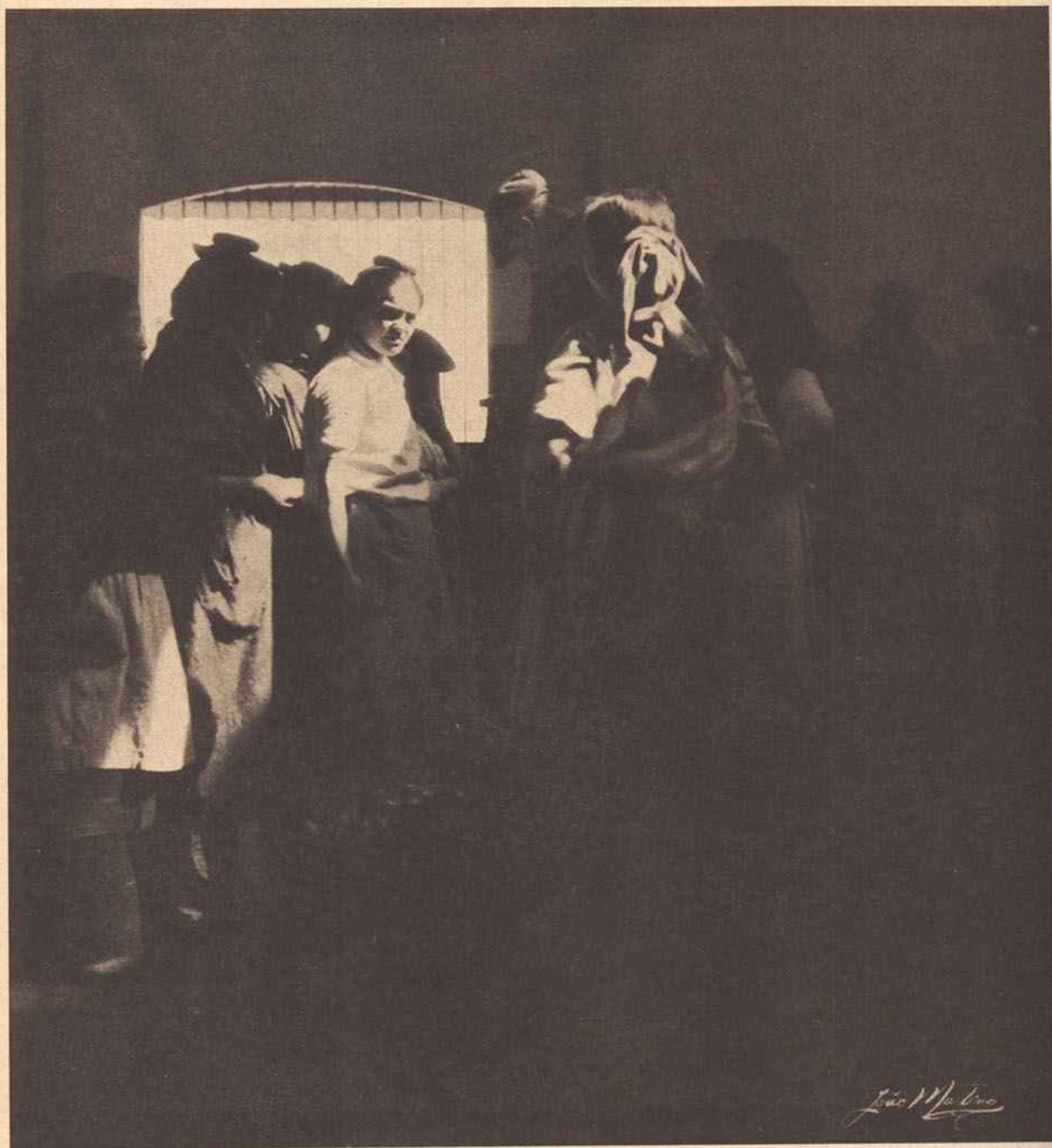
CÁRMEN— E se eu, como também dizem, me pareço com ela, é falta de mérito para mim que essa beleza não nascesse comigo, mas tivesse sido herdada? O essencial é ser bela, não é verdade?... ; pois bem : o essencial é ser rei.

LOPES (*Accitando aparentemente as opiniões realistas da mulher para chegar depressa a um acôrdo*)— Não julgues que eu aborreço os reis por sistema. E queres ver?... Concebo que te apaixonasses por um homem como Napoleão; um homem que chegou a imperador pelo seu próprio esforço; um homem «que veio de baixo»...

CÁRMEN (*Inflexivel*)— Eu ter-me-hia apaixonado por Napoleão não porque tivesse «vindo de baixo» mas porque estava «em cima».

Continuam falando, e, de súbito, o diálogo toma azedumes inesperados. Lopes chama «coquette» à mulher e ela rompe a chorar.

LOPES (*furibundo*)— Tôdas as mulheres



SE REMBRANDT VOLTASSE...

FORMOSO ESTUDO FOTOGRÁFICO
VARINAS NA LOTA DA MADRUGADA

PELO DISTINTO AMADOR JOÃO MARTINS



Marinus Van Reymerswade

A Virgem amamentando
o Menino Jesus

O ALMOÇO NA PRAIA



Com o mar bravio, as companhas jogavam o lóto na praia, à roda do Pôsto, quando rompeu a luzida cavalgada: cavaleiros de ginetes bem ajacizados, criadagem, galgos, automóvel, com o necessário, rolando molemente à cauda. Suspenderam o jôgo os pescadores e, alvoroçados, acendiram da barraca os fiscais. Suas senhorias, entre as quais realçava, filhote da comarca, Lousal Filho, da rica e acreditada firma Lousal & C., vinham acolher-se à praia durante as horas da canícula para, depois do almoço, levantarem novamente em batida às lebres pelas dunas semeadas. Entregues os cavalos aos marítimos, que os acomodaram na estrebaria da guarda, Lousal dirigiu-se ao palacete que, à borda do macadame, erguia seu garboso pé direito. Mandara-o o pai edificar para a temporada dos banhos e, rente aos palheiros, era como um senhor ajanotado numa chusma de pedintes.

As primeiras aldrabadas na porta, apareceu Benedita, mais gorda que toninha, feia, baixa, hexiguda, com tôda a boa pinta de cozinheira. Ao vê-lo, conhecendo-lhe à légua o ânimo impulsivo e pouco sofredor, antes que êle despedisse a sua pedra, atirou ela as suas:

— Mandou-me para aqui, mais valera mandar-me guardar cabras! A casa estava um monte de lixo; lenha não havia; para a arrelia ser maior esqueceu o azeite e os cheiros na estação. Vinham já para almoçar?... Têm que esperar!

— Que mais falta, rapariga?

— Que falta? Falta tudo, menino, tudo, menos a minha paciência que é de santa. Peixe, nem sombra...

— Essa agora!

— É assim mesmo. Os barcos não foram ao mar.

— Preparasses outros pratos...

— Estão duas galinhas no forno; foi tudo a que pude deitar a mão — perorou ela, abrindo os braços.

— Não te levar o diabo mais o ardil com que nasceste! Eu vou arranjar peixe — e, resmungando, largou de rópia pela porta fora.

Na praia, onde os marítimos embasbacados faziam roda aos figuros embasbacados, Lousal foi direito ao arrais:

— Vocês hoje porque não entraram?

— Tem estado a vaga muito soberba — respondeu o *Savelheiro*.

— O quê? Com uma calmaria destas...

— Afirme-se bem com os seus olhos...

Espraiou Lousal a vista pelo mar e, através da cortina de névoa, quási diáfana, que fluctuava sobre o contra-banco, distinguiu os grandes rôlos côr de garrafa, serzidos de espuma branca, galgarem e retinirem na terra com impetuoso fragor. Longe, a água arfava crespa e negra, picada de raras tremulinas de neve, voláteis como penugem de aves brancas.

— Chão, chão, não está — sentenciou Lousal. — Mas já os tenho visto largar com mar incomparavelmente mais cavado.

— E que ganhamos nós com valentias?

Transportado por aquelas palavras à situação miserável e escrava em que viviam os marítimos, Lousal calou-se. Depois de curto silêncio, em que perpassaram pelo seu espírito, rápida e sucessivamente, a negrura da existência e a sua claridade, tornou, erguendo olhos para o arrais:

— Sempre estão decididos a não deitar rédes?

— É um grande risco — balbuciarão muitas vozes.

— Qual risco! Eu tomo a responsabilidade... eu vou com vocês. Onde pára o Pedrosa?

Tinham visto sumir o mestre por detrás das barracas, mas ninguém dava razão do seu paradeiro. Andaria para os quintais a palpar as uvas...

— Toca-se-lhe o búzio.

José Lousal empunhou a concha às mãos ambas e, enchendo as bochechas, com o sôpro de homem folgado, bem comido e bebido, arrancou um clangor alto e rolado de fanfarra.

— Bofes duma cana! — celebrou o Carapinha.

— Quem quiere poupa-os. Não que à minha bôca não vem cachaça — redarguiu êle em leve tom de vitupério para os pescadores.

— É que o patrão desconhece o que seja entrar ao mar com a cacimba! — proferiu o *Savelheiro*, beberrão consumado.

— ...e andar ao remo com a camisola colada às costas — acrescentou o Passa-fome.

Haviam-se aproximado da taberna do Pisco e Lousal, avistando a ti'Rosa na soleira da porta, foi saber do que teria para almoçar. A deterer-se em melão diante do menino Zé, «que estava agora muito longe de ver», falou em assar duas galinhas, matar um cordeiro, esfolar um ou dois coelhos mansos... talvez se conseguisse um leitãozinho de mama...

Nô comenos chegava o Pedrosa, descalço, gôrro na cabeça, a largas pernas das gâmbias tortas, num grupo de pescadores. Atrás, muito arreada de ouro e com canos de lâ branca, Cristina, sua mulher.



Trocados cumprimentos, o arrais adiantou-se a explicar o toque dado de aparelhar :

— Aqui o senhor Zé acha que se pode ir ao mar. Não há dúvida que êle amansou nada, mas vomecê é que manda, ti' Pedrosa.

O Pedrosa virou face à água e, bem escorado nas pernas, mãos atrás das costas, demorou-se a olhar. Depois, cuspinhando fora a petisca apagada, alçou a venta para o fiscal do Pósto, que era entendido :

— Que lhe parece, José Rodrigues?

O cabo quis dar uma resposta prudente e motivada, pelo que se quedou face ao oceano, recolhido, a consultar. E acabou por dizer :

— Mais encapelado que o que está não julgo que se ponha. Há a considerar aquela nuvem além, a barlavento, mas anda longe e não botará até aqui.

Voltou outra vez o Pedrosa a scismar; impaciente, amigo de mostrar afoiteza e bizarria ante os convidados, Lousal exclamou :

— Que diabo, eu também percebo alguma coisa de marinharia. Com a ardentia que faz, o mar só pode melhorar. Já disse: tomo a responsabilidade e, se preciso for, vou aos remos.

— Ora essa, o fidalgo ir aos remos!

— Não irei aos remos, mas vou no barco. Algum de vocês quer vir?— perguntou para os da comitiva.

— Eu só uma vez atravessei o Tejo e a meio rio pareceu-me ver o Adamastor. Mas vou, se lhes dá prazer— respondeu um que era romancista.

— Eu enjôo facilmente— respondeu outro que era diplomata. Não quero obrigá-los a terem de se ocupar comigo.

— Eu ainda não fiz testamento— tornou um terceiro, que era apenas rico filho-familia.

Um só se oferecia para tentar o lance naquela jangada de Medusa e fazia-o, não por coragem, que não sabia o que era, confessava êle, mas para sentir ao vivo a aventura perigosa do pescador.

— Este cavalheiro é homem de letras— declarou o Lousal— e vai metê-los a todos em letra redonda. Façam de conta que estão diante do fotógrafo. *Savelheiro*, toca a aparelhar...

— O barco está aparelhado. É só rolá-lo para a água.

— Quantos de vocês sabem nadar?— perguntou o escritor.

Da numerosa turba-multa que tripulava quatro barcos, apenas cinco ou seis sabiam



nadar. Por entre dentes, o homem de letras comentou para os amigos:

— Aqui está em que deram os descendentes dos navegadores!

Tinham-se acercado da orla. Entretanto, alpendurando as mãos para o mar, ainda alvoroçado, os homens murmuravam da temeridade que podia despachá-los para o outro mundo. Faziam côro as mulheres, esfalfando-se a ganhar quem queria comer peixe fresco fôsse-o pescar ou encomendasse-o ao Vargas da Violeira. De relance, abarcou Lousal o aranzel e disse para o arrais:

— O *Savelheiro* dá-me licença de oferecer uma pinga aos homens?

— Sim senhor, mas hão de beber por minha mão.

Tornaram a subir a escarpa de areia ante o «Pisco». Lousal mandou vir um cântaro de vinho, e à porta da taberna formaram

uma vaga, alagou a todos; veio segunda, despeçou o esquife da orla. Duas remadas, e empinou-se, desapareceu por detrás dum mar. Instantaneamente rompeu na praia um alarido lancinante. Outro mar: o arrais fez sinal e, quando o arjete verde ia a lançar a marrada, o barco pulou.

— Rema, rema ao Norte! — e àquela voz os doze remos vergastaram furiosamente a onda furiosa.

Crescia sôbre eles novo vagalhão.

— Fôrça! Fôrça!

Louvido seja Deus, lá iam escapos, entre duas campas, a salvar o contra-banco!

Ainda bailava o *Lírio de Jericó*, mas o perigo era vencido. Na praia amainara a gritaria das mulheres. Num grande ar de despreço, o *Savelheiro* lançou-lhes:

— Cabras!

Punho sempre firme na corda que o calador

afundir-se o saco, com intono de desafôgo, soltou nova impreciação:

— *Largai saco ao mar; rezai o credo com boa fé; vá êle em louvor do Santíssimo Sacramento, para que o mal saia para fora e o bem entre para dentro.*

Lançada a rêde, sem os milhares de quilos que o pejavam, o barco respondeu ao espaldanar dos remos pulando alegremente na superfície das águas. Içaram a bordo o pavilhão de festa. Pouco a pouco, foi avultando no taboleiro do Pedrôgão os cubos das casas. Um fuminho alto que se ia adensando era a fimbria do pinhal. Mereç da névoa, que fluctuava sôbre a costa, parecia tudo às avessas. Lobrigou-se, afinal, o Pedrosa, espeçado no chão branco, a ver o seu bem protegido pelo Anjo da Guarda; no Pôsto, o fiscal de piquete assestava também olhos para êles. A praia era um sendal de ouro fino; a borda —



roda marítimos e mulheres dos marítimos, mulheres dos costais e lavadios, crianças nuas e vestidas, e até sardinheiras e almocreves remediados. E, enquanto Lousal distribuía o vinho por tijelas e canecas às mulheres, o arrais dava cinco decilitros a cada um dos tripulantes. Muitos, porém, torceram a cara.

— Não tem onde pegue.

Lousal, da opulentíssima firma Lousal & C.ª, compreendeu a náusea dos esfomeados e pediu quanto pão, bacalhau, latas de conserva havia na quitanda. Cozlhose a areia de vitualhas, e as companhias, fiscais, belfurinhos, Pedrosa com a mulher, tiraram o ventre de misérias. Com semelhante lastro, o arrais alargou, também, a ração de vinho. E até em guisa de mata-bicho, os jantares de Lisboa se banquetearam.

A rilhar a última côdea, a hoste bárbara, esfarrapada, no meio da qual os senhores de Lisboa rescendiam tanto em suas águas de cheiro que as varinas tinham tonturas, avançou para o mar. Eram mais espaçadas, porém sempre alterosas as ondas. Mas já não havia medo. Trepon Lousal para a prôa do barco; ocuparam os casteleiros os seus postos; plantou-se o arrais à pôpa; mão no roçoeiro, debaixo do pé a corda da muleta; ergueu-se no seu lugar o vareiro, firme e rôto como espantalho.

Rolaram a nave e, ao primeiro e sério chapinhar da água, os restos da companhia saltou os bordos. O regedor da terra, o mestre, dez, quinze mulheres empurravam com a muleta. Os homens vagos da outra companhia puseram ombros contra os costados. Veio

ia desenroscando, o arrais buscava agora orientar-se direito à boa «terra de mar». Rezaram pelas almas do Purgatório e um cantador ergueu a voz:

*O fundo do mar é fundo,
Mais fundo é teu coração.*

E, à toada, os doze remos batiam a água, certos como se houvesse ali um mestre de galerianos a reger-lhes a cadência. O meio-lua lá ia; e as bicas da prôa e da ré, apuradas ao céu, balouçando levemente ao embalo da onda, dir-se-iam mãos postas a rezar. Começaram a decrescer as casas do Pedrôgão; tornaram-se pequenas como pedras de jôgo baralhado; esmoreceu o verde nas hortas; na praia os vultos converteram-se em sombras ligeiras. Uma cercadura de espuma cingia o barco e eslocava-se à pôpa num rabo-leva de anil e iris. Nas pás dos remos, asas brancas, intercedentes, pareciam esvoaçar. O mar agitava-se faiscando, no balanço das suas pregas e repregas, uma garça dormia. A Lousal figurou-se que ia agarrado à juba dum leão.

Por deferência ao fidalgo, o arrais andou à busca de «terra» até onde a corda lho permitiu. Ao primeiro fervedoiro de água, apreciável, indicio de cardume em derrota, bradou:

— Orça aí!

Sustaram os remos. Em tom rude, de ladário, o *Savelheiro* encomendou o lança às pessoas da Santíssima Trindade. Foram em seguida remando à ré e calando a rêde. Ao

nastro de renda vaporosa. Lá estavam os três senhores alfacinhas, estatelados na areia, a sonhar com as meninas do Chiado.

A passagem do contra-banco fez-se sem agruras nem aparato. O arrais aguardou a pancada da onda e deixou-se levar; a alçaprema formidável foi depositar o barco em terra, manso, manso como as hacaneas que dobravam o joelho para apearem as princezas, no tempo em que as havia.

Romperam logo os boizinhos de touço curto no manejo de arrastar a rêde, acicatados mais que de medida para comprazerem com os fidalgos. José Lousal triunfava: A alegria que lhe era própria, com o seu tanto de pancada, aliava-se agora a satisfação de ver as coisas passarem-se a preceito do seu optimismo. Enquanto não arribava a rêde, o vinho correu a rodos. Emborrachou-se quem quis e o Pamplino, bôbo da praia triste, com uma piela monumental, subiu à varanda do Pôsto a pregar.

Safu boa redada de sardinha com linguados, chocos, peixe-galo de permeio. A ti' Rosa Pisca recebeu ordem de cozinhar uma gigantesca caldeirada para as companhias. A poder de bebedeiras e de indigestões a data ficou célebre na praia miserável.

O escritor tomava notas e deglutia à grande. A altura do refogado do chôco, murmurou:

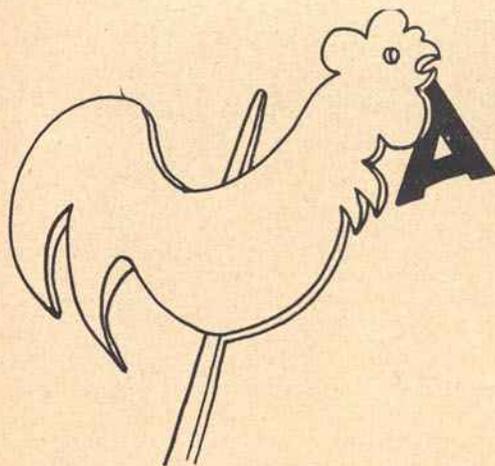
— Está sublime, mas amarga um pouco.

— Amarga?

— Sim, e mais só o vi pescar de longe!

AQUILINO RIBEIRO

(Desenhos de José Tagarro)



A MISSA DO GALO

Na véspera à noite, depois da ceia, quando nos dispúnhamos para a deita, a comadre Antónia não se esquecia de ordenar, disfarçando a ordem numa advertência:

— Amanhã, quem não jejuar, não vai à missa do galo.

Todos queriam ir à missa do galo, e por isso declaravam todos, quasi em côro:

— Eu quero jejuar comadre Antónia... Eu quero jejuar...

Muito devota sem ser beata, a comadre Antónia cumpria rigorosamente todos aqueles preceitos elementares da Igreja, impostos a todos os filhos de Jesus Cristo, formulados em Roma, para serem usados em toda a cristandade. Assim, ela ouvia missa todos os domingos, excepto quando tinha impedimento de força maior; confessava-se uma vez em cada ano; dava graças a Deus antes de se levantar da meza, a cada refeição, e nunca apagava a luz, ao meter-se na cama, sem primeiro rezar uma oração, das muitíssimas que sabia, e benzer-se a preceito.

Tinha uma confiança absoluta na eficácia do jejum, sacrificio que ela reputava da maior valia, sobretudo para as almas do purgatório. E contava muitas histórias, quasi garantindo a sua autenticidade, como se de todas ou de algumas fôsse testemunha presencial. — Uma mulhersinha, que era uma grande pecadora, durante uns poucos de anos jejuou todas as sextas-feiras, e nos dias de jejum mais recomendados pela Igreja, fazia o jejum natural.

— O que é jejum natural, comadre Antónia?

— É estar a gente vinte e quatro horas contadas pelo relógio, sem meter nada na bôca. Esta pecadora fazia isto aconselhada pelo seu anjo da guarda, que à hora da morte lhe disse que a sua alma iria direita ao céu, a gosar da bemaventurança.

Este caso, e muitos outros que contava, a êle semelhantes, davam fundamento à comadre Antónia para recomendar aos senhores compadres — o mais velho era eu, latagão de nove anos — que nunca deixassem de jejuar nos dias de preceito, pelo menos nesses dias, porque isso nos valeria de muito para a salvação da nossa alma, quando tivéssemos de ajustar contas com Deus Nosso Senhor.

— A pessoa que jsjua faz um pequeno sacrificio, e a paga que recebe é uns poucos de dôbros. Jejuar é o mesmo que semear um alqueire de trigo e colher um moio.

Nós olhávamos uns para os outros, espantados, porque as searas, ali no sítio, em anos abundantes, raramente iam além das dez seimtes, a média variando entre as sete e as oito.

Todos jejuávamos, eu e meus irmãos, na véspera do Natal, não movidos pelo sermão da comadre Antónia, mas porque todos queriam ver o galo na cabeça do padre, à meia noite, antecipando de três ou quatro horas a sua cantiga matinal, de saúdação à Aurora.

Eu, o mais velho de todos, assistira já a algumas missas do galo, e nunca o vira empoleirado na cabeça do padre, nem ouvira a sua cantiga, embora me concentrasse todo nos olhos e nos ouvidos.

Havia sempre, no pequenino rancho, quem preguntasse à comadre Antónia porque se chamava àquela cerimónia missa do galo, e porque era ela dita à meia noite, quando todas as outras missas eram ditas, as do domingo, das onze para o meio-dia, e as da semana logo de manhã cedo, frequentadas estas só pelas velhas.

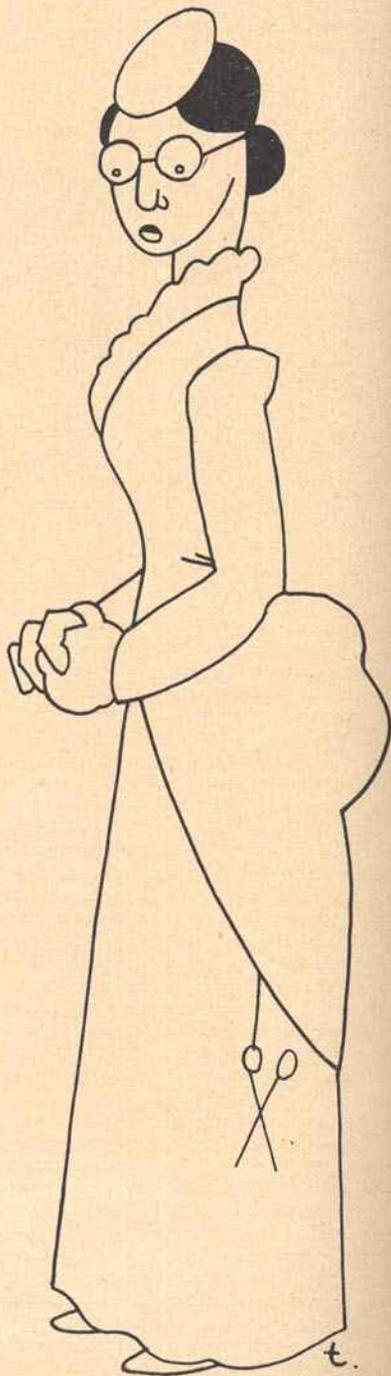
A comadre Antónia explicava:

— O menino Jesus nasceu à meia-noite; a missa que se diz a esta hora é em acção de graças pelo seu nascimento. Os galos não costumam cantar tão cedo, mas naquela noite, mal souberam que o menino tinha nascido, desataram a cantar. Quando o menino fêz um ano, rezou-se a primeira missa da meia-noite, e um galo, sem ninguém saber donde tinha vindo, apareceu na cabeça do padre, cantou como fazia na capoeira, e desapareceu como tinha vindo, sem ninguém saber para onde foi. Em vocemecê sendo grande — dizia a comadre Antónia, virando-se para mim — verá estas coisas nos livros, e outras muitas que os fiéis devem saber, para não caírem em pecado.

Toca a deitar.

Pela manhã, à hora habitual, a comadre Antónia ia acordar os dorminhôcos, e todos lhe pedíamos que nos deixasse ficar mais um bocadinho na cama, visto naquele dia não haver Escola. Os dias de jejum são maiores que os outros, e para nós eram enormes, habituados a três grandes refeições, e nos intervalos trincando sempre alguma coisa, que mais não fôsse pão com azeitonas.

— Eu já me levanto, comadre Antónia...



me ofereciam de comer, na casa de famílias amigas, que visitava à hora da merenda, abstendo-me de dizer que jejuava.

A comadre Antónia nunca se esquecia de recomendar:

— Se lhes oferecerem alguma coisa de comer, vocemecês não aceitem, e para evitar que as pessoas ateiem, digam que jejuam, que elas não ateiem mais.

Se algum de nós, empanturrado com o jantar, não mostrava apetite à consoada, a comadre Antónia dizia-lhe logo, em ar de severa reprimenda:

— Vocemecê comu lá por fora!...

A negativa era formal, mas a convicção da comadre Antónia era niabalável, e sabe Deus o que lhe custava não puxar as orelhas ou pregar dois cachações no mafarrico... ou mafarrica que assim transgredia um dos mais severos preceitos da Igreja. Não castigava corporalmente, embora estivesse a isso autorizada; mas fazia-nos um sermão erudito e violento, muito recheado de história sagrada com algum molho de teologia fundamental.

A comadre Antónia não sabia ler, mas tinha uma memória esplêndida — quanto ouvia, quanto lhe ficava. A força de lidar com padres, mercê do seu ofício de parteira, aprendera muitas anedotas relativas à vida dos santos, e conhecia o Novo Testamento melhor que a maior parte dos párocos colados. Da liturgia da Semana Santa sabia ela mais que o cônego Carreira, professor de cerimônias no Seminário de Beja. Mesmo no ofício ordinário da Missa a comadre Antónia notava as faltas que, amiudadamente, cometia o sacristão, e não era raro que o padre, muito novato ou muito velho, se enganasse, nunca o engano passando despercebido à comadre Antónia. Ela sabia que a hóstia deve ser feita de farinha de trigo, e o vinho eucarístico do sumo da uva, em cada uma destas espécies havendo a presença real de Nosso Senhor Jesus Cristo, tão real como está no Céu, sentado à mão direita de Deus Padre.

Quando eu lhe fazia alguma objecção, que ela não sabia desfazer, respondia-me como se fôsse um teólogo:

— Isso é um mistério da Igreja, que os fiéis têm obrigação de aceitar, e de que ninguém sabe dar conta.

Assim foi que ela nunca me explicou, e eu ainda hoje não sei, como pode o corpo de Jesus Cristo estar ao mesmo tempo na hóstia e no cális.

Foi ali colocado um padre a quem o vinho repugnava de tal maneira, que tão depressa o bebia, o vomitava. Conseguira, por artimanhas várias, ordenar-se, e ali o colocaram e o colaram, como se ele não fôsse portador de tamanho vício redibitório — sem ofensa à memória do reverendo.

Vai então o padre, feito com o sacristão, substitui o vinho da missa por licôr beneditino, atenuando a gravidade da falta por ser tal licôr uma bebida quasi eclesiástica.

A coisa transpirou, chegando ao conhecimento de toda a gente, na vila, e a comadre Antónia, indignada ao rubro, jurou que nunca mais ouviria missa que ele dissesse, e que por coisa nenhuma deste mundo ajoelhar-se aos pés de semelhante sacerdote.

Depois da missa do galo, a comadre Antónia dava-nos uma ceia lauta, recomendando sempre que comessemos pouco, não fôssemos apanhar alguma indigestão, saindo da beza e indo logo para a cama.

Enquanto durava a ceia, a comadre Antónia ia-nos contando a vida de Jesus, desde o seu nascimento até à sua morte. Encarecia a humildade com que Nossa Senhora se acolhera a uma arramada para dar à luz o seu bendito filho, e narrava com entôno épico a

viagem dos reis do Oriente, guiados por uma estrela, vindos lá do fim do mundo para adorar o Redentor.

Havia sempre quem perguntasse:

— Ó comadre Antónia, o menino foi baptizado como os outros meninos?

— Pois foi.

— E que nome lhe puseram?

— Puseram-lhe o nome ali do sr. compadre — Manuel.

E dissertava:

— São os nomes mais bonitos que há, os de Manuel e Maria, os nomes de Nosso Senhor Jesus Cristo e o da Senhora sua mãe, a Virgem Santíssima. Diz a Escritura que na véspera do dia de juízo morrerá toda a gente, ficando só um Manuel e uma Maria.

— Talvez eu fique, comadre Antónia...

— Pode ficar vocemecê e a Maria Pantoja, se até lá Deus Nosso Senhor os não chamar à sua divina vista.

Ardia na pequenina lareira um pequenino madeiro, que minha mãe tinha o cuidado de mandar do Monte, com uma porção de bolé-tas, para o clássico magusto.

Quando a comadre Antónia percebia que algum pescava, pendendo-lhe a cabeça para o peito, e que em todos, mais ou menos, havia cara de sono, dava ordem de ir tudo para a cama, a todos e a cada um recomendando que dissesse o *padre nosso pequenino* e se recomendasse à Virgem.

— Boa noite, comadre Antónia.

— Boa noite, senhores compadres.

BRITO CAMACHO.



Deixe-me ficar mais um bocadinho na cama, comadre Antónia...

Corpo deitado aguenta fome, e estar doze horas sem comer nem beber era sacrifício grande demais para crianças como nós éramos.

Quando o relógio da torre começava a bater o meio-dia, tratávamos de nos sentarmos à mesa, devorando com os olhos antes de levarmos à boca a primeira garfada. Jantar simples, sem peixe nem carne, sem ovos e sem queijo, alimentos que a Igreja proíbe aos que jejuam, a não ser em casos muito especiais. O jejum da comadre Antónia era quasi sempre a pão e água, lamentando-se ela de não ter saúde nem forças para fazer o jejum natural.

Até ao meio-dia ninguém quebrava o jejum, na cama até pelo dia adiante, condescendendo a comadre Antónia em nos deixar iludir, por algumas horas, no regalo da cama, o bichinho roedor do estômago, a que se dá o nome de fome. Ao jantar cada um comia até esticar a pele da barriga, no honrado propósito de nada mais comer até à consoada.

Nosso Senhor me perdõe, mas algumas vezes eu quebrei o meu jejum, comendo onde



ILUSTRAÇÃO

LETAS RUSAS

DOIS CONTOS DE
LEONIDAS ANDREJEFF
ILUSTRADOS POR STUART.

GIGANTE

—...Já chegou o gigante, o gigante grande, muito grande. Tão grande, tão grande!... E tão tonto o palerma do gigante! Tem as mãos enormes, com os dedos muito grossos, e os pés tão enormes e gordos como árvores. Muito gordos, muito gordos! Chegou e caiu. Sábies? Caiu! Tropeçou num degrau e caiu! É tão tonto... De repente, chega e cai. Abriu a boca... e ficou no chão,



todo pasmado e tonto. Que vieste cá fazer, gigante? Anda, vai-te embora, gigante! O meu Toneca é tão doce e tão gentil!... Abraça-se tão apertadinho à sua mamã, contra o coração da sua mamã! É tão bomzinho e tão doce! Seus olhos são tão doces e tão claros, que é mesmo o encanto de todo o mundo. Tem um narizinho muito bem feito e não faz tolices. Dantes corria, gritava, montava a cavalo. Fica sabendo gigante, que o Toneca tem um cavalo grande e bonito, com uma cauda que é um primor. O Toneca monta a cavalo e vai até muito longe, muito longe, ao bosque, ao rio. E no rio, não sabes gigante?, há muitos peixinhos. Não, tu não o sabes, porque és um bruto, mas o Toneca sabe. Peixinhos lindos! O sol ilumina a água e os peixinhos nadam, tão belos, tão vivos, tão ligeiros! Sim, gigante, bruto, tu não sabes nada...

—Que gigante tão tólo! Chegou e caiu. Que tólo! Subia a escada e, de repente, pum!, caiu. Ah! que bruto que é! Que vem o gigante cá fazer? Quem o chamou cá? Dantes, o Toneca fazia travessuras, mas agora é tão doce, tão bom, a mamã ama-o tão ternamente! Ama-o tanto... mais do que ao mundo inteiro, do que a si mesma, do que à própria vida. O Toneca é para a sua mamã o sol, a felicidade, a alegria. Agora é

muito pequenino e a sua vida é pequenina também, mas depois será grande, tão grande como um gigante. Terá uma grande barba e um grande bigode, e a sua vida também será grande, clara e bela. Será bom, inteligente e forte, como um gigante, assim forte e inteligente! E será a admiração, o espanto de todo o mundo! Terá penas na vida, porque todo o mundo tem penas, mas conhecerá também grandes alegrias, claras como o sol. Entrará na vida belo e inteligente, e o céu azul pairará sobre a sua cabeça e os pássaros cantar-lhe-hão as suas melhores canções, e a água os seus mais doces murmúrios. E o meu Toneca olhará em volta de si e dirá: «Que vida tão bela!»

—Oh... oh!... Não; é impossível, tenho-te bem agarradinho, meu amor. Não te dá medo a escuridão? Olha, a luz já foge pela janela; é o lampeão da rua que nos alumia. É tão tonto esse lampião! Está muito teso e alumia! Também a nós dá um pouco da sua luz. Diz ele consigo: «Bom, não há luz lá em casa, vou-lhe dar um pouco da minha!» É tão tonto esse lampião! E tão alto! Também amanhã nos alumiará. Amanhã... Oh, meu Deus, meu Deus!

—Sim... Sim... O gigante... Naturalmente... É tão grande! Mais alto do que o lampião e a torre. E chegou e... caiu! Ah, sem-

pre és muito tonto, gigante! Não vias o degrau? «Olhava para o alto e não vi o degrau!... responde o gigante com uma voz de baixo profundo. «Olhava para o alto!» Sempre és muito bruto, gigante! Porque não olhaste para baixo? Terias visto o degrau. Olha o meu Toneca, gigante: é tão bonito, tão inteligente! Ainda será maior do que tu. Dará uns passos enormes. Caminhará através da cidade, dos bosques e das montanhas. Será forte e valente, e não temerá nada, absolutamente nada. Caminhará através os rios. Todos olharão para ele com a bôca aberta, muito pasmados, e ele caminhará através os rios. Sua vida será tão grande, tão clara e tão bela, e o sol brilhará sobre a sua cabeça, o doce sol, tão bonito! Logo pela manhã brilhará, o doce sol... Oh, meu Deus, meu Deus!

—Já... Já chegou o gigante e... caiu! Que tonto é esse gigante, meu Deus, que tonto é!...

Assim, na noite profunda, falava a mãe, apertando contra o coração o filho moribundo. Passeava com ele, ao longo do quarto, iluminado frouxamente pelo lampião, e falava, falava. E no quarto, ao lado, ouvia-se chorar o pai do Toneca.

FIM DE «O GIGANTE»



Era tímido como uma lebre e paciente como uma bête de carga.

Quando o Destino o lançou nas nossas negras filas, rimo-nos como doidos: o equívoco era verdadeiramente cómico. Ele, naturalmente, não se ria. Chorava. Nunca na minha vida vi um homem com tantas reservas de lágrimas: fluíam-lhe dos olhos, do nariz, da bôca. Parecia uma esponja empapada em água. Conheci nas nossas filas homens lacrimosos; mas as suas lágrimas eram como o fogo, que afugenta as feras. Essas lágrimas viris avelhentam o rosto e rejuvenescem os olhos: semelhantes à lava dum vulcão, deixam vestígios eternos e sepultam cidades inteiras de desejos mesquinhos e vãs preocupações. Não eram assim as de aquêle homem, cujo pranto encharcava apenas o seu lenço e tingia de vermelho o seu pequeno nariz. Eu creio que depois punha o lenço a secar numa corda; porque, senão, precisava de três ou quatro dúzias.

Visitava quasi diariamente todas as autoridades, altas e baixas, da cidade, onde estávamos deportados, ajoelhava-se aos seus pés, jurava que estava inocente, supplicava que se apiedassem da sua juventude, prometia não despegar mais os lábios no que que restava de vida para nada que, nem por

sombras, pudesse parecer subversivo. As autoridades mofavam dele como nós e chamavam-lhe *Cagarola*.

—Eh, *Cagarola*— gritavam.

Ele acudia, dócil, julgando que lhe iam participar o seu indulto; mas acolhiam-no sempre com uma gargalhada de troça. Embora soubessem, como nós, que estava inocente, tratavam-no como um cão, para impedir temor aos outros *cagarolas*, que, em verdade se diga, não precisavamos de ver as barbas do vizinho a arder para pôr as nossas de molho.

O desgraçado, fugindo de estar só, fa visitar-nos muito a miudo; mas nós punhamos-lhe cara de poucos amigos. E quando, tratando de romper o gelo, nos chamava «queridos camaradas», dizíamos-lhe:

—Tem cuidado que podem ouvir-te!

E o miserável *Cagarola* olhava, temeroso, para a porta.

Não podíamos conter o riso. Apesar de termos perdido, havia muito tempo, o costume de rir, soltavamos uma gargalhada. Isto dava-lhe ânimo, e ele, coitado, sentava-se mais cerca de nós e começava a falar, chorando, dos seus livros predilectos, aban-

donados em cima da mesa, lá longe, na terra natal; de sua mãe e irmãos, não sabia se ainda viviam ou se tinham morrido de medo e tristeza.

Então, expulsavamo-lo dali.

Quando declaramos a greve da fome, encheu-se de terror, dum terror trágico-cómico indescritível. Era tão comilão o pobre do *Cagarola*!... Além disso, temia revoltar-se contra as autoridades. No entanto, não se atrevia a faltar ao acôrdo dos camaradas.

—Durará muito tempo a greve?— perguntou-me com tímides, limpando o suor da testa.

—Muito!

—E não tencionais comer alguma coisa às escondidas?

—Tencionamos, sim— respondi, muito sério—; as nossas mães vão-nos mandar bonbons.

O pobre homem olhou-me descontentado, sacudiu a cabeça, suspirou e retirou-se.

No dia seguinte, disse-nos trespassado de pânico:

—Queridos camaradas: adiro à greve!

—Não fazes cá falta nenhuma!— gritámos-lhe todos à uma.

Mas ele insistiu na sua atitude e começou, como nós, a greve da fome! Estávamos con-

vencidos—nós e as autoridades—de que comia às escondidas. E quando, ao terminar a greve, caíu doente de tifo, encolhemos os ombros.

—Pobre *Cagarola!*

Um de nós—o que não se ria nunca—disse gravemente:

—É nosso camarada; vamos lá vê-lo.

E fomos. Estava delirando. No meio do seu delírio proferia palavras incoerentes e lastimosas como a sua vida. Falava dos seus amados livros, da mãe e dos irmãos; fazia protestos de inocência; pedia perdão e bombons. E, de vez em quando, suspirava:

—França, pátria minha, pátria adorada!

Todos assistimos à sua morte, no hospital. Momentos antes de morrer, recuperou a lucidez. Em pé, diante da cama, olhávamo-lo em silêncio. Estava com a cabeça para cima, imóvel, e o seu corpo tinha secado tanto que mal se notava debaixo dos lençóis.

—Quando eu morrer—ouvimo-lo, de súbito, murmurar—, cantai sobre a minha tumba *A Marselhesa!*

—Que dizes?—preguntámos, tremendo de emoção, de entusiasmo.

—Quando eu morrer cantai sobre a minha tumba *A Marselhesa!*

Seus olhos estavam agora secos e os nossos raios de lágrimas, de lágrimas ardentes, como o fogo que afugenta as feras.

Morreu e sobre a sua tumba cantámos a canção sublime da Liberdade. As nossas vozes juvenis, vibrantes, unia-se a voz grave e solene do oceano. O pálido horror e a rubra, a sangrenta esperança cavalgavam sobre as ondas, com rumo à distante França.

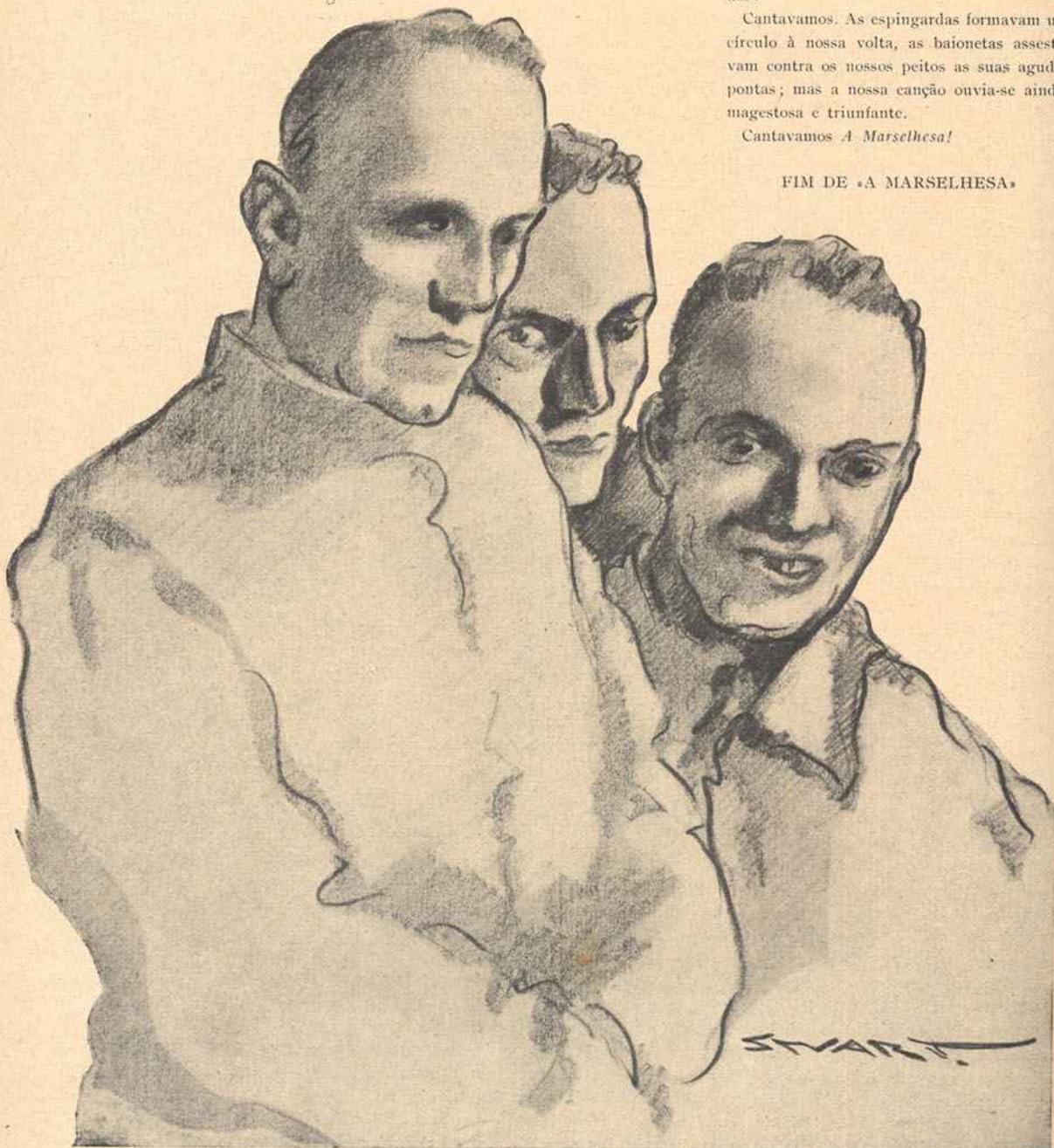
O *Cagarola* tímido, paciente, a lebre, a bête de carga, tinha uma alma grande, era um homem, e tinha-se convertido em nossa bandeira.

Ajocelhai sobre a campa do herói, camaradas!

Cantávamos. As espingardas formavam um círculo à nossa volta, as baionetas assestavam contra os nossos peitos as suas agudas pontas; mas a nossa canção ouvia-se ainda, magestosa e triunfante.

Cantávamos *A Marselhesa!*

FIM DE «A MARSELHESA»



RAUL BRANDÃO

A MORTE DO GRANDE ARTISTA DE "HUMUS"

O desaparecimento de Raúl Brandão da scena literária portuguesa não foi sentido no seu justo tom. Aparte a mesquinha assistência ao seu funeral, onde, aqui e além, como raros, se viam homens de letras ou artistas esmaltando a massa incolor do público de todos os funerais, mas onde, desgraçada-

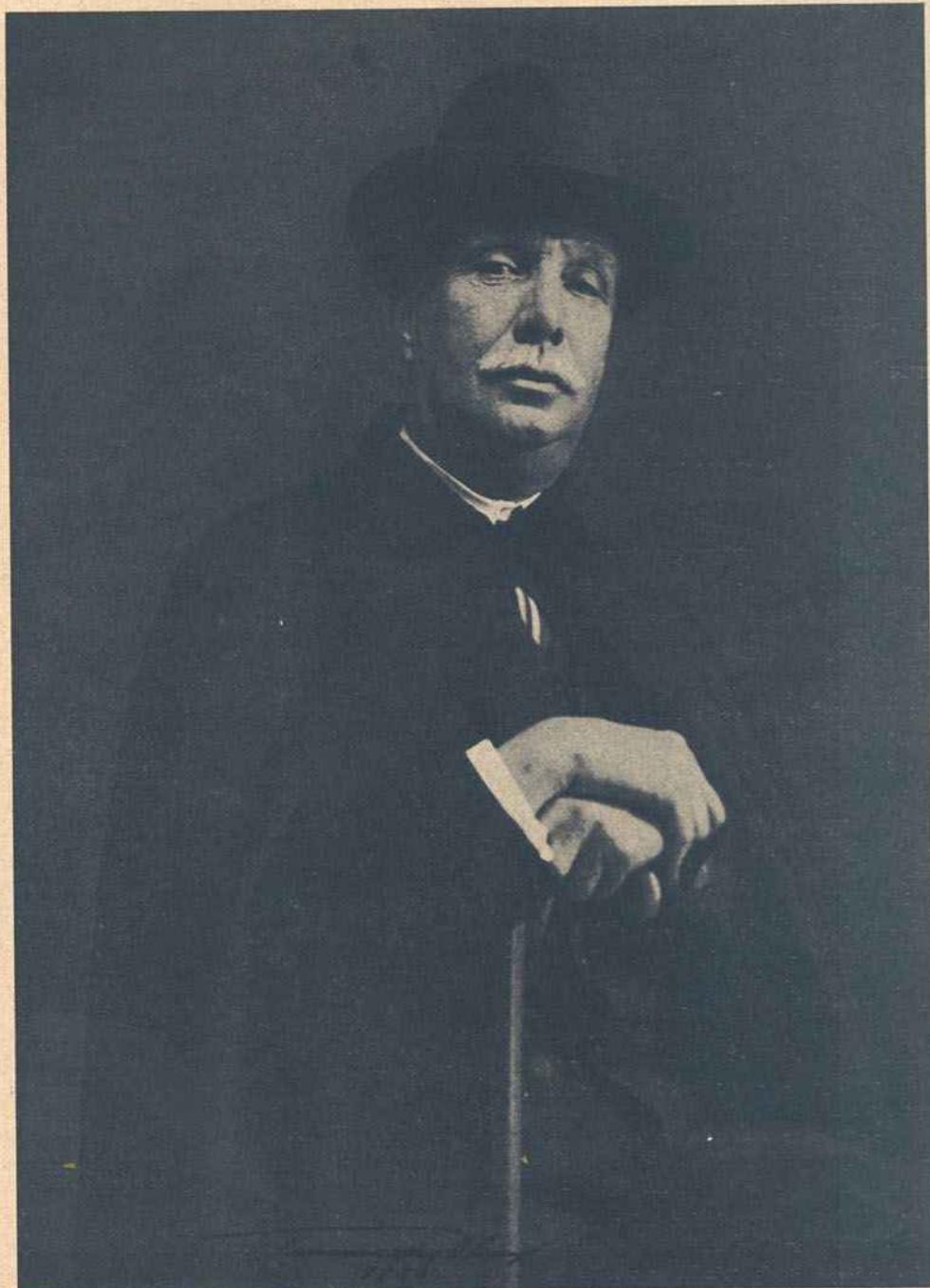
mente, se não viam os humildes, os pobres, os vagamundos e os mendigos a quem êle, em vida, tanto quis, o que foi que se estadeou para aí, pela imprensa e pelas corporações intelectuais senão uma infeliz indife-reença ou, o que é pior, uma louvaminha pe-ganhenta e de comesinhas dimensões?

Especulações infelizes redundaram em epítetos de *gênio* e *mestre* com que a maioria dos elogiadores quis carregar a memória de Raúl Brandão.

Nada mais falso. O autor de *Os pobres*, sendo, na verdade, uma figura abso-lutamente ímpar, única, talvez, na lite-ratura contemporânea es-tava, felizmente, muito

longe de ser um mestre e de isso o salvavam a sua pujança inimitável, a sua mesma grandeza, a sua formidável originalidade. De resto, o que Raúl Brandão tinha e os demais, raramente, têm, não se aprende nem se ensina. Ensina-se sim o artifício da prosa e Raúl Brandão não o possuía; ensina-se sim a *ficelle*, o artificial, a técnica e no artista da *Farsa* era tudo largueza, sinceridade, imperfeição tumultuosa, essa irregularidade que torna magestosas as cataratas e os cachões de espuma. Não era um mestre, Raúl Brandão. E gênio, também não, de-certo. Nunca subiu a êsse píncaro em que bailam os loucos e os maus, deuses e monstros e também algumas das suas figuras que essas sim, mais do que o seu criador, roçam o gênio e a perpetuidade. O artista de olhos claros que desapareceram era demasiadamente homem para ser estátua; o seu coração pulsava demais pelos que sofrem e choram e gemem doloridos, para poder atingir o sarcasmo e a frieza analítica que caracterizam a maioria dos gênios catalogados, gigantes de mão dura que nos amarfanham e plas-mam os sentidos sem perder a sua inalterável frieza, a frieza do mármore in-comovível de todos os monumentos. Mas a sua silhueta, aureolada da ternura infinita da sua obra melancólica, mais há de crescer, cada vez mais, pois quanto mais distante estiver a sua vida terrena mais a sua arte e a sua espiritualidade hão de estar connosco...

Caíu o roble na alfombra triste... — AMÂNCIO CARRAL

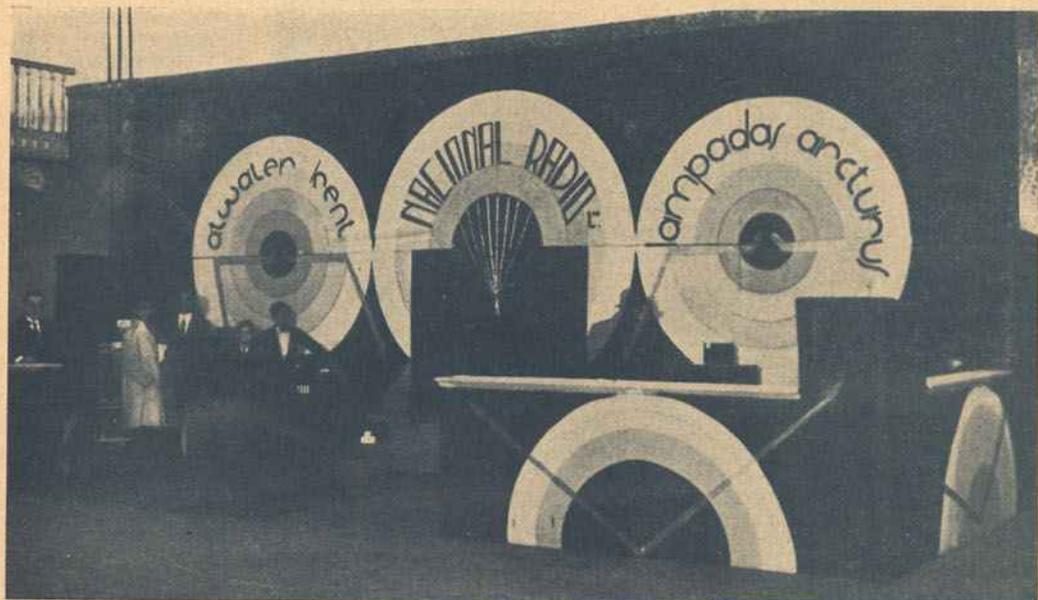
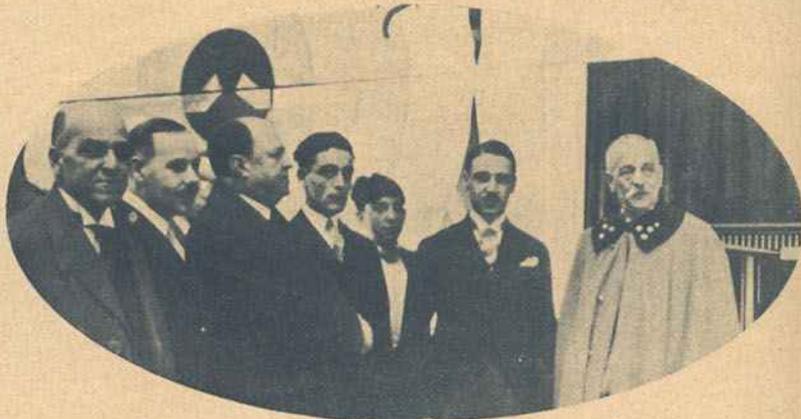




A ESQUERDA — O formoso e moderníssimo stand da casa Vasco Alcobia, representante da famosa marca inglesa «Barn-dept Wireless Limited» que expõe os seus aparelhos, todos móveis e em especial o «Universal» de ligação à corrente, captando ondas curtas, médias e longas sem mudança de bobinas.

A DIREITA — O grande Bazar do Porto, representante da «His Master's Voice», expõe no seu lindo stand os três novos modelos da «Victor Talking C.», micro-sincronicas com um total de 8 cápsulas sem fio de aroilha blindada, bem como um extraordinário Rádio-Gramofone equipado para a gravação de discos.

NO MEDALHÃO DE BAIXO — O Chefe do Estado o conversando com um dos organizadores, o sr. Jaime P. Esteves.



NO OVAL DE CIMA — O sr. A. Atwater enviou a S. Ex.ª o Sr. Presidente da República, por intermédio do seu distribuidor geral Alfredo A. Cunha e dos seus representantes no Sul e Centro «Nacional Rádio, L.ª». Juntamente com uma placa de ouro, um a p.a. e l.h.a. combinação rádio-gramofona — um lindo móvel. — Na fotografia vêem-se, entre o sr. Presidente da República e o sr. ministro do Comércio os srs. engenheiro Silva Carvalho, sócio da firma «Nacional Rádio, L.ª» que acaba de fazer a oferta e o sr. Artur Silva Carvalho, sócio da mesma firma.

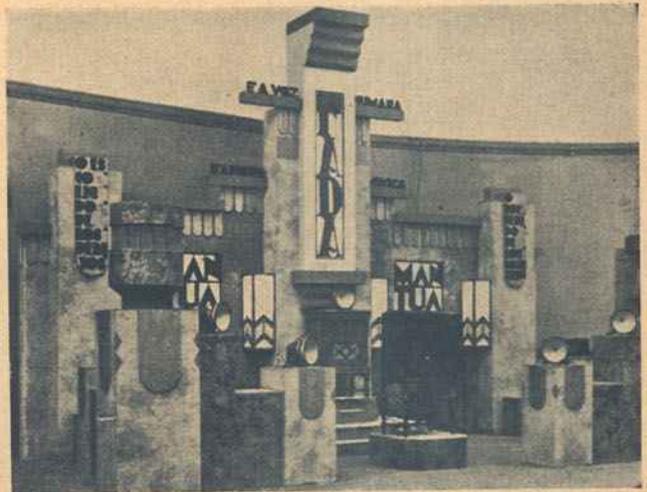
A ESQUERDA — O original e vistoso stand da «Nacional Rádio, Limitada» representantes da maior fábrica do mundo do ramo, a «Atwater Kents» e as lâmpadas para T. S. F. marca «Arcturus». O stand é do arquiteto Carlos Calista.

(Fotos H. de Norais)

A EXPOSIÇÃO DE T. S. F. NA SOCIEDADE NACIONAL DE BELAS ARTES



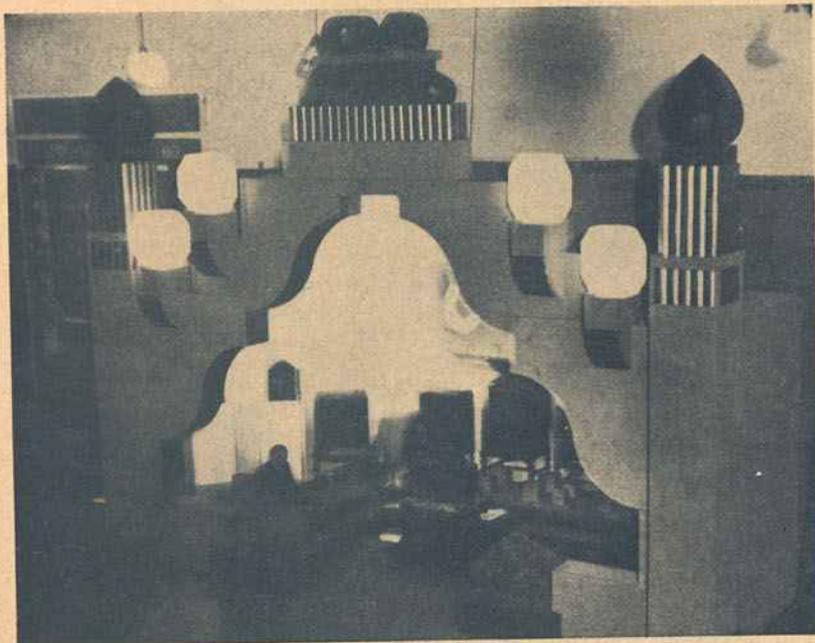
A instalação de Costa & Arez, L.^{da} marca pelo bom gosto e pela impeniência, além de apresentar aparelhagem incomparavelmente perfeita, especialmente da marca «Decretet», a melhor da Europa e uma das mais célebres do mundo inteiro. Os difusores «Celestion» e «Brumet» também constituem atractivos desta exposição bem como as baterias «Pulmet» e as lâmpadas «Sila».



O stand «Fala-Rádios» da firma «Mantua, L.^{da}» é magestoso e nele se apresentam os aparelhos magníficos daquela marca, reunindo todos os modernos aperfeiçoamentos e reproduzindo com igual perfeição a voz humana e a música. É o receptor preferido pelos engenheiros e os músicos.



NO OVAL DA DIREITA, em cima — O sr. general Carnouha, no stand Costa & Arez, L.^{da} com os sócios da firma e outras personalidades.



A ESQUERDA — O maravilhoso stand da Casa Seras, decerto um dos mais caprichosos da exposição, onde os aparelhos Clarion, da «Transformer Corporation of America» têm deslumbrado o público e os técnicos pelas suas qualidades.
NO OVAL DE CIMA — O sr. general Carnouha admirando, no stand da Casa Seras, o aparelho de televisão Baird, a maravilha maior dos nossos tempos.
(Fotos H. de Novais)



O soberbo stand da grande marca alemã, de reputação mundial «Telefunken», apresentada pela A. E. G. e que expõe os famosos aparelhos «Standards» e os novos modelos para ligar ao sector em séries cujos preços estão ao alcance de todas as bolsas sem que isso lhe diminua categoria nem perfeição, sendo disto prova o facto de por eles ser equipado o dirigível «Condé de Zeppelin», os transatlânticos «Europa» e «Bremer» e o «Dornier Do. X», qual deles o maior colosso no seu género.

A DIREITA — O stand «Philips», um dos que apresenta maior relevo artístico e um grande interesse técnico.



No stand A. E. G. — O sr. general Carnomo felicitando o director do stand pela sua exposição de material «Telefunken» que Sr. Ex. conhece perfeitamente e lhe tem merecido os maiores elogios.



O grandioso stand de Jaime da Costa, L.ª, grandes comerciantes do ramo T. S. F. e que apresentam a grande maravilha técnica que são os receptores «Stern» de Estocolmo, prodígios de simplicidade aliada a um máximo de perfeição na audição e a um record de elegância no aspecto exterior. Desde o receptor popular de 2 válvulas para ligar à corrente alterna ou continua até ao «Concertan 47», passando pelos de 3 válvulas com altofalante incorporado e pelo S. & S. para baterias, tudo são deliciosas máquinas de aspecto elegantíssimo e de uma perfeição que assombra, tendo recolhido formidáveis elogios dos frequentadores do formoso certame.

(Foto H. de Nonnis)

O POETA O MENINO JESUS E A GABARDINE

PAGINAS DE UM LIVRO DE MEMÓRIAS

Vinte e cinco de Dezembro de 1928. Logo pela manhã tinha começado a chover.

A ausência absoluta da mais pequena moeda prendia-me, algemava-me àquela mesa do café onde eu estava fazendo número (apenas número) entre uma roda de conhecidos.

Dois de estes traziam fatos novos como primeira manifestação visível da santidade do dia e da gratificação da véspera.

Eu, como sempre, trazia a minha andaina preta, coçada e ruça. No entanto sobre a cadeira visinha, ao lado do chapéu, uma gabardine em bom uso dizia à cidade e ao mundo que dois anos antes, eu tinha possuído de uma vez, umas centenas de escudos. Alheia a estes pensamentos consoladores, a gabardine ia dormindo na cadeira um sono de gato. A fome começava a mordiscar-me o estômago. Era quási meio dia e o destino não me permitira o luxo asiático de uma torrada. Os meus companheiros foram saindo para almoçar mas vieram outros e eu fiquei à espera não sei de quê.

Em dia de Natal ninguém pede dez mil réis emprestados. Ninguém tão pouco encomenda um artigo ou paga uma novela. É um dia de amor, um dia de cuidados suaves, uma data para bolos e brinquedos. É a festa da Família e todos têm que comer teoricamente.

Lá fóra chovia com mais força. Uma chuva clássica, de programa, a lembrar a casa, o lar, a mesa. Uma chuva que era um toque a reunir junto do fogo, na convivência perfumada do arrós doce com canela, do leite creme tostado e das brôas de milho. Finalmente, a mesa onde eu estava ficou deserta e fui encostar-me à porta do café, para ver chover até que chegasse essa coisa ou esse alguém que eu esperava viesse trazer-me da parte do Menino a còdea apeteçada que o meu estômago requeria cada vez mais insofridamente.

O menino Deus, ocupado em receber os pastores, esquecia-se de mim. E os minutos iam correndo, correndo, velozes para a esperança, sonolentos e preguiçosos para o tempo.

Pelas quatro horas voltaram os meus conhecidos. Tornei a sentar-me, tomando com eles um café cheiroso. O estômago agradeceu o calor da bebida mas despresou a qualidade líquida do alimento e a ideia do almoço impôs-se de novo à pobre mucosa engelhada.

Desta vez a fome não foi má conselheira. Um ráio de luz que me pareceu descer precocemente da Estrela dos Magos, incidiu sobre a minha gabardine. Olhei para fóra. Não chovia. Do ráio da estrela saltou uma palavra: O Prego! Sobracei o farrapo e saí. Chiado, Bairro Alto, Calhariz... Todos os penhoristas estavam fechados. Cerradas como burras, as montras e as portas. Ia tornar a chover.

Como um bebé, pensei que o Menino Jesus podia, se quisesse, sugerir a um presta-

mista mais ferrenho, a ideia de abrir a porta no seu dia festivo. A espreita do milagre dei outra volta, por outro lado mas tódas as casas do género fechavam as suas portas para a minha roupa como vinte séculos antes se haviam cerrado para José e Maria as estalagens em Bethlem.

E nesta Judeia de terceira classe não havia, como na outra, nem estúbulos vazios, nem frutos serodios nas figueiras bravas, nem sequer pastores que trouxessem queijos e ovos frescos nos surrões de pele de camélo!...

Havia, sim, montras enramadas de laureis onde perús obesos esperavam o trinchante e postas de *roast-beef* que sangravam, classicamente mal-passadas.

E já fazia escuro. Andava-me a cabeça à roda. Um instinto de defesa obrigava-me a varrer impiedosamente da memória tódas as saúdades, tódas as recordações, tóda a memória de tudo que me fôsse amargo lembrar. Subi outra vez o Chiado enxotando piçguices da alma como quem enxota mósca de um açucareiro.

Os velhos natais de Antanho com a faina alegre da cosinha rescedente de espécies e condimentos, a mesa com flores, o vinho tremendo e opalescendo nas facetas dos cristais, o linho branco vincado profundamente pela demora nas arcas, tudo isso, (até as pessoas...) me vinha lembrando, subindo à mente e de lá descia ao estômago, esfaqueando-lhe a parede como lanceta de cirurgião.

Para varrer saúdades, irritava-me e rugia comigo:

— Onde está esse agiota? Onde está esse judeu? Onde mora Judas Escariote?

A minha pecha de crítico riu-se da última interrogação e corrigi-me:

— Oh meu parvo, então não vês que no dia do Natal de Jesus, Judas de Kerioth podia ser, quando muito, um israelita de bibe? Desesperei-me.

Judas de bibe e eu de gabardine no braço à espera que ele crescesse e se pervertesse e traísse... E dizem que é rápida a senda do crime...

Embotado pela auto-crítica continuei:

— Mas então não há hoje um agiota em Lisboa que pense em ganhar dinheiro? — perguntava eu à gabardine acolhendo-me sob o alpendre da Garrett.

— Então neste século perverso, século da





Grande Guerra e do desarmamento, da Rússia vermelha e do Fascismo, pode ainda tanto uma lenda, velha de dois séculos, que obrigue ao descanso os quinhentos prestamistas de uma cidade pelintra? A semente de Judas teria apodrecido na casa hebreia?

Nesse momento sofri pela regeneração moral da espécie e como um petiz sem ama estendo o beijo protestando.

Esgarçada pela filosofia a Fome pungia mais. Era já um buraco doloroso a roer-me como um cancro. Anoitecia. Aqui e além ia saltando a luz nas montras sem taipal. O Zig-Zag eléctrico da Havanesa começava a esfoguetear. Só dentro de mim era noite escura, treva cerrada e faminta, sem um mendrugo de pão, sem uma moeda, sem coisa alguma, nem a sola remolhada dos tripulantes da Nau Catrineta. Nada. Absolutamente nada. O hediondo zero aritmético com todo o seu infinito valor desconfortante. Aquêl abandonado dessorado fez-me outra vez criança. Senti ganas de me enrolar na soleira de um portal e esperar transido os sonhos bons que a fome e o frio trazem, nos contos bem intencionados e em dia de Natal, aos mendigos loiros e pequeninos. Não fiz isso com receio da polícia que lê ainda pelos velhos códigos de Herodes Tetrarca.

Mas, se me não acolhi no portal não deixei por isso de me encomendar outra vez ao Deus Menino, ao Deus ainda infante a-pesar dos seus mil novecentos e vinte e oito anos de registo de nascimento.

A resar fui subindo, sem saber porquê, a rua da Trindade. Parei na segunda esquina esfalfado e débil.

Em frente dos meus olhos tontos escancarava-se uma vidraça escura e no escuro fundo dela luziam, faiscavam como estrelas transviadas, os diamantes de um colar antigo. Tanto brilhavam no escuro que parecia cada uma das pedras estar sorvendo gulosa os últimos restos da claridade do dia.

Fiquei-me a olhar aquela opulência, desinteressado e mais faminto de pão que de pedras.

Como Esaú eu trocaria a posse possível daquela jóia rica por um belo bife, actual e presente, bem batido, tenro e rescendente ao molho copioso e ao alho garoto.

Mas não havia meio de fugir dali. A fraqueza grudava-me à umbreira e o policia de serviço já ia observando cuidadoso e desconfiado a minha permanência.

Súbito o colar refulgiu mais. Tinham dentro aberto a luz que das ilhargas da vidraça jorrava em dilúvio alumando tudo. Lá den-

tro no interior da casa apareciam jarras e cofres, santos de marfim e colchas de sêda, velharias ricas e proclanas do Oriente. A compasso desta luz súbita uma outra jorrou também no meu cérebro estonteado. Era a lâmpada maravilhosa do raciocínio que me dava no subconsciente um murro de esperança. E pensei:

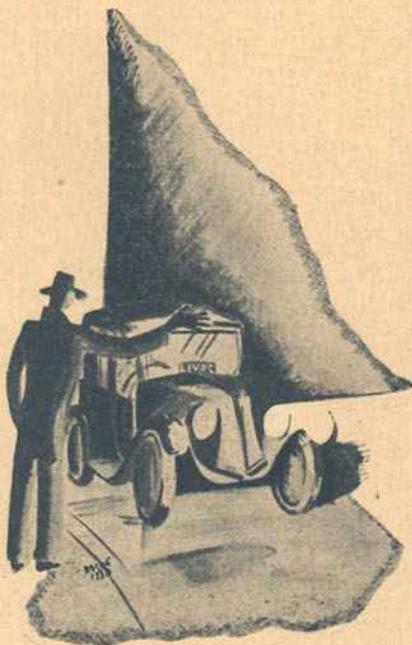
Alguém acendera aquelas lâmpadas... Esse alguém devia ser o doce prestamista evocado na minha primeira oração ao Menino. Espertei. Dobrei a esquina. O portão férreo e duro entreabria uma greta propícia. Bati com a minha chave do trinco. — Entre!

Ele, de dentro do balcão, risonho e amável; eu, de fóra, pálido e de casaco estendido.

Expuz o meu caso e a minha urgência. Que não. Era feriado nacional. A Festa da Família... A lei punia as transações...

Obtemperei-lhe que não passasse a cantela. Eu não desconfiava...

— Que não, que não! Tinha os cofres fechados no segredo, era maçada abri-los para tão pouco... Enfim... por ser dia de Natal... Mas só cincoenta descontados... Depois a rir-se: Têm que ser certos porque não tenho trôco. Está com sorte meu amigo, está com sorte!...



E via a nota, a nota encarnigada, passar das mãos dêle para as minhas ávidas e trémulas. Trémulas e ávidas como se estivessem erguendo das palhas ásperas do estábulo judeu o corpinho rosado do próprio Jesus recém-nascido...

Pela calçada do Carmo, voei! O ágape ia ser lá baixo, em um restaurante meu conhecido onde o paladar das viandas era gémeo do meu gosto. Entrada a porta, tomei à esquerda um gabinete vago onde, sobre a toalha branca, havia um solitário esguio com verdura fininha e cravos pobres. Abanquei. Veiu o talher. O copo e a garrafa de Colares tomaram posição favorável e, por fim, a canja de peru rescendeu na minha frente. O âmbito do gabinete encheu-se de fumos gulosos. Uma paz divina, uma quietude de Nirvana pairou sobre mim como uma benção. Vagarosamente, porque a sôpa escaldava, fui comendo colheradas. Estava boa. Depois vieram os filetes de peixe. Peru não comi. Respeitei o mártir. Bisei o arroz doce que veiu, todo arabescos, com sua canela e seu limão virente lembrar-me coisas velhas, coisas santas, saídas coisas. Desta vez não enxotei as sombras. Rodearam-me, estiveram comigo conversaram, e assistiram ao café e ao dedal de escarchado que fechou o meu banquete. Então como se entrasse em outra vida na vida de eles, um desfalecimento, um quebranto delicioso tomou-me todo. Senti que nesse momento poderia dizer sinas, profetar, ditar augúrios ou começar um poema. Não cometi porém nenhum destes crimes. Paguei e ergui-me. Fóra, chovia como de manhã.

Vendo o meu corpo magro desguarnecido, sem o abrigo empenhado, tive um gesto de revolta surda. Súbitamente, uma voz pequenina que parecia vir de uma boquita rosada, ainda sem dentes, segredou-me repreendendo-me

— Ingrato! Há tantos que nunca tiveram uma gabardine...

Envergonhado, balbuciei:
— Obrigado, meu Menino!
...e chamei um taxi.

CASTELO DE MORAIS.

P. S.— Este ano não tenho gabardine mas escrevi este conto que pelo menos valerá tanto como um casaco velho. A literatura é um grande recurso.

C. DE M.

O CENTENARIO DO NASCIMENTO DE FREDERICO MISTRAL

vença em Aioli, pelo jornal que fundou, ele prossegue, com o vigor de sempre, o seu difícil apostolado, em prol da língua d'Oc. Pierre Devoluy faz notar essa paixão do poeta, no livro *Dernière Prose d'Almanach*, onde recolheu algumas das admiráveis páginas de Mistral. Nessas páginas suaves como a seda das pétalas, a poesia alia-se decididamente com as faculdades racionalistas de contista, que se desloca um pouco da sua magestade para viver de paredes meias, com Daudet e Arène.

As festas do centenário de Mistral deram oportunidade para alguns trabalhos notáveis, sobre a língua d'Oc, devidos a pena dos mestres francezes e estrangeiros, pois a obra de Mistral é considerada na América, como sendo de um poeta clássico de respeito.

Entre os escritores jovens que dedicaram o melhor do seu tempo e do seu espírito para glorificar este centenário, está incontestavelmente M. Gabriel Boissy. Essa magnífica homenagem à memória de Mistral chama-se *Stances du Martel Sourire*. Ao pé de certa poesia moderna, aliás curiosa de ritmos, mas presa de uma difícil gymnástica cerebral, os poemas mágicos de Boissy distinguem-se pela graça, euriímia e doçura natural mas sempre imprevisível e tão longe ficam da ressonância barulhenta da civilização contemporânea, que quasi se confundem com os versos do poeta do século XI, Omar Kayyam, que se inspirou no ambiente cálido das rozas da Pérsia.

A alma humana quanto mais envelhecida, mais renovação mostra, e os seus antigos esplendores voltam para logo desaparecerem. Assim Mistral, passados cem anos sobre o seu nascimento, aparece-nos transfigurado em um divino fantasma. Ele é hoje um dos poetas do ar livre como o anacoreta da Índia, mas sobretudo como um irmão mais novo de Homero ou Virgílio para encerrar em si a inteligência e a sensibilidade latinas, e para exultar:

*Sont morts les beaux diseurs,
Mais les voix ont relenti.
Sont morts les bâtisseurs
Mais le temple est bâti!...*

Leon Daudet, há pouco, falando das festas que foram dadas no castelo de Lourmarin, a 11 de Setembro, chamou sábio de Maillane o poeta Frederico Mistral, apresentando-o depois ao grande auditório como amigo verdadeiro e



O último retrato de Mistral

prudente da paz entre os homens, repetindo com devoção o que um dia ele pronunciou sentenciosamente: — *Il ne s'agit pas de tuer, il s'agit de continuer la race.*

Nascido em 1830 no dia de Nossa Senhora de Setembro, Mistral ficou sendo irmão gêmeo do Romantismo e se é certo que esta tendência literária aparece dez anos antes, com Lamartine e suas *Meditações* a escola principiara a tomar carácter de uma elite, em 1827 com *Cromwell* de Hugo e acabou por se afirmar explosivamente em 1830 com *Hernani*.

O romantismo de Mistral cada vez mais se aninha na sua vida própria para sucessivamente ir perfumando a sua obra literária.

Não podia ser mais romântico e subjectivo o seu amor pela terra do seu nascimento. Este amor forte e sadio, sacrifica em extensão a popularidade de uma obra, ficando escrita no dialecto provençal, na língua d'Oc.

Este dialecto estava sendo quasi combatido oficialmente, e o amor de Mistral, o romântico peregrino, defensor ardente e apaixonado da língua d'Oc, num gesto de audácia temerária, faz ressurgir do túmulo como a espectral visão da virgem amada.



Mistral quando escreveu *Mireille*

A celebração do centenário do grande poeta Frederico Mistral representa uma festa universal do espírito. O mundo letrado manifestou nessa festa todo o seu entusiasmo pelo poeta francês, que não escreveu em francês, mas pelo contrário, usou da língua d'Oc, a língua da sua terra natal, a Provença. É que se compreende cada vez melhor essa revelação intelectual do poeta provençal, como sendo uma função etno-biológica, ressuscitadora da linda poesia trovadoresca.

O que Mistral quis, realizou-o magnificamente. Ele restaurou e colocou no lugar de honra a poesia provençal, que se encontrava esquecida desde a cruzada dos Albigenses, assim como estava morta a respectiva língua provençal que outrora fôra falada e cultivada por milhões de indivíduos. E foi o poeta da Mireille, o melhor representante dessa poesia e da correspondente língua nos fins do século XIX.

Além dessa importância filológica que tem a obra de Mistral, fica consagrado nela o seu idealismo de patriota vigoroso. Desde os seus quatorze anos, souhou ele ser o chefe do movimento da renascença da língua d'Oc, a língua da sua querida Provença, e deixou escrito como seu testamento para os vindouros, a razão do seu amor, pela língua do seu povo: — *é na língua que vive sempre a palpitante, a alma doce do povo!*

A subtileza do espírito mistraliano é evidente, como pintor de costumes, como filósofo, como poeta, como filólogo. Ele vibrou a sua alma ao mais pequeno movimento do ar provençal, e da sua vida intelectual fez um poema, para cantar com a ternura de um filho dilecto, e como pontífice grave da religião da pátria.

Mireille foi o símbolo do amor mistraliano, próspero e fecundo, e a sua gestação durou sete longos anos de trabalho. Esta criação originalíssima rodeou-se de uma auréola nobre de poetas provençais de valor Hubanel, Rommelle, Reboal, etc. Vê-se que Frederico Mistral não aspirou conquistar os salões de Paris, mas tão somente pretendeu como um estranho profeta de quimeras, pontificar nos cenáculos de Arles, como se demonstra:

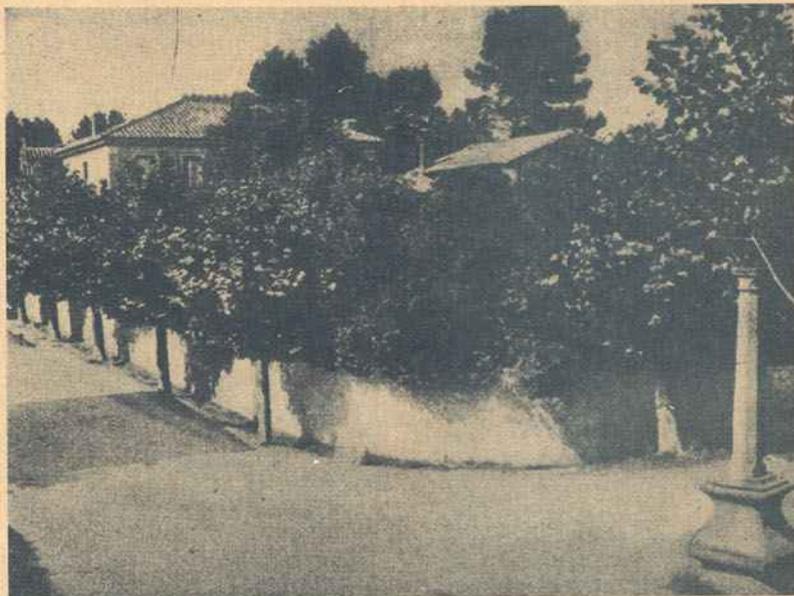
*Car nous ne chantons que pour vous ô pâtres
et gens des mas.*

Mireille apareceu pela primeira vez em Avignon, impresso na tipografia de Seguin, e foi dedicado a Lamartine que tinha sido o primeiro a saudar o poeta como um novo Virgílio.

A dedicatória consta destas singelas palavras:
Je le consacre Mireille: c'est mon coeur et mon âme, c'est la fleur de mes ans, c'est un raisin de lerau qu'avec toute son âme, l'offre un paysan.

O crítico analisa esta dedicatória e encontra nela o plano da grande realização moral e poética de Mistral.

Com efeito Mistral volta para a Provença e permanece aí até à sua morte ocorrida em 1914. Pelos contos que publicou no *Almanach Pro-*



Casa onde nasceu Frederico Mistral

O heroísmo mistraliano ainda mais avulta aos olhos espanitados dos curiosos, ao saberem que o poeta gentil do *Calendal* não é um poeta pastor, um rústico genial que não conhece mais do que a sua aldeiazinha e escreve a sua obra quasi na inconsciência, instintivamente, evadido da incultura! Não, pelo contrário, Mistral é culto, conhece o que há além da sua querida Maillane, faz os seus estudos em Avignon, é advogado, conhece a fundo a literatura do seu tempo e por último tem nitida consciência das suas possibilidades, porém nada acha mais belo nem mais sedutor, nem mais digno dos seus destinos, do que o seu berço natal e dedica-lhe com paixão, todo o seu veemente pensamento de poeta. É um caso típico de regionalismo lírico! Talvez em Paris tivesse sido mais rápido o seu triunfo, mais seguro mesmo, mas éle não quis. Os prémios que a Academia Francesa lhe concedeu em 1899, e a cadeira que lhe ofereceu mais tarde, foram esse triunfo que estando em Paris teria alcançado bem mais cedo.

Mas, a-pesar dos atrasos que nunca preocuparam o triunfador, a obra do poeta provençal é um reflexo que hoje deslambra os eruditos, os cultos e os populares de toda a costa mediterrânea, Mireille é a obra prima que inspirou o génio de Gounod. É um poema de estrofes tão sentimentais, tão puras, tão luminosas de verdade que maravilham o mundo inteiro. O sublime poeta descreve os ingénuos amores, simples e humildes de um cesteiro chamado Vicente, mas com que análise inteligente de artista exímio, éle não os descreve! Que profundo e conceituoso não é o seu patriotismo que se esmalta, de principio ao fim, dos preciosos recamos da antiga poesia trovadoresca! Pitorescos doze cantos de Mireille! Que fulgor de vida campesina! Lavradores, granjas, pastores, lendas, bailes regionais, farândolas, enfim, todo esse infinito rústico que é um fundo sécnico para um Wagner menos tempestuoso e menos inflamado!

Define-se ali um poeta? Apenas um poeta? Um poeta lírico? Nas suas expressões linguísticas não será um filólogo? Nas descrições dos quadros não será um pintor de costumes e um etnógrafo? E não será um filósofo e um pensador e um sociólogo e um político também?

Nas suas obras não há teses nem se abordam os problemas fundamentais. Sua arte é serena e dourada como o sol da Provença mas nos reflexos dessa obra não haverá a consciência completa de uma finalidade? *Mireille*, *Calendal*, *Poema do Rodano*, *A Rainha Joana* e outros escritos todos em Provençal se contivessem apenas brismo, a língua d'Oc, a língua de ouro não aceitaría Frederico Mistral para o seu campeão e o *Tesouro de Felibrège* que é o dicionário provençal-francês nunca appareceria assinado por Mistral.

Entre Frederico Mistral e Afonso Daudet existem afinidades que se dissipam mas logo se congregam num grande instrumental. E enquanto tenho aqui presente através de alguns estudos, a imagem lídima do poeta provençal que escreveu em verso, ondeia-me nos olhos do espirito em amavios de luar, a figura graciosa do poeta de Nimes que escreveu em prosa. Impossível é separá-los. Daudet é mais universal e a sua obra é mais ampla e diversa, mas o que nela existe de melhor é precisamente o que éle escreveu da sua Provença. Mistral persiste na estreita defesa da idolatria *provençalizante* da sua aldeia. Daudet desvia-se d'ele muitas vezes, mas ambos encontram-se no percurso que fazem. Mistral emprega o dialecto provençal, enquanto que Daudet usou o idioma official. Mistral aterra-se à sua raça *raço-raço*, ao seu espirito, à sua tradição, faz a sua obra e depõe-a nas mãos do seu povo. Daudet escreve sua obra em francês e fá-la circular, e põe automaticamente, todo o mundo em contacto com a sua Provença.

Assim a Provença fica sendo com éles um reino longínquo e encantado que tivera um rei poeta que nunca saíra do seu palácio e esse rei tivera um embaixador inquieto que percorreria o mundo a contar as belezas da sua pátria.

Mistral mostra-nos a sua Provença solene, augusta, cheia de perfeições, mas Afonso Daudet é menos divino porque gosta de ser delicioso e na *Arleziãna*, no *Tariarin de Tarrascón* e nas *Cartas do Meu Molinho* chega a ser um irreverente humorista e então a magestade divi-

nizada de Mistral digna de um templo grego complacentemente sorri para o seu irmão alegre e falador.

Portugal foi influenciado pelos poetas provençais e o próprio D. Denis acha que os *provençais são bons poetas*. Os eruditos atingem conclusões que só a éles são permitidos, e desde Adolfo Coelho o iniciador dos estudos da sciencia filológica entre nós, há sábios como dr. Leite de Vasconcelos, D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, Teófilo Braga, dr. José Joaquim Nunes, etc., que se occuparam da influencia da poesia provençal em Portugal e en limito-me às referências que os mestres portugueses fazem no preambulo destinado para o estudo da poesia portuguesa.

O primeiro trovador foi o conde de Poitiers, duque de Aquitânia, que appareceu nos fins do século XI. Esta poesia trovadoresca teve a sua idade de ouro, que Fred. Diez, conhecido como patriarca da filologia românica, historia largamente. O assunto dessas composições poeticas era exclusivamente o amor, embora, raramente, apparecessem poetas politicos e guerreiros, no numero dos quais se enfileira Bertran de Bora, que Dante condena no seu inferno, pelo crime de ter feito insurgir, com as suas canções belicosas, o filho de Henrique II da Inglaterra contra o seu pai.

No lindo canto III da Mireille, Mistral evoca as deliciosas côrtes de amor ou tribunais, que

seguíam executando o código das *Leys d'amours*, leis que ditavam ao mundo culto dessa época, os principios da gramática e da métrica provençal, que constituíam, ao mesmo tempo, as regras da cortezia e do bom tom.

A poesia cortezã dos trovadores succedeu a poesia religiosa e mística, a que não foi estranho, certamente, o estabelecimento da Inquisição no sul da França. Desta sorte, os trovadores foram os educadores primorosos e fundaram a *escola provençalizante*, que provençalizou a Europa. Éles criaram a arte nova de poeiar. Deve-se-lhes a originalidade inventiva de muitas estrofes e géneros líricos. O culto da forma dos trovadores, que nunca mais deixou de ter mártires, influiu decisivamente na transformação das literaturas e dos costumes dos povos pela nova concepção do amor e da mulher.

E Frederico Mistral será o ressuscitador dessa poesia? Diz Gaston Paris que não, que Mistral decalca os modelos franceses. Mas alguém pergunta: onde teriam ido esses senhores de Paris, os Malarmés e Morás, os decadistas, instrumentistas, simbolistas, buscar as suas rimas caras e os seus enigmas simbólicos? As próprias obliterações dos nefelibatas não foram usadas ou, antes, inventadas pelos trovadores na sua pior fase? Onde foram encontrar os decadentes do século XIX aquelas roupagens extravagantes e os processos de arte para irritar o seu público que os odiava e os amava?

ERCARISTINO DE MENDONÇA



O túmulo onde repousam os restos de Mistral

A peça de Majólica

CONTO HUMORÍSTICO



ILUSTRAÇÃO
DE
SANTOS

O senhor João da Costa tinha a mania respeitável das antiguidades. Todos os patacos, que lhe sobravam das economias, ia o senhor João da Costa espantando-os conscienciosamente nas lojas de *bric-à-brac*. Os traficantes de trastes velhos, de gravuras amarelentas e de louças estaladas de Sévres e da Índia possuíam neste teimosíssimo varão um grande amigo de antes quebrar que torcer, um desses adoráveis clientes que em tudo vêem pechichas e que pagam e não bufam.

Como há homens que se perdem com as mulheres ou com o vinho, era o senhor João da Costa um amante fiel e furioso das coisas antigas, com sua pontinha inebriante de cheiro a mofó. Buchera a casa dessas preciosidades veneráveis dos bons tempos luxuosos da Renascença, de Henrique II, de Carlos Stuart, de D. João V, de Luís XVI ou do Império. No seu quarto, de rigoroso estilo pombalino, a cama era pernalta, sendo precisa uma escada para se subir para lá, e as cómodas, barrigudas e de gavetas empenadas, tornavam-se incómodas pela falta de espelhos, mal suprida por um vidrinho baço e defeituoso, com seu caixilho de pau santo, pregado na parede. Na sala de visitas, do mais puro Luís XIV — igualzinha a uma saleta histórica do Louvre, onde o Rei-Sol recebia as contumélias as suas favoritas — não havia poltronas amplas e fofas — essas risonhas modernices... — mas apenas, como de direito, cadeiras e sofás de costas abruptas e de braços esqueléticos — e, ao canto, em vez de pianola, dormia um cravo já sem teclas... No escritório, à Império, havia uma bela secretária cheia de ferragens, com competentes penas de fato e frasquinhas de arcaia para chupar borrões, tendo a enfeitada, de bicórneo às três pancadas, o glorioso busto de Napoleão. E o seu quarto de banho era uma reconstituição escrupulosíssima, perfeita, das Termas de Caracala, razão bicuda por que não tinha autoclismo nem canos esmaltados, ainda por descobrir no tempo dos romanos.

Também, por preocupações puristas, não introduzira em casa a electricidade — esse horrível *jazz-band* luminoso! — adoptando em cada divisão, segundo a tirania dos estilos, candeias de azeite ou velas de estearina.

E o senhor João da Costa era inteiramente feliz, como um pachá no seu harem, ao contemplar, enternecido, de bigodeira pendente e com olhos paternais, as credências Luís XV, os contadores hispano-árabes, as mesinhas de laca e os pratos da China. E a sua felicidade era completa, quasi paradisiaca, porque não distinguia ele o bonito do feio e o belo do bonito, professando a opinião conspícua e, como todas as opiniões, muito respeitável, de que, nos tempos de Lourenço de Médicis, de Richeieu ou de Maria Antonieta, tudo rebrihava de lindezas e de encantos e se não poderiam engendrar, nem por um decreto, coisas horrendas, como hoje. Uma cadeira D. João V era bem autêntica, tinha a talha rodida pelo tempo e desbotada e em fio o estôfo de damasco? uma gravura, com uma grande mancha de lado a lado e com duas mulherzinhas cheias de aleijões à porta dum castelo, datava realmente do século XVIII? Logo, sendo assim magnificamente velhas, como não seriam também, em boa lógica, admiráveis, estupendas?...

E o senhor João da Costa só lamentava uma coisa, do fundo de alma: o não ter vivido, por exemplo, na época janota de Luís XV, não (como se poderia supor...) para fazer namôro aos seios divinos da Pompadour ou da Dubarry, mas apenas para gosar no ambiente próprio, de per-

ruca, de bofes de renda e de calção, a mobília e as pinturas do Trianon ou de Versailles...

Nessa manhã chuvosa de Janeiro, em que as lágrimas do céu carpiam o sol desterrado, o senhor João da Costa, posto à sua escrivaninha, verificava, de lápis em punho, que a vida está caríssima. De súbito, irrompeu pela porta dentro um homem ventruco e sangüíneo, a esbracejar: era um antiquário, como todos os antiquários seu amigo.

— Ora muito bom dia! — disse ele. — Venho trazer-lhe uma linda peça de faiança para pôr em cima da sua urna Renascença... É qualquer coisa de simplesmente formidável!

— Vamos lá a ver isso... — grunhiu o senhor João da Costa, com seus olhinhos de tonpeira faiscantes de curiosidade.

O antiquário mandou entrar uma mulher de sãia de merino e de blusa de ramagens, com um cesto enorme à cabeça. A mulherzinha pousou o cabaz. E o antiquário tirou de dentro dele um grande volume, que desembrolhou com paciência. Depois, exibiu nas mãos um mostrogo considerável de louça de côres.

— Que rica peça, hein? — berrou ele, triunfante.

Era uma grande taça azul e amarela, em feição de algaridar, apoiada em três sólidas patas de felino: suas paredes tinham forma de concha e, da borda superior, rompiam três cabeças de dragão, de belas e terríveis, de olhos ferozes e de guela escancarada. O senhor João da Costa mirou e remirou atentamente os esquisitos animais e ficou deliciado.

— Que espécie de louça vem a ser? — inquiriu — Sévres, Saxe, Majólica?...

— Não sei bem... — respondeu o outro. — Mas, seja lá o que for, é muito bom, é quasi do arroz de quinze...

— Sim, lá bonito é... — concordou. — Ou não fosse antigo... E quanto custa?

— Só quinhentos paus...

— Comprado! — gritou o senhor João da Costa, puxando da carteira.

Pagou. E, com um sorriso finório, contente de si, da sua lábia, rematou:

— Pois fiz um bom negócio... Vale o dôbro, pelo menos...

— Não tenha dúvida... — aprovou o antiquário, muito sizado, mas a rir por dentro.

Havia apanhado aquilo, meia hora antes, a uma pobre senhora esfomeada e sem vintém, atraindo-lhe ao regaço, com gesto generoso, uma nota velha de cinquenta escudos...

O senhor João da Costa, entusiasmado, levou certo dia a casa, para ver a prodigiosa porcelana, um seu amigo, o dr. Maças, muito sábio em vellarias, em especial no capítulo da louça. Era ele um arqueólogo apaixonado e erudito, tendo mesmo feito um artigo muito sério sobre Glözel; dedicara-se também à sciência empírica do *bric-à-brac* e possuía até uma tela muito escura e nevoenta, em que se distinguia a custo um homenzinho de penante, bem como, na margem, um R máitisculo — razão considerável

por que ele a atribuía a Rubens, ou a Rembrandt, ou mesmo aos dois, de sociedade...

Diante da taça dos dragões, o dr. Maças olhou e pasmou.

— Oh! divino! — balbucionou — Mas isto é Majólica! E, se for, como parece, uma faiança italiana do Renascimento, vale milhões, é peça de museu... É quasi jurava que o era! Mas pode também ser uma imitação, do século passado...

O senhor João da Costa quasi estovira de emoção. Pois quê? teria acaso ali uma fortuna, uma raridade?! Nem queria acreditar...

— Só um especialista, vindo do estrangeiro — continuou — poderia decidir... Mas isso, com os diabos! era arriscar muito!...

— Uma peça de Majólica! — repetia o senhor João da Costa, como que idiota de felicidade.

— Se quizeses, dou-te por ela um conto...

— Um conto... do vigário, hein? — retorquiu ele, com seus pequenos olhos maliciosos muito piscos. — Amigos, amigos, negócios à parte...

E saltou, pela primeira vez na sua vida, uma risada fresca.

Ao jantar, a peça de Majólica foi o assunto da família, toda nervosa ante a perspectiva da sorte grande.

— Se fosse Majólica — dizia a mulher do senhor João da Costa, matrona bem provida de carnes e de cebo — podíamos meter obras na casa, comprar um *Rollis-Royce* e ir passar o verão para Vichy...

— Se fosse Majólica — guinchava o Zézinho, o gracioso traquinas, enlêvo do casal — podia-se mercar uma bicicleta e uns patins...

— Se fosse Majólica — respondeu o chefe da família, todo enxofrado — eu não era nenhum tolo para a vender... Ora o disparete! Quando muito, se não passasse dum vilhetes ambicioso, punha-se em exposição, com bilhetes pagos à porta, a cinco corôas... Mas vendê-la?! Que loucura!

Houve um silêncio gelado. Mas o Zézinho imaginou uma vingança cruel, quasi chinesa.

— Se calhar — resmungou, todo sarcástico — aquilo é mas é louça das Caldas...

O senhor João da Costa levantou-se da cadeira furibundo, como que impellido por uma mola eléctrica. E duas sonoras bofetadas condignamente premiaram a gracinha do rebento mimoso e malcriado.

Nessa noite, havia salsifré em casa do senhor João da Costa, em honra da peça de Majólica. As pessoas das relações e amizade vinham todas em bicha apreciar e farejar a portentosa porcelana. E, quando os habbaques iam já a entrar na sala, ouviu-se um estrondo formidável. Fôra o gato francês, o *Joli*, que, a passear por cima dos móveis, balira no precioso objecto, muito na beirinha, e espetara com ele no meio do chão. A raridade estava em cacos!

O senhor João da Costa, a espumar de raiva, deu ao pobre felino um tal biqueiro que lhe causou uma nefrite crónica. E, terrível e soberbo como Júpiter Tonante, correu os convidados pela porta fora.

Nunca mais se consou. E, duma catástrofe tão medonha e tão estúpida como a Majólica em fânicos, concluiu ele, todo céptico, que Deus não existia, ou que, pelo menos, se existisse, não era sumamente inteligente, nem percia patavina de antiguidades...





SINFONIA DO INVERNO

O murmúrio brando da chuva dedilhando nas vidraças sinfonias suaves, em dia penumbroso de inverno, tem um poder evocador tão subtil e penetrante, como a leitura de certos livros que nos deliciam mais pelo que sugerem de fantasia e de sonho do que por seus relatos comédidos.

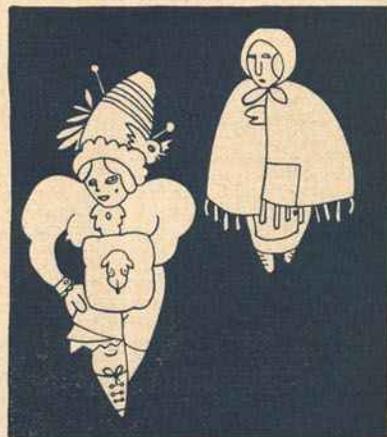
Hoje, domingo, dia soturno, de chuva persistente e monótona, não se aventuraram meus passos lá fora, com receio da molha. Enclausurado e só no meu gabinete de trabalho, impregnado o espírito de uma preguiça vaga que participava um pouco de melancolia levemente amargosa e de sonambulismo ténue, que me fechava dentro de mim mesmo, ante os meus olhos fitos nas linhas trémulas dos pingos de água que escorriam lentos pelos vidros como lágrimas discretas por um rosto de mártir, pedaços da infância distante flutuaram entre as minhas recordações, quais névens fofas e translúcidas, no céu azul, ao impulso da brisa caprichosa.

Recordei, então, outros dias de inverno, igualmente monótonos, embalados pela canção meiga dos aguaceiros sucessivos, de há vinte e cinco anos, e senti-me transportado ao lar da avó que me criou e me meteu no corpo este delicioso vício da literatura. Lá estava bem desenhado no écran da minha imaginação o guarda-louça antigo, enorme, pesado, apocalíptico, sólidamente assente no sobrado sobre quatro largos pés massivos, a sóbria cúpula a roçar o teto e, a quebrar o todo severo das linhas, a alegria dos vidrinhos em losango das suas portas. E através dos vidros, eu espreitava as louças antigas, pintalgadas de fantásticos desenhos vermelhos e azuis que, ao jantar, me evocavam terras longínquas e misteriosas do Oriente habitadas por entes estranhos que passavam a vida sob chapéus de sol raiados de côr, abanando-se encalmados e equilibrando no cabelo longos espetos que então as senhoras usavam nos chapéus monumentais. Ao meio da casa, a mesa de jantar ampla e quadrada, coberta por um grande pano adamascado cujas franjas, rojavam pelo solo; a um canto, o canapé de palhinha comprido e largo como um leito de casal e sobre a pedra mármore de uma banca antiga, entre *bibelots*, o relógio de cuco, em madeira negra enrugada de relevos, o relógio que me obrigava, por vezes, a contar os minutos e a espiar o instante em que o lindo pássaro escancarava o postigo misterioso e, abrindo

A MENINA SUZANA — A MISÉRIA DA SR.^a MIQUELINA — «TORRÃO DE ALICANTE» — «MENINAS DESTA RUA...» — «DEZ RÉIS, TRINTA!...» — MEXILHÃO E MARMELOS ASSADOS — A PAIXÃO INEXTINGÍVEL DO SR. AGOSTINHO — O GRANDE... PEQUENO MUNDO DE UMA ARTERIA SOLITÁRIA E TRISTE

a boca, mostrando língua vermelha e arfando as asas, me arremessava, em cadenciadas mesuras, hora sobre hora — *cou-cou, cou-cou, cou-cou...* A quantas locubrações me obrigou aquele pássaro quasi milagroso, que cantava, batia as asas, assomava à porta e abria a boca, como se fôsse de carne e osso! A dificuldade daquela mecânica encantava-me, maravilhava-me.

E por entre as sombras destas recordações outra sombra me aparece hoje: — a silhueta esbatida de minha avó, embocada em um lenço negro para lhe abafar os ouvidos molestos, o rosto macilento, os olhos escuros, suaves, inteligentes, brilhando por detrás dos óculos, o corpo franzino e friorento, já alquebrado, vestido de preto severo, e um quê de austeridade a emanar de toda ela que ainda perdura no meu espírito ao evocá-la com saudade e respeito.



folhas amarelecidas que tombavam melancolicamente na relva, me causavam arrepios de frio. Passava então longas horas, trepado a um banco, o rosto contra a vidraça espreitando a rua onde os transeuntes e os veículos eram mais raros do que em um deserto asiático.

Todos os pormenores da vida calma, provinciana, daquela artéria lisboeta, onde a erva crescia sem cuidados e os gatos pisando, cautelosos, o macadame húmido, vinham banquetear-se com despojos de peixe que as velhas da vizinhança lhes arrojavam por esmola, todos os pormenores — desde o bater estrepitoso das portas aos pregões cantados dos vendedores ambulantes — se me fixaram na memória. E hoje, convocados pela saúde, nesta quadra do ano em que as famílias disseminadas se reúnem à mesa da alegria e da abundância, eles veem naturalmente até mim e estão presentes, sorrindo-me familiarmente, afagando-me como estes queridos que a separação tornou ainda mais queridos.

Lá vai a menina Suzana, a linda Suzana, que todos os rapazes daquele canto de Lisboa fitavam com olho cubitoso. Mas a menina Suzana, a linda e — pelo que constava — pouco casta Suzana, não ligava importância aos trançotes da vizinhança que a devoravam com o olhar. Bem agasalhada no seu casaco de peles brancas — um casaco que, nas bocas linguareiros da senhora Joaquina e da Dona Margarida, atingira o preço fabuloso de cem mil réis, a Suzana, nova, fresca, atravessava a rua, mostrava escandalosamente a perna acima do tornozelo para evitar lama na saia, e desaparecia à esquina. Ia todos os dias à mesma hora, ao fim da tarde, encontrar-se com o amante — um velho rico e casado que a amimava com tudo que era bom.



Eu morava então em uma rua solitária e triste. Defronte das janelas de minha casa erguia-se o muro ciumento de uma quinta; por cima do muro aparecia o massivo verde-escuro do arvoredor, e para lá dessa vegetação, o monte escaldado da Penha de França e a igreja com o catavento na cúpula, que a minha esplêndida vista de outrora apercebia agitado pela ventania agreste. Era, pelas férias do Natal — oito dias de doce e monástica clausura na casa severa — que, livre das pequenas mas absorventes preocupações escolares, mais horas me sobravam para observar a rua. Poucas vezes o tempo, cujas oscilações minha avó temia tanto como um lavrador, me permitia gozar uns momentos de liberdade nos jardins, onde as estátuas nuas açontadas pelo vento e acariciadas pelas últimas

